

Thaís Maíra Machado de Sá

**Definido fraco e definido genérico: duas faces
do mesmo fenômeno?
Uma investigação experimental**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG

2017

Thaís Maíra Machado de Sá

Definido fraco e definido genérico: duas faces do mesmo fenômeno? Uma investigação experimental

Tese de doutorado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos,
como requisito parcial à obtenção do título
de Doutor em Linguística teórica e descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e
Descritiva

Linha de Pesquisa: Processamento da Lingua-
gem

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza G. A.
Cunha Lima

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2017

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

S111d Sá, Thaís Maíra Machado de.
Definido fraco e definido genérico: duas faces do mesmo fenômeno? [manuscrito] : uma investigação experimental / Thaís Maíra Machado de Sá . – 2017.
120 f., enc. : il., fots, grafs, tabs (color) (p&b)
Orientadora: Maria Luiza G. A. Cunha Lima.
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de Pesquisa: Processamento da Linguagem.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 87-90.
Anexos: f. 91-96.
Apêndices: f. 97-120.

1. Linguística – Teses. 2. Psicolinguística – Teses. I. Lima, Maria Luiza. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 410



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS



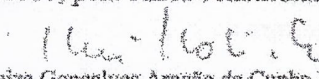
FOLHA DE APROVAÇÃO

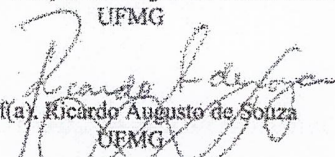
Definido fraco e definido genérico: duas faces do mesmo fenômeno? Uma investigação experimental


THAÍS MAÍRA MACHADO DE SÁ


Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Processamento da Linguagem.

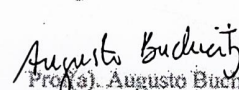
Aprovada em 24 de fevereiro de 2017, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Maria Luiza Gonçalves Aragão da Cunha Lima - Orientador
UFMG


Prof(a). Ricardo Augusto de Souza
UFMG


Prof(a). Rui Rothe Neves
UFMG


Prof(a). Mahayana/Cristina Godoy
UFRN


Prof(a). Augusto Buchweitz
PUC-RS

Belo Horizonte, 24 de fevereiro de 2017.

Agradecimentos

Agradeço minha orientadora, Maria Luiza, pela minha formação nesses 11 anos, pela orientação, pela amizade, pelas risadas.

Thank you, Mike and Greg. You're great advisors, your wisdom made me and my work much better. Thanks for being always so available, and for your generosity.

Agradeço a Mahayana e o Ricardo pela arguição produtiva da qualificação, que contribuiu muito para este trabalho.

Thiago, muito obrigada por tudo. Você é meu grande companheiro nessa jornada. Obrigada pelos 12 anos juntos.

Pai, mãe, vó, família, obrigada por me fazerem quem sou hoje, por me inspirarem a chegar até aqui.

Clôde, Cintoca, Dê, Mara, minhas queridas amigas que me acompanharam na graduação e na pós. Obrigada pelas conversas, pelos cafés, pelas cervejas, pelos almoços, pelo consolo, pelo incentivo.

Rê, Dindinha, Iara, Clube da Lu, minhas amigas da vida. Eu agradeço a vida por ter me dado vocês, minha família escolhida, fácil, a qual eu devo tudo.

Ju, Marcus, Matheus, Soélis, povo da UFOP, obrigada por tornarem meu último ano tão leve, tão maravilhoso.

Marcelo, obrigada pela indicação de literaturas de estudos de corpus.

Maria Emília, Luiza e Isabela, obrigada por serem orientandas maravilhosas, por aprenderem tão rápido, por fazerem um trabalho tão lindo.

Idoia, nire apologies testu hau bihurtzen guztiak gaizki bada, baina hau eskerrik asko zure hizkuntza eder hori idatzi frogatu nahi, beraz, gaurkoan Google itzultzailea behar dut. Eskerrik asko zure adiskidetasuna, beti motibatuta me jarraituko jarritz, me irakasteko pazientzia estatistiko mundu guztiak batera egiteko eta mila gauza ederrak egiten R. ere etortzen Brasilera duzu berrero?

Linda, thanks for the housing, the friendship, the capoeira experience, the programming tips. Please come to Brazil. Zach, Shirlene, Carol, Frank, Wednesday, Nikhil, thanks for being so awesome, always so kind, so funny, always helping me so much with R and programming. Please come to Brazil. The book is on the table waiting for you.

Anne Pier, thanks for all statistic tips and the helpful books. Chigusa, thanks for being so available to talk about my work, for giving me so many nice ideas and to always being interested on it.

Pessoas do Laboratório Psicolinguística, Kurtan Lab and HLP people, thanks!

Colegas e professores da FALE, obrigada por esses 11 anos!

Obrigada, Tomás, Nicole e Lindinha!

Obrigada, Galo!

"O progresso material dos homens depende das pesquisas abstratas ou científicas do presente, e será aos homens de ciência que trabalham para fins puramente científicos, sem nenhum intuito de aplicação de suas doutrinas, que a humanidade ficará devedora em tempos futuros."(TAHAN, Malba. O homem que calculava. Rio de Janeiro: Record, 1998. p.77-78)

"Ao escrever, nós recebemos segundas chances."(FOER, Jonathan Safran. Tudo se ilumina. Rio de Janeiro: Rocco, 2005)

Resumo

Nos últimos anos, vem acontecendo um produtivo debate sobre a semântica apropriada dos “definidos fracos” (Beyssade e Oliveira, 2013). Carlson and Sussman (2005) propuseram que alguns definidos, os quais denominaram definidos fracos, não apresentam a propriedade de unicidade (*uniqueness*), que é a propriedade definidora dos sintagmas nominais definidos. Neste trabalho de tese, focamos na teoria de Carlson et al. (2013), que propõem que definidos fracos se referem a eventos em estruturas “incorporadas”, e, principalmente, em Aguilar-Guevara and Zwarts (2011, 2013), que propõem que definidos fracos são na verdade um DP genérico, em que o nome denota um tipo. Ao contrário dos trabalhos originais que focam em uma descrição formal, realizamos uma pesquisa empírica projetada para avaliar a hipótese se definidos fracos são interpretados como genéricos. Realizamos uma análise de Corpus em português brasileiro (PB) e quatro experimentos em inglês americano (IA) com o objetivo de comparar interpretações para definidos fracos, genéricos e regulares. No corpus, 2196 ocorrências de NPs definidos foram analisadas, em que observamos a função sintática do DP (sujeito, objeto, adjunto) e seu aspecto lexical (atividade, estado, télico). Os resultados levam à interessante conclusão de que, de acordo com nosso critério de categorização, DP fracos ocorrem mais frequentemente do que genéricos, e que também ocorrem na posição de sujeito, adjuntos, ao contrário do que as teorias aqui analisadas previam. Os experimentos realizados foram baseados na ideia de que a teoria do genérico que prediz que fracos e genéricos devem apresentar padrões semelhantes, enquanto a teoria da incorporação prediz todos apresentam padrões diferentes. Construímos 54 sentenças com um verbo de evento ou atividade, das quais 18 possuíam um objeto que poderia ser interpretado como definido fraco, genérico ou regular. O primeiro experimento empregou um julgamento de sentença, no qual 90 MTurkers deveriam avaliar se os substantivos nas sentenças poderiam ser julgados como um indivíduo ou como uma categoria, os fracos foram julgados mais como indivíduos, os genéricos como categoria. O segundo experimento utilizou uma tarefa de decisão forçada com reaplicação em PB, em que genéricos apresentaram uma significativa preferência por uma introdução de um nome novo, diferindo mais uma vez dos definidos fracos. No terceiro experimento, de completção livre, a proporção de continuações com a repetição da palavra alvo ocorreu em menor frequência para fracos, que seriam incorporados. O quarto experimento era uma tarefa de completção forçada, em que observamos que a forma do nome no plural foi apenas utilizada nos genéricos. Argumentamos que todos os resultados sustentam que definidos genéricos apresentam um padrão diferente em relação aos fracos, constituindo uma categoria de expressões nominais definidas.

Palavras-chave: definido fraco. definido genérico. definitude. linguística experimental. psicolinguística.

Abstract

For the last few years there has been a productive debate about the proper semantics of “weak definites” (Beyssade and Oliveira, 2013). Carlson and Sussman (2005) proposed that some definites, which they termed “weak definites” lack the uniqueness property that is a defining property of regular definite noun phrases. In this investigation, we focus on Carlson et al. (2013) who propose that weak definites refer to events in “incorporated” structures, and mainly on Aguilar-Guevara and Zwarts (2011, 2013), who propose that weak definites in an incorporated structures are a generic DP and the noun denotes a kind, which accounts for its lack of individual reference. While those authors focus on formal descriptons, the current research is an empirical investigation which was designed to evaluate the hypothesis that weak definites are interpreted as generics. We conducted a corpus analysis in Brazilian Portuguese (BP) and four experiments in American English (AE), with the goal of comparing weak definite, regular definite and generic definite interpretations. In the corpus analysis, 2196 definite phrase occurrences were analyzed. We observed the DP’s syntactic function (subject, object, adjunct) and the lexical aspect (activity, state, telic). As result, we present an interesting finding which is that, according to the categorization criteria employed here, weak DPs occur more than the generic ones. Another interesting finding is that the weak definites appear as subjects and that it appears as adjuncts as much as objects. The experiments were based on the idea that the generic hypothesis predicts that weak definites and generics should pattern together, the incorporation hypothesis predicts that they all should pattern differently from each other. We constructed 54 sentences with an event or activity verbal phrase, 18 of which had an object that could have a weak, generic or regular interpretation. Experiment 1 used a sentence judgement in which 90 MTurkers would evaluate if the nouns in the sentences could be judge as an individual or a category, and weak definites were more similar to regular definites, as individual, and generics as category. Experiment 2 used a forced choice task, with replication in BP, and generic definites show a significant preference for a new noun continuation, which differs from weak. In experiment 3, we ran a free completion task, and the proportion of continuations with the repetition of the target word were less frequent on the weak condition, because they are incorporated. Experiment 4 used a forced completion task, and the bare plural form was only used in the generic condition. We argue that all results support that generic definites present a different pattern from weak ones, constituting a category of definite noun phrases.

Keywords: weak definite. generic definite. definiteness. experimental linguistics. psycholinguistics.

Sumário

	Lista de ilustrações	11
	Lista de tabelas	13
	Introdução	16
1	O ARTIGO DEFINIDO	20
1.1	A referência e o artigo definido	20
1.1.1	Outras visões sobre o artigo definido	23
1.2	O definido fraco	24
1.2.1	Definido regular ou fraco?	30
1.2.2	Teorias sobre o definido fraco	33
1.3	O definido genérico	36
1.4	Seria o definido fraco um genérico?	37
2	UM ESTUDO DE CORPUS	39
2.1	O corpus	40
2.1.1	Palavras pesquisadas	42
2.2	Procedimentos de Análise	44
2.2.1	Tipos de definido	45
2.2.2	Análise sintática	47
2.2.3	Análise de aspecto lexical	49
2.3	Resultados e discussões por tipo de análise	53
2.3.1	Posição sintática e tipos de definido	54
2.3.2	Aspecto lexical e tipos de definido	56
2.4	Discussão	57
3	EXPERIMENTOS	60
3.1	Materiais	62
3.2	Experimento 1: Julgamento de palavras	63
3.2.1	Participantes	65
3.2.2	Resultados	65
3.2.3	Discussão	68
3.3	Experimento 2: Decisão Forçada	69
3.3.1	Participantes	70
3.3.2	Resultados	71
3.3.3	Discussão	73

3.4	Experimento 3: Completação livre	74
3.4.1	Participantes	75
3.4.2	Resultados	75
3.4.3	Discussão	77
3.5	Experimento 4: Completação Forçada	78
3.5.1	Participantes	79
3.5.2	Resultados	79
3.5.3	Discussão	81
3.6	Conclusões	82
4	DISCUSSÃO GERAL	83
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO DOS EXPERIMENTOS RODADOS NOS EUA	90
	ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS EXPERIMENTOS RODADOS NO BRASIL	94
	ANEXO A – LISTA DE PALAVRAS ANALISADAS EM CORPUS .	96
	APÊNDICE B – APOSTILA DE TREINAMENTO PARA A ANÁLISE EM CORPUS	97
	APÊNDICE C – LISTA DE SENTENÇAS EXPERIMENTAIS EM INGLÊS AMERICANO	106
	APÊNDICE D – LISTA DE SENTENÇAS EXPERIMENTAIS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	108
	APÊNDICE E – LISTA DE SENTENÇAS DISTRATORAS	110
	APÊNDICE F – JULGAMENTO DE PALAVRAS - INSTRUÇÕES	112
	APÊNDICE G – DECISÃO FORÇADA - INSTRUÇÕES	114
	APÊNDICE H – COMPLETAÇÃO LIVRE - INSTRUÇÕES	116
	APÊNDICE I – COMPLETAÇÃO FORÇADA - INSTRUÇÕES . .	117

Lista de ilustrações

Figura 1 – Cenário do experimento. À esquerda, condição definido forte. À direita, condição definido fraco. (Carlson e Sussman, 2005:11)	31
Figura 2 – TELEVISÃO na condição fraca no espaço neutro. (Sá, 2013:56)	32
Figura 3 – TELEVISÃO na condição forte no espaço determinado. (Sá, 2013:55)	33
Figura 4 – Interface da plataforma <i>SkeethEngine</i> (Kilgarriff et al., 2014:112)	41
Figura 5 – 19 primeiras ocorrências do item <i>escola</i>	43
Figura 6 – 19 ocorrências não analisadas do item <i>escola</i>	44
Figura 7 – Esquema de perguntas inicial para decisão entre os tipos de definidos	46
Figura 8 – Proporção de definidos por tipo em nossos dados	54
Figura 9 – Proporção de definidos por tipo e posição sintática	54
Figura 10 – Proporção de definidos por tipo e aspecto lexical	56
Figura 11 – Julgamento de palavras - Tela da tarefa com a sentença contendo a palavra "ônibus" a ser julgada e a escala.	63
Figura 12 – Julgamento de palavras - Médias dos julgamentos (de indivíduo para categoria) por condição.	66
Figura 13 – Julgamento de palavras - Histograma de julgamentos na condição genérica	67
Figura 14 – Julgamento de palavras - Histograma de julgamentos na condição regular ou forte	67
Figura 15 – Julgamento de palavras - Histograma de julgamentos na condição fraca	68
Figura 16 – Decisão Forçada - Tela da tarefa	69
Figura 17 – Decisão Forçada - Proporção de novos referentes por condição em inglês americano	71
Figura 18 – Decisão Forçada - Proporção de novos referentes por condição em português brasileiro	73
Figura 19 – Completação livre - Tela da tarefa	74
Figura 20 – Completação livre - Proporção de repetição por condição	76
Figura 21 – Completação forçada - Tela da tarefa	78
Figura 22 – Completação forçada - Como as repetições foram realizadas por condição e suas proporções	79
Figura 23 – Julgamento de sentenças - Tela de instruções 01	112
Figura 24 – Julgamento de sentenças - Tela de instruções 02	112
Figura 25 – Julgamento de sentenças - Tela de instruções 03	113
Figura 26 – Julgamento de sentenças - Tela de instruções 04	113
Figura 27 – Julgamento de sentenças - Tela de instruções 05	113
Figura 28 – Decisão Forçada - Tela de instruções 01	114
Figura 29 – Decisão forçada - Tela de instruções 02	114

Figura 30 – Decisão Forçada - Tela de instruções 03	115
Figura 31 – Completação livre - Tela de instruções 01	116
Figura 32 – Completação livre - Tela de instruções 02	116
Figura 33 – Completação livre - Tela de instruções 03	116
Figura 34 – Completação Forçada - Tela de instruções 01	117
Figura 35 – Completação Forçada - Tela de instruções 02	117
Figura 36 – Completação Forçada - Tela de instruções 03	118
Figura 37 – Completação Forçada - Tela de instruções 04	118

Lista de tabelas

Tabela 1 – A propriedade da unicidade e as teorias de Carlson e Sussman (2005) e de Aguilar-Guevara e Zwarts (2011 e 2013)	17
Tabela 2 – Exemplo das sentenças criadas por Carlson e Sussman (2005:11) com tradução para o português.	30
Tabela 3 – Exemplo do material criado por Klein et al (2013)	32
Tabela 4 – Hipóteses de Aguilar-Guevara e Zwarts e de Carlson et al. em relação à posição sintática dos definidos fracos	39
Tabela 5 – Hipótese sobre a classe acional mais frequente em Definidos Fracos e em Definidos Genéricos	40
Tabela 6 – Hipóteses de Aguilar-Guevara e Zwarts e de Carlson et al. em relação à posição sintática dos definidos fracos	48
Tabela 7 – Hipótese sobre a classe acional mais frequente em Definidos Fracos e em Definidos Genéricos	49
Tabela 8 – Ocorrência dos definidos fracos em relação à posição sintática segundo as teorias investigadas e os dados obtidos em corpus	55
Tabela 9 – Tipos de definidos, as classes acionais esperadas como mais frequentes e a distribuição encontrada	57
Tabela 10 – Julgamento de palavras - Hipótese segundo a teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013)	64
Tabela 11 – Julgamento de palavras - Estatística das médias - Modelo Misto Linear	66
Tabela 12 – Decisão Forçada - Hipótese segundo a teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013)	70
Tabela 13 – Decisão Forçada - Proporção de escolhas entre o novo e o anafórico por tipo de definido - IA	72
Tabela 14 – Decisão Forçada - Regressão Logística Binomial - dados IA	72
Tabela 15 – Decisão Forçada - Proporção de escolhas entre o novo e o anafórico por tipo de definido - PB	73
Tabela 16 – Decisão Forçada - Regressão Logística Binomial: dados PB	73
Tabela 17 – Completação livre - Hipótese segundo a teoria da incorporação de Carlson et al.(2013)	75
Tabela 18 – Completação livre - Proporção de não repetição e repetição por tipo de definido	76
Tabela 19 – Completação Livre - Regressão Logística Binomial	77
Tabela 20 – Materiais em inglês americano - Script 1	106
Tabela 21 – Materiais em inglês americano - Script 2	106
Tabela 22 – Materiais em inglês americano - Script 3	107

Tabela 23 – Materiais em português brasileiro - Script 1	108
Tabela 24 – Materiais em português brasileiro - Script 2	108
Tabela 25 – Materiais em português brasileiro - Script 3	109
Tabela 26 – Sentenças distratoras em inglês americano	110
Tabela 27 – Sentenças distratoras em português brasileiro	111

Lista de abreviaturas e siglas

IA	Inglês Americano
PB	Português Brasileira
NP	Sintagma Nominal
DP	Sintagma Determinado
MTurk	Mechanical Turk
ad	Nome transformado em adjetivos
bs	Nome nu singular (<i>bare singular</i>)
it	Pronome
ip	Sintagma nominal determinado pelo artigo indefinido
pdp	Sintagma nominal determinado pelo pronome
qp	Nome acompanhado de um quantificador
verb	Nome transformado em verbo

Introdução

Imagine uma situação em que um amigo está procurando por Maria e João e o diálogo do exemplo (1) ocorre. Podemos afirmar que a expressão nominal definida "*o banheiro*" pode ser interpretada como correferencial, João e Maria teriam ido ao mesmo banheiro. Contudo, também é possível que sejam dois banheiros diferentes, João teria ido ao banheiro masculino, enquanto Maria ao feminino, por exemplo¹.

Exemplo 1. - Onde está Maria?

- Foi *ao banheiro*.
- E João?
- Também.

Agora, imagine que no diálogo do exemplo (2) ocorra. No exemplo (2), a expressão nominal definida "*o auditório*" só pode ser lida como correferencial, em que João e Maria foram ao mesmo auditório. Não é possível a leitura de que sejam dois auditórios diferentes.

Exemplo 2. - Onde está Maria?

- Foi *ao auditório*.
- E João?
- Também.

Apesar de ambas as expressões nominais, *banheiro* e *auditório*, estarem no mesmo contexto e serem determinadas pelo artigo definido, no exemplo (1) é possível uma leitura não correferencial, enquanto no exemplo (2) tal leitura não é possível. Essa diferença semântica entre "*o banheiro*" e "*o auditório*" demonstraria duas diferentes categorias de definido: "*o auditório*", em (2), seria um definido regular ou forte, já "*o banheiro*", em (1), seria um definido fraco. Tal distinção foi proposta por Carlson e Sussman (2005).

A distinção entre definidos fracos e fortes faz parte de um contexto em que se tenta entender o papel do artigo definido na composição da sentença, um problema clássico na teoria semântica. A visão tradicional sobre a função semântica do artigo definido em um sintagma nominal(NP)² é de que a **unicidade** (*uniqueness*) seria a propriedade central da semântica do artigo definido³, proposta por Russell (1905) e prevalece em estudos

¹ Em português brasileiro, acreditamos que a leitura de banheiros diferentes seja a mais frequente (e provavelmente também em Inglês Americano).

² A escolha de NP se deve ao nome em inglês *Nominal Phrase*, que é mais utilizado na literatura linguística.

³ Mais explicações sobre o artigo definido e a referência serão trazidas no capítulo (1).

de semântica até hoje (Roberts, 2003). A unicidade prevê que o NP determinado por um artigo definido seria unicamente identificável, sendo uma propriedade definida como um atributo em que a quantificação do NP "*o X*" (sendo X qualquer expressão nominal) acarreta a existência de uma única entidade no mundo que seria a referência de X. Dessa forma, "*o auditório*" em (2) é unicamente identificável e, por isso, só pode ser lido como correferencial. Contudo o mesmo não ocorre com "*o banheiro*", em (1), em que, apesar do NP ter um artigo definido como seu determinante, pode ser lido como banheiros diferentes. Assim, ao contrastar definidos fortes e fracos, Carlson e Sussman rompem com a visão clássica do artigo definido e propõem que há casos em que o NP determinado por um artigo definido pode não ser unicamente identificável no discurso, nem sempre possuindo a propriedade da **unicidade**.

Enquanto Carlson e Sussman (2005) propuseram que casos como "*o banheiro*", como no diálogo (1), corresponderiam a um novo tipo de categoria da expressão nominal definida, uma análise alternativa, com o objetivo de salvar a propriedade da unicidade, foi proposta por Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013). Os autores sugerem que os definidos fracos seriam na verdade mais uma manifestação de um definido genérico, semelhante a "*o banheiro*" no exemplo (3), em que "*o banheiro*" corresponde a um tipo de cômodo, e não um cômodo específico ou individual, tendo, assim, a unicidade de um tipo de coisa preservada.

Exemplo 3. Empreiteiros incluíram *o banheiro* dentro das casas pela primeira vez em 1854.

Como vemos na Tabela (1), para Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013), o definido fraco denotaria um tipo e não um indivíduo, sendo um DP⁴ genérico. Dessa forma, nos exemplos (1) e (3), "*o banheiro*" apresentaria a propriedade da unicidade, contudo, seria uma unicidade de tipo e não de indivíduo. Também, na Tabela (1), observamos o contraste da visão dos autores em relação à visão de Carlson e Sussman (2005), pois os últimos defendem que o fraco seria uma categoria distinta de regular e genérico, por não apresentar unicidade.

Tabela 1 – A propriedade da unicidade e as teorias de Carlson e Sussman (2005) e de Aguilar-Guevara e Zwarts (2011 e 2013)

Tipos de definido	Carlson e Sussman (2005)	Aguilar-Guevara e Zwarts (2013)
Definido regular ou forte	apresenta a unicidade de indivíduo	apresenta a unicidade de indivíduo
Definido genérico	apresenta a unicidade de tipo	apresenta a unicidade de tipo
Definido fraco	não apresenta unicidade	apresenta a unicidade de tipo

⁴ A escolha de DP se deve ao nome em inglês *Determiner Phrase*, que é mais utilizado na literatura linguística.

Nosso trabalho visa, a partir de uma perspectiva experimental, investigar se o definido fraco e o genérico seriam "diferentes faces do mesmo fenômeno", como é proposto por [Aguilar-Guevara e Zwarts \(2011, 2013\)](#). Nosso objetivo é observar, por meio de dados quantitativos, se fracos seriam iguais aos definidos genéricos. É importante ressaltar que a discussão apresentada por [Aguilar-Guevara e Zwarts \(2011, 2013\)](#) e [Carlson e Sussman \(2005\)](#) sobre o definido fraco se realiza na tradição da semântica formal, por meio de tratamento lógico.

Sabemos que a metodologia mais utilizada em pesquisas sintáticas e semânticas é o método introspectivo ([Gibson e Fedorenko, 2010](#)) e o tratamento lógico utilizado na discussão sobre o definido fraco segue a linha introspectiva, sendo o julgamento dos próprios linguistas a propriedade definitória para a construção da teoria de que o fraco apresentaria a unicidade de tipo. Como [Culicover e Jackendoff \(2010\)](#) defendem, acreditamos que julgamentos são úteis no início da pesquisa, pois muitas pesquisas surgem de hipóteses introspectivas de filósofos da linguagem, por exemplo ⁵. Além disso, é inegável a tradição da linguística formal, que apresenta uma respeitável tradição em estudos com base intuitiva.

Contudo, como [Gibson e Fedorenko \(2010, 2013\)](#) e [Gibson et al. \(2012\)](#) afirmam, dados que não têm natureza quantitativa podem apresentar um problema metodológico que afeta as pesquisas em sintaxe e semântica na linguística, pois ao utilizar o próprio julgamento, o linguista pode fazer com que resultados de propriedades lexicais, por exemplo, sejam descritas como propriedades semânticas ou sintáticas. No caso dos definidos fracos, ao se dizer que o definido fraco seria equivalente ao genérico por meio de exemplos construídos pelos autores, pode-se confundir alguma propriedade própria dos itens com uma realidade semântica. Assim, a ideia de que a existência de DPs determinados por artigo definido com uma leitura que não apresenta unicidade pode ser descartada erroneamente.

Além disso, os autores também apontam que há um viés cognitivo por parte do pesquisador, pois seus julgamentos e de seus colegas também podem não ser confiáveis. Os sujeitos, geralmente, não reportam com precisão ou fidelidade o que sentem, sendo altamente influenciados por julgamentos sobre as percepções de mundo, como preconceitos sobre o que é certo, como a língua deve funcionar etc. Ainda há o fator de que a maioria dos processos envolvidos em processamento psicolinguístico é rápido demais para que os sujeitos possam ter qualquer acesso subjetivo ou consciência deles.

Por tais problemas de uma metodologia introspectiva, acreditamos que as teorias linguísticas com suporte quantitativo são mais confiáveis. Experimentos, por exemplo, apresentam maior consistência de julgamentos entre vários pares de julgamentos e revelam quais efeitos podem causar diferenças de julgamentos, o que ajuda a determinar se os dados são importantes para a teoria. Além disso, os dados distribucionais quantitativos retirados

⁵ Um dos exemplos clássicos de um método racionalistas, da defesa de uma tradição lógica e introspectiva é [Chomsky \(1966\)](#).

de *corpus* também contribuem para uma observação empírica e ecológica dos dados. Nosso trabalho apresenta um objetivo experimental e distribucional, em que almejamos contribuir para a compreensão do artigo definido e do seu papel composicional por meio de dados quantitativos. Tal análise parte da hipótese de que definidos fracos, fortes e genéricos são três diferentes categorias de definitude, observando a distribuição sintática e semântica dessas categorias em um corpus em português brasileiro (PB) e o comportamento de sujeitos em experimentos em inglês americano (IA) ⁶ em relação às categorias de definitude apresentadas nos estímulos.

Portanto, em nossa narrativa experimental, não chegaremos a propor fórmulas semânticas para as categorias fraca e genérica, mas tentaremos mostrar, por meio de uma análise de corpus e de quatro experimentos (Julgamento de palavras, Decisão Forçada, Completação Livre, Completação Forçada), que os definidos fracos aparentam ser uma categoria própria de definitude, apresentado dados distribucionais e experimentais diferentes dos definidos genéricos. Para tal, iniciamos com uma discussão sobre o artigo definido (Capítulo 1). Começamos com a tradição do artigo definido visto como regular ou forte (seção 1.1). Depois, exploramos o definido fraco e suas teorias (seção 1.2). O definido genérico é apresentado (seção 1.3) seguido de uma discussão teórica vigente da ideia que o definido fraco seria um genérico (seção 1.4).

Na busca do melhor entendimento das categorias fraco e genérico, visamos observar em que estruturas os ditos fracos ocorriam em relação aos genéricos e como participantes dos nossos experimentos se comportavam quando realizavam tarefas que possuíam tais categorias. Assim, sem preferência por uma ou outra teoria, levantamos a hipótese de que se genérico e fraco fossem o mesmo fenômeno, observaríamos comportamentos semelhantes das ocorrências dos tipos de definidos, comportamentos diferentes demonstrariam a possibilidade de que as categorias também seriam diferentes. Nossa narrativa de análise de dados começa com o nosso estudo de corpus (Capítulo 2), em que, a partir da categorização de Carlson e Sussman (2005) sobre definidos fracos e genéricos, observamos em que contexto sintático os definidos se encontravam.

Após entender melhor a ocorrência dos fracos, dos genéricos e dos regulares, partimos para os nossos experimentos (Capítulo 3). Iniciamos com a formulação de nossas sentenças experimentais (seção 3.1) que fizeram parte de uma série de experimentos, sendo o primeiro um julgamento que tinha o intuito de classificar nossos itens (seção 3.2), seguido de uma tarefa de decisão forçada (seção 3.3), um experimento de completção livre (seção 3.4) e uma tarefa de completção forçada (seção 3.5). Encerramos esta narrativa de pesquisa com uma Discussão Geral (Capítulo 4).

⁶ Um dos experimentos foi reaplicado em PB. A justificativa dos experimentos terem sido realizados em IA e de termos reaplicado um dos experimentos se encontra no capítulo 3.

1 O artigo definido

1.1 A referência e o artigo definido

A referência pode ser definida como a operação linguística pela qual é possível apontar para entidades do mundo dentro do discurso. A referência é um problema clássico, fundamental na teoria semântica, com teorias alternativas e que pode ser apreendida por meio de diferentes abordagens (c.f. Chierchia, 2003; Abbot, 2010).

Frege (1978), filósofo da linguagem, apresentou uma abordagem em que, para se chegar ao significado de uma sentença, deveríamos distinguir referência e sentido. Para o autor, o sentido seria o modo de apresentar a referência, o conceito associado à expressão (c.f. Cançado, 2005; Chierchia, 2003). Frege (1978:62) traz como exemplos de sentido as expressões “*Estrela da manhã*” e “*Estrela da tarde*”, em que teríamos a mesma referência, *Vênus*, mas dois diferentes sentidos, duas diferentes formas de expressar tal referência. Assim, a referência seria o objeto que designamos por meio do sentido.

O princípio da composicionalidade, para o filósofo, é que seria o responsável pelo estudo do significado das sentenças. De acordo com esse princípio, o significado das sentenças estaria nas partes das sentenças e na estrutura sintática que une essas partes. Assim, como Abbot (2010:19) afirma:

Como Frege defende dois níveis de significado – sentido e referência – para ele a composicionalidade é um princípio de dois níveis. O sentido da sentença é determinado pelos sentidos das partes (mais a sintaxe) e a referência é determinada pelos referentes das partes (mais a sintaxe).¹

Para se chegar ao significado de uma sentença, o autor propõe que devemos chegar às condições em que a sentença seja verdadeira. Frege propõe uma análise composicional para que as condições de verdade sejam avaliadas, em que se devem avaliar as partes da sentença. Assim, chegar ao significado seria uma operação local, em que cada sentido teria uma parte do valor de verdade da sentença, e, para se chegar a este valor de verdade, é necessário delimitar a referência, saber sobre qual objeto se fala². Dessa forma, para Frege, a referência de uma sentença nos permite avaliar suas condições de verdade, o que nos permite alcançar seu significado, ou seja, precisamos saber a relação estabelecida entre

¹ Original em inglês: "Since Frege was arguing for two levels of meaning – sense and reference – for him compositionality is two-level principle. The sense of a sentence is determined by the senses of this parts (plus syntax), and the reference is determined by the referents of the parts (plus syntax)".

Todas as traduções aqui presentes foram realizadas pela autora deste trabalho.

² Ao falarmos de valor de verdade da sentença é bom lembrar que para tal teoria estão em foco somente as propriedades puramente semânticas da língua.

a expressão nominal "*a janela*" e seu referente no mundo para chegarmos ao significado do exemplo (4).

Exemplo 4. Não abra a janela, está quebrada!

A leitura composicional é robusta e apresenta dados importantes para o significado da sentença. Em sua análise, Frege objetiva um tratamento lógico e, por isso, como afirma Oliveira (2001:100), "(...) Frege se compromete com a existência de um mundo real (...)". O filósofo da linguagem afirma que personagens fictícios, criados pelo mundo da imaginação, não existem e, por isso, não podemos estabelecer as condições de verdade de sentenças como (5), abaixo. Para o autor, como não existe um rei da França, não poderíamos afirmar se a sentença (5) é verdadeira ou falsa.

Exemplo 5. O atual rei da França é calvo.

a. O atual rei da França -> não existe

A visão de Frege provocou discussões sobre qual seria o papel dos determinantes no NP, principalmente qual seria o papel do artigo definido. Os protótipos da definitude e da indefinitude em inglês são, respectivamente, o artigo definido "*the*" e o artigo indefinido "*a/an*" e o sintagma nominal (NP) singular determinado por eles (Abbot, 2004). Em português, os correspondentes são "*o/a*", "*um/uma*".

Russell (1905) propõe uma das primeiras teorias sobre definitude tentando demonstrar que é possível avaliar o valor de verdade de sentenças como em (5). O autor acreditava que as sentenças deveriam ser sempre falsas ou verdadeiras e que os determinantes deveriam ser analisados para se saber as condições de verdade das sentenças, como afirma Cunha Lima (2004):

Bertrand Russell propõe-se a explicar o papel que expressões denotadoras (*denoting phrases*) desempenham na determinação do valor de verdade das proposições que as contêm. Russell chama de denotadoras todas as expressões como: *um homem, todo homem, algum homem, o atual Rei da França, o centro do sistema solar no primeiro instante do século XX*.

O artigo de Russell explora principalmente os NP determinados por artigos definidos, que denotariam um objeto definido, sendo caracterizados pelo o que o autor chama de *unicidade* (*uniqueness*). O filósofo afirma que a quantificação do sintagma nominal *the X* (*X* sendo qualquer expressão nominal) requer a existência de uma e somente uma entidade no mundo que seria a referência para a expressão *X*. Como vemos no exemplo (6) de Russell (1905: 479) abaixo, o sintagma nominal denota um e somente um "*rei da Inglaterra*", um homem único no discurso. Já no exemplo (7), do mesmo autor, o NP determinado por um artigo indefinido não denotaria um único homem, mas um homem ambíguo no discurso.

Exemplo 6. O atual rei da Inglaterra.³

Exemplo 7. Um homem.⁴

Assim, o autor propõe uma leitura de existência para o NP definido, que podemos traduzir como $\exists x[\text{rei da Inglaterra}(x)]$. Dessa forma, o valor de verdade da sentença também deveria ser dado composicionalmente, contudo, compreendendo a análise da existência dos termos da sentença. Para avaliarmos se o exemplo (8) é verdadeiro, devemos traduzi-lo para sua forma lógica e avaliar o valor de verdade de suas partes. Como demonstrado em (8c), não existe o atual rei da França e por isso, para Russell, (8a) é falso.

Exemplo 8. a. O rei da França é calvo.

b. $\exists x [\text{rei}(x, \text{França}) \ \& \ \forall y[\text{rei}(y, \text{França}) \rightarrow y=x] \ \& \ \text{calvo}(x)]$

c. $\exists x [\text{rei}(x, \text{França}) \ \& \ \forall y[\text{rei}(y, \text{França}) \rightarrow y=x] \rightarrow \text{é falso, pois } \sim \exists x[\text{rei}(x, \text{França}) \ \& \ \forall y[\text{rei}(y, \text{França}) \rightarrow y=x]$

Mais tarde, Strawson (1950) discute a perspectiva denotacional de Russell. Ele defende que a análise do valor de verdade deveria incorporar o uso da proposição, levando em consideração uma visão mais pragmática; ao contrário de Russell que atribui o valor de verdade sem levar em consideração o uso da sentença. Dessa forma, o exemplo (5) para Strawson poderia ser verdadeiro se fosse dito em um momento em que existisse um rei da França e ele fosse calvo.

Apesar de discordarem em relação a como o valor de verdade da sentença deve ser analisado, tanto para Russell quanto para Strawson, o NP definido denota um único referente. Strawson (1950: 320) afirma que o sintagma nominal definido é utilizado para “mencionar ou referir a uma pessoa individual ou objeto singular ou evento particular ou lugar ou processo”⁵. Ele nomeia o uso da expressão definida como “uso de referência única”⁶.

O definido *regular ou forte*, neste trabalho, é visto como o sintagma nominal determinado por um artigo definido singular, que apresentaria a propriedade da *unicidade*, proposta por Russell (1905). Dessa forma, chamamos de definido regular ou forte aquele que apresenta um único referente no discurso, se opondo ao que Carlson e Sussman (2005) chamam de *definido fraco* (seção 1.2).

³ Originalmente, em inglês: Russell (1905: 479): “*The present King of England*”.

⁴ Originalmente, em inglês: Russell (1905: 479): “*A man*”.

⁵ Originalmente, em inglês: “*mention or refer to some individual person or single object or particular event or place or process*”.

⁶ Originalmente, em inglês: “*uniquely referring use*”.

1.1.1 Outras visões sobre o artigo definido

Donnellan (1966) discorda das visões de Russell e Strawson, pois para ele as expressões definidas apresentam uma ambiguidade estrutural, que não foi levada em consideração por aqueles autores.

A sentença (9), exemplo clássico utilizado por Donnellan, nos permite perceber a ambiguidade. Imagine que, ao encontrar Smith brutalmente morto, alguém diga a sentença em (9). Em tal situação, não se sabe quem assassinou Smith, nem sequer se faz referência a um indivíduo particular, mas a qualquer indivíduo que seja o assassino de Smith. O autor denominou esse uso do NP definido de atributivo.

Exemplo 9. O assassino de Smith é louco.

Há ainda outra leitura para (9), em que o assassino de Smith é conhecido como Jones. Imagine que ao ser levado a julgamento, Jones demonstrasse um comportamento desequilibrado e alguém diga (9). O uso do NP definido, nessa situação, seria referencial, pois o falante está fazendo referência especificamente a Jones. Mesmo se Jones for inocente, se o interlocutor identificar que o referente de "assassino de Smith" é Jones, o ato referencial é bem sucedido.

Como Cunha Lima (2004:116) afirma, tal distinção é importante, pois precisamos perceber se a função do NP definido é referencial ou não antes de discutirmos seu significado:

Aqui, o mais importante em relação a essa distinção é que, nos termos em que Donnellan a propôs, ela reforça a importância do contexto e dos conhecimentos e crenças partilhadas para a correta interpretação de uma sentença. (...) Donnellan, por sua vez, afirma que as descrições definidas são usadas para mais coisas do que somente referir. Para entender o papel desempenhado por uma certa descrição numa sentença é preciso, primeiro, estabelecer se ela está sendo usada em função referencial (...).

Heim (1982) apresenta em sua tese uma diferente propriedade dos NPs definidos: a familiaridade. A autora afirma que o artigo definido marca referentes familiares no discurso. Assim, o artigo definido marcaria algo que está na memória compartilhada entre ouvinte e falante, seria algo familiar, anafórico.

Há uma disputa se a familiaridade de Heim seria a principal característica dos definidos ou se seria a unicidade de Russell (1905). Um estudo atual que afirma que a unicidade permanece como característica principal do NP definido é o de Roberts (2003). A autora defende que é a unicidade quem evoca a familiaridade. Para tal, distingue dois tipos de familiaridade: a forte e a fraca. A familiaridade forte é a anafórica, correferencial. Já a fraca seria uma familiaridade que poderia ser acessada de várias maneiras, pode ser algo que é familiar por haver um contexto comum entre os falantes ou até mesmo um contexto

nacional ou mundial que permita tal familiaridade. Ambas as familiaridades só seriam acessadas se o único referente do discurso a quem o NP definido denota for identificado.

Assim como Roberts (2003) questiona a familiaridade de Heim ser a principal propriedade do NP definido, a unicidade também desperta calorosos debates na literatura semântica. Carlson e Sussman (2005) defendem que nem sempre os definidos são unicamente identificáveis, apresentando como principal característica a unicidade. Para os autores, há uma distinção entre os definidos fortes e os definidos fracos⁷. É a partir da perspectiva de Carlson e Sussman (2005) que este trabalho foi desenvolvido, discutida na próxima seção.

1.2 O definido fraco

Ao contrário do que observamos na literatura linguística, Carlson e Sussman (2005) sugerem que nem todos os definidos apresentam unicidade e, por isso, os definidos devem ser distinguidos entre fracos e fortes. Os definidos fortes apresentariam a propriedade da unicidade, apresentando um único referente no discurso. Os definidos fracos não teriam um referente unicamente identificável, **não possuiriam a propriedade da unicidade**. Os autores exemplificam com as sentenças em (10) e (11) abaixo⁸:

Exemplo 10. a. Maria foi para *o mercado*.

b. Eu vou ler *o jornal* quando chegar em casa.

c. Abra *a janela*, por favor?

d. Fred escutou Red Sox *no rádio*.

Exemplo 11. a. Maria foi para *a mesa*.

b. Eu vou ler *o livro* quando chegar em casa.

⁷ Carlson e Sussman (2005) não foram os primeiros a utilizar o nome *weak definites*, ou em português, definidos fracos. Poesio (1994) questiona a unicidade Russeliana (1905) e a familiaridade de Heim (1982), afirmando que em sentenças como "John pegou esses dados do aluno de um linguista" (em inglês: "John got these data from the student of a linguist"), não há necessidade de se ter familiaridade com *aluno* para se compreender a sentença ou necessidade de um único indivíduo ser caracterizado como o aluno de um linguista. Ele nomeou esse tipo de definido como *weak definites*. Carlson e Sussman foram além, afirmando que o definido fraco não possui unicidade.

⁸ Os exemplos foram extraídos de Carlson e Sussman (2005:27), originalmente, em inglês:

(10) a. Mary went to *the store*.

b. I'll read *the newspaper* when I get home.

c. Open *the window*, will you please?

d. Fred listened to the Red Sox on *the radio*.

(11) a. Mary went to *the desk*.

b. I'll read *the book* when I get home.

c. Open *the cage*, will you please?

d. Fred listened to the Red Sox over *the headphones*.

c. Abra **a jaula**, por favor?

d. Fred escutou Red Sox com **os fones de ouvido**.

Os autores chamam atenção para as diferenças entre as referências das sentenças em (10) e das sentenças em (11). Em (11), os NPs definidos (em itálico) denotam um único, específico referente. A referência é forte, pois a identidade particular de *mesa*, *livro*, *jaula* e *fones de ouvido* é necessária, ou seja, saber o referente no mundo desses objetos é necessário para atingirmos o significado das sentenças. Já em (10), os NPs definidos (também em itálico) são fracos, não apresentando unicidade; *loja*, *jornal*, *janela* e *rádio* não precisam ser unicamente identificáveis para que a sentença seja compreendida, não há necessidade de delimitar tais objetos no mundo para chegarmos aos significados das sentenças.⁹

É interessante observar que o sintagma nominal definido pode ser forte ou fraco em português, inglês ou francês, como nos exemplos (12) e (13), abaixo, de Beyssade (2012)¹⁰, sem apresentar mudanças morfossintáticas. Nos exemplos de Beyssade (2012), enquanto a sentença (12) apresenta o DP "*le chien*" ou "*o cachorro*" com uma leitura regular, em que há a necessidade de se saber qual é o cachorro para chegarmos ao significado da sentença, (13) apresenta o DP "*le train*" ou "*o trem*", que, apesar de também ter o artigo definido como determinante, não apresenta a unicidade, ou seja, mesmo sem um único objeto no mundo determinado para ser referente do sentido, chegamos ao significado da sentença.

Exemplo 12. Jean aime les animaux domestiques. Il a un chien et deux chats. ***Le chien***, c'est un setter irlandais, qui s'appelle Flash.

Exemplo 13. Jean est venu par ***le train***: il a dû changer deux fois, à Paris puis à Rennes.

Em (12), "*o cachorro*" é utilizado anaforicamente, retomando um único referente no discurso, sendo um definido forte. Já em (13) temos "*o trem*" como um exemplo de definido fraco, não unicamente identificável.

Contudo, nem sempre uma palavra que apresenta a leitura fraca em uma língua, apresentará a mesma leitura em outra. Carlson et al. (2013) apresentam padrões sobre os tipos de substantivos que receberiam a leitura fraca. O autor afirmou que os nomes definidos fracos fazem parte de algumas categorias específicas em inglês, traduzidas abaixo.

⁹ Lembramos que não seria uma questão de contexto, de pragmática, mas de atingir o significado por sentido e referência, como propõe Fregue, sendo assim uma questão estritamente semântica.

¹⁰ Tradução:

(12). João ama os animais domésticos. Ele tem um cachorro e dois gatos. *O cachorro* é um setter irlandês que se chama Flash.

(13) João veio *do trem*: ele teve que mudar duas vezes, uma em Paris e outra em Rennes. (Em português, não utilizaríamos o artigo "o" no PP "de trem".)

Tais categorias sugeririam que definidos fracos apresentam traços conceituais que seriam comuns entre eles. Dessa maneira, ao pensarmos que vários meios de transporte coletivo apresentam a leitura fraca, como os exemplos abaixo, podemos observar que há um padrão entre os fracos e que eles podem fazer parte de categorias específicas, como as propostas para o inglês por Carlson et al. (2013) e trazidas abaixo¹¹:

- Transporte coletivo: ônibus, trem, metrô (mas avião não teria a leitura fraca em inglês);
- Meios de comunicação: rádio, jornal, notícias, calendário, telefone (mas não livro);
- Serviços: hospital, médico, cinema, loja, banco, banheiro (mas não estádio);
- Tarefa / rotina / substantivos de hobby: cachorro, piano, vasilha, lixo, gramado (mas não exercício);
- Partes do corpo e de construções: joelho, olho, janela, escada, parede (mas não osso).

É interessante observar que em português, quando estão determinados pelo artigo definido, alguns substantivos relativos a transporte coletivo, por exemplo, não aparentam apresentar a leitura fraca. Um exemplo é o item lexical "*trem*". Se observarmos o exemplo (13) em francês e em português (14), percebemos que em português, ao determinarmos o NP, a leitura é obrigatoriamente forte e precisamos saber qual é o "*trem*" para chegarmos ao significado da sentença.

(13) Jean est venu par *le train*: il a dû changer deux fois, à Paris puis à Rennes.

Exemplo 14. * João veio *do trem*: ele teve que mudar duas vezes, uma em Paris e outra em Rennes.

Dessa forma, uma lista de palavras não é suficiente para se saber se o substantivo recebe ou não a leitura fraca em português. Por isso, para verificar se há a leitura fraca, Carlson e Sussman (2005) e Carlson et al. (2006), propõem alguns testes baseados na manipulação das sentenças e dos contextos. Tais contextos tornariam possível avaliar se um NP definido apresenta ou não a propriedade da unicidade e revelam algumas características do definido fraco.

O primeiro teste do definido fraco é relacionado ao fato de que tais definidos só ocorrem com alguns nomes, com itens lexicais específicos. Comparemos os exemplos (15a) e (16). "*O auditório*" de (16) se refere a um lugar específico, enquanto em (15a) "*o banheiro*" não precisa ter seu referente unicamente identificado para que a sentença faça sentido.

Exemplo 15. a. Maria foi *ao banheiro*.

b. Maria foi *ao banheiro dos professores*.

¹¹ Originalmente em inglês:

- Mass transportation: e.g. bus, train, subway (but not airplane)
- Mass communication: e.g. radio, newspaper, news, calendar, phone (but not book)
- Service destination: e.g. hospital, doctor, movies, store, bank, bathroom (but not stadium)
- Chore / routine / hobby nouns: e.g. dog, piano, dishes, trash, lawn (but not exercise)
- Body and building parts: e.g. knee, eye, window, stairs, wall (but not bone)

Exemplo 16. a. Maria foi *ao auditório*.

Apesar do item lexical "*banheiro*" receber uma leitura fraca em (15a), nem sempre isso ocorrerá; itens lexicais específicos que recebem uma interpretação fraca quando modificados, como no contraste em (15b), apresentam uma leitura forte, sendo necessário que o item lexical seja unicamente identificável.

Quando fortes, os itens lexicais apresentam uma identidade particular, em (17), "*o auditório*" e "*a lata*", enquanto quando fracos, os itens lexicais têm uma identidade não-específica, em (17), "*o banheiro*" e "*a janela*".

Exemplo 17. a. Maria foi *ao banheiro* vs. *ao auditório*.

b. Por favor, abra *a janela* vs. *a lata*.

Outra propriedade do definido fraco é seu enriquecimento semântico dado à possibilidade de mais de um referente. O enriquecimento semântico são as várias possibilidades de leitura que o substantivo apresenta. Observemos o exemplo (18a) em contraste com o (18b):

Exemplo 18. a. João soube da notícia *no jornal*.

b. João rasgou *o jornal*.

Em (18a), "*o jornal*" apresenta várias leituras, podendo ser um jornal impresso, televisionado, transmitido por rádio, digital, entre outros. Já em (18b), não observamos o mesmo enriquecimento semântico, pois "*jornal*" necessita de um único sentido para que a sentença seja compreendida, um jornal impresso específico. O enriquecimento semântico dos fracos se mantém mesmo com quantificadores, como em (19), em que mesmo utilizando o quantificador "*cada*", o enriquecimento semântico do DP "*o hospital*" se mantém:

Exemplo 19. *Cada* vítima do incêndio foi levada para *o hospital*. (João ao Hospital Belo Horizonte, Pedro ao Hospital Mater Dei, Maria ao Hospital Socor)

Outra característica dos definidos fracos defendida por Carlson et al (2005, 2006) é que eles não ocorriam usualmente na posição de sujeito. Ao utilizarmos itens lexicais que podem receber a leitura fraca na posição sintática de sujeito da oração, os mesmos itens não costumam ser definidos fracos, como podemos observar em (20a) e (20b):

Exemplo 20. a. *O banheiro* estava alagado.

b. *A janela* tem um adesivo.

Como podemos observar nas sentenças de (20), "*o banheiro*" e "*a janela*" necessitam ter um único referente identificado para que seu significado seja compreendido. A leitura de ambas as sentenças é forte, na qual se mantém a unicidade.

Carlson et al. (2006) chegam a afirmar que raras vezes a leitura fraca é mantida na posição de sujeito, como na sentença (21) em que "*o hospital*" não necessita de um único referente. Os motivos para a permanência da leitura fraca em tais ocasiões não é discutida pelos autores e as ocasiões não são delimitadas ou definidas. Em artigo posterior, Carlson et al. (2013) afirmam que o fraco, na verdade, seria uma incorporação do VP, como veremos na subseção (1.2.2) e a ocorrência de fracos em posição de sujeito fica sem justificativas.

Exemplo 21. *O hospital* é aonde você deve ir quando está muito doente¹².

Exemplo 22. João foi *ao hospital*.

Acreditamos que, especificamente no exemplo (21), a leitura não é fraca, mas sim genérica. Ao dizermos (21), nos parece que "*o hospital*" não se refere a um lugar, mas a um tipo de lugar, apresentando uma leitura genérica. Na posição de objeto ou adjunto, como em (22), há a referência a um lugar, contudo este lugar não é unicamente identificável, apresentando a leitura fraca.¹³

Outro teste que diferencia fracos e fortes é o da correferencialidade. Tal teste demonstra a possibilidade do NP definido funcionar como antecedente de uma expressão anafórica. O contraste se dá porque a leitura forte apresenta necessidade de correferência (23b) e (24b). A leitura fraca não precisa ser correferencial (23a) e (24a). Os fracos podem apresentar referentes diferentes, mesmo em contexto elípticos, como em (24a). A propriedade de não ser necessária a correferência em contextos elípticos, tornando-os ambíguos, como na sentença (24a) é conhecida como identidade *sloppy*¹⁴

Exemplo 23. a. Maria foi *ao banheiro* e João foi *ao banheiro*. (Diferentes banheiros, aceitável.)

b. Maria foi *ao auditório* e João foi *ao auditório*. (Precisa ser o mesmo auditório.)

Exemplo 24. a. Maria foi *ao banheiro* e João também. (Diferentes banheiros, aceitável.)

b. Maria foi *ao auditório* e João também. (Precisa ser o mesmo auditório.)

¹² O exemplo original dos autores é "*The hospital* is where you should go when very ill."

¹³ Na seção (1.4) discutimos mais sobre a possibilidade de um definido fraco ser na verdade um definido genérico.

¹⁴ A identidade *sloppy* foi descrita na literatura brasileira como ambiguidade de identidade estrita ou fajuta por Ilari (1981).

Utilizamos o teste de correferencialidade necessária da leitura forte para nossa análise de corpus e para construir nossos estímulos experimentais, como veremos na seção (2.2).

Uma propriedade interessante dos definidos fracos, observada por Aguilar-Guevara (2011), Schwarz (2013) e outros autores é que sempre podemos colocar um pronome para correferir a um definido fraco, fazendo com que sua leitura, na anáfora, se torne forte, recuperando a unicidade, como mostrado no exemplo (25). Tal exemplo traz o PP "*no hospital*" com uma leitura fraca na primeira oração que acaba se tornando um referente forte com a retomada pelo pronome "*ele*".

Exemplo 25. Bill está *no hospital*, João também. *Ele* tem um ótimo setor cirúrgico.¹⁵

Outra importante característica dos definidos fracos defendida por Carlson et al. (2013) e Klein et al. (2013) é que eles fazem parte de construções específicas como "ir ao banheiro/ir ao hospital". Para Carlson et al (2013:14) "Definidos fracos são restritos pela necessidade de co-ocorrência com, ou por serem 'governados por' certos tipos de itens lexicais como verbos e preposições"¹⁶.

Poderia-se dizer que, como são lexicalmente restritos, apresentam enriquecimento semântico e fazem parte de construções específicas, os definidos fracos na verdade sejam expressões idiomáticas, pois só ocorreriam em um grupo limitado de palavras, estão sempre combinados com verbos e preposições e tal combinação apresenta uma leitura enriquecida, contudo Carlson et al (2013) defendem que fracos não podem ser expressões idiomáticas. Ao pensarmos em expressões idiomáticas, não há um objeto "*balde*" real que João tenha chutado no exemplo (26), já no caso do definido fraco, o objeto apresenta pelo menos um referente no mundo, que não precisa ser identificado, como no exemplo (27) em que há pelo menos um "*hospital*" no mundo para qual João foi.

Exemplo 26. João *chutou o balde* e matou todas as aulas da semana.

Exemplo 27. João *foi ao hospital*.

Ademais, como os autores afirmam (2013:14):

Além do mais, diferentemente das expressões idiomáticas, sempre pode-se trocar as palavras contextuais no sintagma em que o definido fraco está

¹⁵ Exemplo de Schwarz (2012:4): Bill is in *the hospital*, and John is, too. *It* has an excellent heart surgery department.

¹⁶ No original: "Weak definites are further restricted by the need to co-occur with, or be "governed by," certain other lexical items—verbs and prepositions".

contido, preservando a interpretação enriquecida e não única (...) Já para as expressões idiomáticas, isso não é verdade¹⁷.

Os autores trazem os exemplos (28) e (29) para ilustrar tal afirmação¹⁸. Enquanto no exemplo (28) é possível mudar os verbos para *took, rode, caught*, "the bus" continua como um definido fraco, não apresenta unicidade. Já no exemplo (29) não há a possibilidade de mudança de verbo, porque, quando o verbo *bit* muda para *nibbled, chewed*, não há mais a expressão idiomática.

Exemplo 28. Jed *took/rode/caught* the bus.

Exemplo 29. Roxy *bit/nibbled/chewed* the bullet.

Além dos testes semânticos aqui descritos, existem evidências experimentais da distinção entre fracos e fortes, que traremos na subseção (1.2.1), a seguir. Lembramos que o foco do nosso trabalho não está na distinção entre fraco e forte, mas se há uma distinção entre os definidos fracos e os genéricos.

1.2.1 Definido regular ou fraco?

Existem algumas evidências empíricas sobre definidos fracos e fortes serem distintas categorias de definitude. No primeiro artigo sobre os definidos fracos, Carlson e Sussman (2005) realizam um experimento de compreensão em que os autores selecionaram seis palavras que poderiam apresentar a leitura fraca em um determinado contexto e seis palavras que apresentavam a leitura forte no mesmo contexto. Um exemplo das sentenças criadas pelos autores é visto na Tabela (2), abaixo:

Tabela 2 – Exemplo das sentenças criadas por Carlson e Sussman (2005:11) com tradução para o português.

NP definido forte	NP definido fraco
After she finishes her breakfast, Lydia will read the book.	After she finishes her breakfast, Lydia will read the newspaper.
Após o café da manhã, Lydia vai ler o livro.	Após o café da manhã, Lydia vai ler o jornal.

Para cada sentença foi criado um cenário visual com um humano e três objetos correspondentes aos definidos fracos e fortes que integravam os estímulos com dois objetos colocados bem próximos um do outro, enquanto o terceiro era colocado sozinho, longe dos outros objetos. Além dos objetos relacionados às condições fraca e forte, havia ainda

¹⁷ No original: "Furthermore, unlike idioms, synonymous contextual words in weak definite phrases often can be interchanged while preserving the enriched and non-unique interpretation (...) In contrast, this is not typically true for idioms".

¹⁸ Tradução aproximada: (28) Jed pegou/veio de ônibus. (Em inglês, o artigo definido se mantém mesmo com a mudança de verbo)
(29) literalmente: Roxy mordeu/deu mordidinhas/mastigou a bala. Como expressão idiomática: Roxy decidiu fazer algo difícil -> esse sentido só é possível com o verbo *bite*.

três objetos distratores, que não eram mencionados na sentença. Os sujeitos viam um cenário (Figura 1) de cada vez em uma tela de computador enquanto ouviam a sentença na condição fraca ou forte, como as apresentadas na Tabela (2). Eles deveriam escolher qual objeto da cena que viam era o mais envolvido na ação que escutavam. Enquanto participavam do experimento, os sujeitos utilizavam um rastreador ocular que monitorava seus movimentos oculares durante todo o procedimento¹⁹.



Figura 1 – Cenário do experimento. À esquerda, condição definido forte. À direita, condição definido fraco. (Carlson e Sussman, 2005:11)

A hipótese dos autores era que, como os definidos fortes têm a propriedade da unicidade, as sentenças que continham definidos fortes apresentariam uma grande tendência de serem associadas ao objeto sozinho na tela. Já as sentenças que continham o definido fraco seriam pouco associadas ao objeto único. Tal experimento rendeu dois tipos de dados: a escolha do objeto e o movimento ocular. A escolha do objeto confirmou a hipótese dos autores: objetos em grupos foram mais associados à condição fraca, 61% das vezes, do que à condição forte, 17%, e os objetos sozinhos foram mais associados à condição forte, 66%, do que à condição fraca, 33%. O movimento ocular revelou algo similar. Durante a escuta da palavra-alvo na condição fraca, os sujeitos apresentaram uma maior tendência a olhar para o grupo de objetos do que quando ouviam a palavra-alvo na condição forte. Portanto, fracos e fortes se demonstraram duas classes semanticamente distintas de NPs definidos nesse experimento de Carlson e Sussman (2005).

Klein et al (2006) também realizaram uma série de experimentos que contrastam tanto os NPs definidos fracos e fortes quanto o NP definido fraco e o indefinido²⁰. Um dos experimentos testa o enriquecimento semântico das expressões fracas. Essa propriedade foi testada pelo fato de que ela faz perder a especificidade de agente que os sujeitos da sentença apresentam em sentenças com o NP definido forte. Os sujeitos deveriam falar sobre que inferências obtinham sobre um determinado evento. Eles deveriam imaginar o

¹⁹ Para saber mais sobre estudos de rastreamento ocular e resolução de referência, ver Tanenhaus et al (1995) e Runner et al. (1995).

²⁰ Para uma revisão completa dos experimentos rodados por Klein, Carlson, entre outros, ver Sá (2013).

cenário apresentado em cada sentença, responder a uma questão e realizar uma descrição do que ouviram. Um exemplo das sentenças na condição fraca e forte seguidas das tarefas é ilustrado na Tabela(3). Como esperado pelos autores, 71% dos participantes responderam "não" para a pergunta na condição fraca, enquanto somente 40% respondeu "não" para a condição forte. Tal diferença ressalta a existência de enriquecimento semântico na condição fraca, que não necessariamente coloca o sujeito como agente da ação, o que acaba sendo uma leitura obrigatória na condição forte.

Tabela 3 – Exemplo do material criado por Klein et al (2013)

	Definido Fraco	Definido forte
Sentença	The FedEx driver had to go to the hospital. O entregador do FedEx teve que ir para o hospital.	The FedEx driver had to go to the farm. O entregador do FedEx teve que ir para a fazenda.
Pergunta	Was the FedEx driver making a delivery in the scene you imagined? O entregador do FedEx fez uma entrega na cena que você imaginou?	Was the FedEx driver making a delivery in the scene you imagined? O entregador do FedEx fez uma entrega na cena que você imaginou?
Respostas possíveis	Yes/No Sim/Não	Yes/No Sim/Não
Tarefa de descrição	Describe the scene you imagined. Descreva a cena que você imaginou.	Describe the scene you imagined. Descreva a cena que você imaginou.

Em relação a características morfossintáticas que distinguem definidos fracos e fortes, Sá et al (2012) realizaram um experimento em Libras (Língua Brasileira de Sinais) em que encontraram distinções morfossintáticas entre fracos e fortes. A tarefa realizada pelos sujeitos surdos foi recontar vídeos que continham as duas condições (fraca e forte) em Libras. Os sujeitos realizaram a tarefa, delimitando espaços de sinalização diferentes para as condições. Os definidos fracos foram produzidos em um espaço que chamamos de neutro, logo a frente do falante (Figura 2). Os definidos fortes foram produzidos em espaços que chamamos de determinados, à direita e à esquerda do falante (Figura 3).



Figura 2 – TELEVISÃO na condição fraca no espaço neutro. (Sá, 2013:56)



Figura 3 – TELEVISÃO na condição forte no espaço determinado. (Sá, 2013:55)

Após encontrar tal diferença, tais dados foram testados no âmbito da compreensão (SA, 2013) . Assim, os sujeitos assistiam a vídeos com sentenças em que as condições eram produzidas em espaços determinados ou neutros e deveriam associar imagens às sentenças. Duas imagens de uma mesma palavra alvo eram fornecidas e na condição fraca, os sujeitos tiveram uma tendência a atribuir duas imagens, enquanto na forte eles atribuíam uma única imagem, demonstrando que o que diverge entre as condições é ser unicamente identificável. Destarte, os autores encontraram diferenças morfosintáticas tanto na produção quanto na compreensão dos falantes de Libras para definidos fracos e fortes, corroborando a hipótese de Carlson e Sussman (2005).

Em vista dos dados obtidos, que corroboram a hipótese de que definidos fracos e fortes são diferentes categorias, não focamos nessa discussão em nossa pesquisa. Nosso trabalho tem o interesse em testar se definidos fracos seriam uma categoria de definitude, como defendido por Carlson e Sussman (2005) e Carlson et al. (2006, 2013) ou não, se seriam um tipo de definido genérico, como defendido por Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013). Essas e outras teorias sobre o definido serão exploradas na seção a seguir.

1.2.2 Teorias sobre o definido fraco

A partir das evidências de que definidos fracos e fortes seriam distintos, várias teorias sobre o definido fraco foram propostas. Por exemplo, Beyssade (2013) sugere que os definidos fracos seriam sempre *types* e nunca *tokens*. Aqui focamos na teoria da

incorporação de Carlson et al. (2013) e na teoria dos genéricos de Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013).

Os definidos fracos são restritos a alguns itens lexicais, geralmente não aparecem em posição sintática de sujeito²¹ e fazem parte de construções como "ir ao banheiro/ir ao hospital" (Carlson and Sussman, 2005; Carlson et al., 2006; Carlson et al., 2013; Klein et al., 2013). Tais características e evidências experimentais (Klein et al., 2013) levaram os autores a propor a análise de incorporação ou *teoria da incorporação*²² em que o nome sozinho não teria a propriedade da unicidade e o seu determinante o provê uma noção que os autores chamam de "familiaridade cultural"²³.

O termo "incorporação"²⁴ é usado pelos autores em uma natureza que se distingue do termo incorporação sintática/morfológica. Os autores definem incorporação como "um processo em que duas palavras em uma relação sintagmática em um nível gramatical são fundidas para formar uma unidade que tem o *status* de uma palavra (Baker 1986, 1998; Mithun 1984; Massam 2001)"²⁵. Assim, não levam em consideração questões sintáticas e morfológicas que podem estar ligadas ao processo de incorporação²⁶, pois, para eles, o simples processo de ligação do definido fraco com seu verbo ou preposição seria um processo de incorporação.

Tal processo apresentaria uma natureza semântica, focada principalmente no enriquecimento de interpretação (introduzido por Goldberg, 1995) apresentado pelo fraco²⁷. Não há uma definição clara do que seria uma incorporação semântica e, como os autores afirmam, fenômenos desse tipo são raramente descritos ou discutidos. Há um senso comum entre os autores de semântica que em uma incorporação semântica, há um ganho ao valor semântico da incorporação, ou seja, o valor de verdade daquela incorporação deve ser levado em conta como um conjunto na hora de se chegar ao significado da sentença. Assim, os autores afirmam que o definido fraco estaria incorporado por sempre fazerem parte de estruturas eventivas, de atividade, e por apresentarem o enriquecimento semântico, tais propriedades seriam avaliadas em conjunto, na expressão incorporada como um todo, para que possamos atribuir um significado à sentença. Explicando em uma visão composicional,

²¹ Como trazemos no Capítulo (2), em nossa análise de corpus há alguns casos em que os definidos fracos ocorrem como sujeito. Mesmo que raramente aparecendo com tal função sintática, é importante investigá-los para entender em que circunstâncias tal ocorrência é possível.

²² Para Schwarz (2013:15) o definido fraco também faria parte de um processo de incorporação. A diferença entre as análises de Carlson et al. (2013) e Schwarz (2013) é que o último defende que o definido fraco seria interpretável como o definido tradicional.

²³ Termo empregado por Carlson et al (2013:19).

²⁴ Os autores usam o termo entre aspas.

²⁵ No original "(...) is a process whereby two words in a phrasal grammatical relationship are fused to form a unit that has the status of a word (Baker 1986, 1998; Mithun 1984; see also Massam 2001)".

²⁶ Os autores fazem tal afirmação, pois geralmente não há artigos em processos de incorporação, geralmente só ocorrem em VPs, não sendo discutidas incorporações de PP, e sua natureza costuma ter motivação sintática (ver Bittner, 1994).

²⁷ Uma visão alternativa é de Donazzan (2013).

para chegarmos ao significado da sentença (30) abaixo, "*o hospital*" não apresenta unicidade, mas compreendemos a sentença. Isso aconteceria porque a unicidade não seria necessária para chegarmos ao significado semântico da sentença já que existe uma incorporação em que "*ir ao hospital*" traria a unicidade necessária, como um evento. O artigo definido no VP incorporado traria, na verdade, o enriquecimento da interpretação, e uma familiaridade ao evento de "*ir ao hospital*", como um evento que não é novo para o leitor/ouvinte da sentença.

Exemplo 30. João foi ao *hospital*.

O mais importante sobre a teoria da incorporação para o nosso trabalho é que ela mantém a leitura de que a expressão nominal definida em tais casos é um tipo de definido diferente do regular, pois rompe com a propriedade da unicidade de Russell (1905). Assim, para os autores, *o definido fraco seria uma categoria de definitude*.

Aguilar-Guevara e Zwarts (2010, 2013) se contrapõem à visão que os definidos fracos sejam de fato uma categoria no estudo da referência. Para os autores, *os fracos seriam definidos genéricos*, ou como eles afirmam “different faces of same phenomenon²⁸” (2010:15). Os autores afirmam que os ditos definidos fracos expressariam uma referência tipo, assim como a referência genérica e, ao fazer afirmação, para os autores a propriedade da unicidade é mantida, pois os definidos genéricos apresentam unicidade de tipo, em que denotam como referente um único tipo de objeto no mundo.

Um dos argumentos de que fracos e genéricos seriam equivalentes é o fato de que o fraco ocorreria, para os autores, preferencialmente em posição de objeto. Tal argumentação é baseada em exemplos como (31) e (32), em que, quando na posição de sujeito, o item lexical recebe a leitura forte, como "*o jornal*" em (31), que depende de um referente único no mundo para que cheguemos ao significado da sentença, ou pode receber a leitura genérica, como na sentença do exemplo (32), em que "*o jornal*" se encontra em posição de sujeito e recebe a leitura genérica, pois há a necessidade de um tipo de referente no mundo para chegarmos ao significado da sentença.

Exemplo 31. *O jornal* desapareceu.²⁹ (Definido forte)

Exemplo 32. *O jornal* traz notícias diárias para as pessoas.³⁰ (Definido genérico)

Para os autores, a leitura genérica que o NP definido, como em (32), receberia seria a mesma leitura em (33). "*O jornal*" e "*a janela*" em (33 e 34) não seriam exemplares de definido fraco, como Carlson e Sussman defendem, mas teriam a leitura genérica do NP definido na posição de adjunto (33), ou na posição de objeto (34).

²⁸ Tradução: “Diferentes lados de um mesmo fenômeno”.

²⁹ Originalmente, em inglês (p.3): *The newspaper disappeared*.

³⁰ Originalmente, em inglês (p.3): *The newspaper brings people their daily news*.

Exemplo 33. João soube da notícia *no jornal*.

Exemplo 34. João sempre fecha *a janela* com medo de assalto.

Para Aguilar-Guevara e Zwarts, a referência genérica seria justificada porque os NPs definidos fracos apresentariam referência a um tipo³¹. Assim, "*o jornal*" e "*a janela*" dos exemplos (35) e (36) não denotariam simples objetos, mas tipos de objeto. "*Jornal*" não denotaria um objeto jornal, mas um tipo de objeto, uma classe. O mesmo ocorre com *a janela*, que não denotaria uma janela, mas uma classe de objetos no mundo com características comuns.

Aguilar-Guevara e Zwarts (2013) apontam uma leitura genérica do definido fraco, seja do NP propriamente, ou do VP em que o NP está incorporado, salvando a propriedade da unicidade. Aguilar-Guevara e Zwarts acreditam que uma "incorporação" pode sim estar presente no fenômeno, contudo discutir a incorporação não ajuda a solucionar qual seria o papel do artigo definido na construção do dito definido fraco. Por isso, os autores focam no DP propriamente dito, afirmando que ele seria um definido genérico.

Carlson et al. (2013) afirmam que é difícil contrastar sua hipótese de à de Aguilar-Guevara e Zwarts, mas eles defendem que o aspecto mais importante a ser trabalhado é entender qual é o papel composicional do artigo definido nas construções fracas. Acreditamos que contrastar fracos e genéricos não é difícil por meio de dados de natureza empírica. Ao contrastarmos em corpus as distribuições sintáticas de fracos e fortes e observar a interpretação de sujeitos sobre os dois fenômenos por meio de técnicas experimentais, acreditamos que seja possível observar se o NP definido em si seria um genérico ou um definido fraco.

Nesse trabalho, buscamos testar a hipótese de que o definido fraco seria um definido genérico. Para nos perguntarmos se o definido fraco seria um definido genérico, é importante que entendamos o que chamamos de definido genérico, como faremos na seção a seguir.

1.3 O definido genérico

Além do artigo definido determinar nomes com leituras fortes e fracas, o artigo definido pode determinar ainda referentes genéricos. Carlson (2005) defende que a referência genérica acontece quando um sintagma nominal tem como referente um tipo ou uma pluralidade de indivíduos de um mesmo tipo. Tanto em inglês quanto em português, o sintagma nominal genérico pode ser expresso pela palavra tipo, como no exemplo (35), abaixo, do próprio autor³².

³¹ Em inglês: *reference to kind*.

³² Os próximos exemplos (35), (36), (38) e (39), foram retirados de Carlson (2006).

Exemplo 35. *Este tipo de animal* hiberna no inverno.³³

É perceptível que "*este tipo de animal*" em (35) se refere a uma classe e não a um único objeto. Também em ambas as línguas o genérico pode ser expresso por plural sem determinante, ou plural nu (*bare plural*), como percebemos em (36), abaixo, em que "*aviões*" não se refere a um único avião no mundo, mas de algo mais geral, de um tipo de meio de transporte.

Exemplo 36. *Aviões* fizeram da viagem intercontinental um evento comum.³⁴

Expressões sem determinante, o nu singular (*bare singular*), como "*baleia*" em (37), abaixo, também são formas do genérico.

Exemplo 37. *Baleia* é um mamífero.

Um determinante indefinido, como "*um triângulo*" em (38), a seguir, também pode ser utilizado para determinar um nome genérico, tanto em português quanto em inglês.

Exemplo 38. *Um triângulo* tem três lados.³⁵

Por fim, os definidos também podem ser determinantes de um sintagma com referência genérica, como podemos observar no exemplo (39), abaixo, em que "*O computador*" representa uma classe, não um objeto unicamente identificável. Tal definido apresenta propriedade da unicidade, mas diferente da unicidade do definido regular. Enquanto o definido regular apresenta um único referente no mundo que equivale a um indivíduo, na leitura genérica sempre temos um único referente que seria um *tipo de indivíduo*, ou seja, delimitamos um único grupo de indivíduos. Dessa forma, a unicidade do definido genérico é uma *unicidade de tipo*.

Exemplo 39. *O computador* mudou a sociedade de diversas maneiras.³⁶

1.4 Seria o definido fraco um genérico?

Assim, chamamos aqui de definido genérico casos como (39), em que o nome determinado por um artigo definido apresenta uma leitura **tipo**. Ao falarmos que a referência genérica se refere a um tipo, ou a uma pluralidade de indivíduos do mesmo tipo, podemos afirmar que há unicidade na referência genérica, pois o referente é um único

³³ Original: *This kind of animal* hibernates in the winter.

³⁴ Original: *Airplanes* have made intercontinental travel a common event.

³⁵ Original: *A triangle* has three sides.

³⁶ Original: *The computer* has changed society in many ways.

conjunto, ou seja, um conjunto que expressa a totalidade dos indivíduos. Dessa forma, ao afirmar que os definidos fracos seriam definidos genéricos, Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013) mantêm a propriedade Russelliana da unicidade.

A questão que motiva este trabalho é: Seria o definido fraco um definido genérico? Para responder tal questão, partimos para a análise de dados, começando por uma análise de corpus (Capítulo 2) e seguindo para uma análise experimental (Capítulo 3).

Acreditamos que nossa perspectiva empírica seja relevante, pois, como afirmamos na introdução, a distinção entre fracos e genéricos proposta por Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013) é baseada em fórmulas lógicas criadas a partir da introspecção dos autores. Como defendido por Gibson e Fedorenko (2010), dados quantitativos se fazem essenciais para a formulação de teorias semânticas. Para tais investigações, partimos da hipótese de que fracos e genéricos seriam duas categorias distintas de definitude, utilizando para a definição do que seria fraco e do que seria genérico as propostas de um mesmo autor, Greg Carlson. Ao partirmos da perspectiva de Carlson, acreditamos que, se os dois representam a mesma categoria de definitude, vamos obter distribuições em nossos dados de corpus semelhantes e interpretações/produções semelhantes de nossos sujeitos nos experimentos. Caso as duas categorias não sejam semelhantes, nossos dados apontarão diferentes distribuições em corpus e diferentes interpretações/produções de nossos sujeitos.

2 Um estudo de corpus

No intuito de observar, por meio de dados quantitativos, se os definidos fracos seriam iguais aos definidos genéricos, iniciamos uma análise de dados com um estudo de corpus em que buscamos descrever a ocorrência de definidos fracos, forte e genéricos. Tal análise se mostrou necessária, pois, como podemos perceber no capítulo (1), parte do debate sobre as características semânticas do definido fraco surge da dificuldade em se determinar o ambiente semântico e sintático em que esses definidos se encontram.

Algumas teorias sobre definidos fracos apresentam argumentos distribucionais. Como vemos na Tabela (4), Carlson et al.(2013) propõem que a leitura fraca seria parte de um processo de incorporação, o que explica somente a ocorrência do fraco em posição de objeto e adjunto ¹. Ainda em relação à posição sintática, Aguilar-Guevara e Zwarts (2013) apresentam uma proposta de análise em que o fraco ocorreria preferencialmente em posição de objeto, sem discussões sobre as implicações de possíveis ocorrências em posição de sujeito ou adjunto. Além disso, os autores defendem que o DP determinado pelo artigo definido quando ocorre em posição de sujeito teria uma leitura preferencialmente regular ou genérica.

Tabela 4 – Hipóteses de Aguilar-Guevara e Zwarts e de Carlson et al. em relação à posição sintática dos definidos fracos

Hipóteses	Posições sintáticas possíveis
Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013)	Objeto
Carlson et al. (2013)	Objeto e Adjunto

Dessa forma, uma análise mais clara da distribuição de definidos fracos poderia contribuir para a discussão sobre definitude. A posição sintática em que o definido fraco ocupa na sentença (sujeito, objeto ou adjunto) pode nos demonstrar se há restrições da leitura fraca, assim como clarificar qual posição sintática apresenta um favorecimento para tal leitura. Acreditamos que a melhor forma para se mapear tal distribuição é por meio da observação em corpus, que nos permite uma análise empírica e ecológica dos itens lexicais em sua ocorrência linguística (cf. Sardinha, 2004; Kennedy, 1998). Por isso, analisamos o corpus *ptTenTen*, disponível no *SketchEngine* ² procurando responder as seguintes questões: Em quais posições sintáticas o sintagma nominal determinado por um artigo definido aparece? Há alguma correlação entre leitura fraca e função sintática?

¹ Em Carlson et al. (2005, 2006), os autores chegam a defender que existem raros casos em que o fraco possa ocorrer em posição de sujeito, mas tais casos não são explicados e não são consistentes com a hipótese posterior dos autores de incorporação semântica.

² *SketchEngine* é um *Corpus Query System*, ou sistema de pesquisa de corpus. Está disponível no site: <http://www.sketchengine.co.uk/> .

Além da questão da posição sintática, [Carlson et al.\(2013\)](#), ao defenderem a hipótese da incorporação, afirmam que o definido fraco estaria incorporado em um evento ou atividade. Os genéricos são conhecidos por estarem relacionados a estados ([Carlson e Pelletier, 1995](#)). Assim, como retrata a tabela (5), acreditamos que o fraco poderia apresentar uma tendência a aparecer em predicados com verbos de atividade, enquanto o genérico apareceria acompanhado de verbos estativos, como explicaremos mais a frente. Dessa forma, acreditamos que verificar a distribuição do aspecto lexical ([Vendler, 1957](#)) ajudaria a entender um pouco mais sobre a semântica dos tipos de definido (fraco, forte e genérico). Por essa razão, investigamos o verbo da oração em que a expressão nominal definida fazia parte, buscando responder se o verbo seria télico (*accomplishments* e *achievements*), de estado ou de atividade.

Tabela 5 – Hipótese sobre a classe acional mais frequente em Definidos Fracos e em Definidos Genéricos

Tipos de definido	Aspecto Lexical
Genérico	Estado
Fraco	Atividade, Télico

Para responder as questões propostas, fez-se importante a escolha do corpus, as sentenças extraídas do corpus para a análise³ e os procedimentos para a análise, descritos a seguir.

2.1 O corpus

A plataforma *SkecthEngine* foi criada por Kilgarriff e seus colaboradores (cf. [Kilgarriff et al., 2014](#)) e permite pesquisas em corpus de vários níveis (lema, sintagma, palavra, entre outras). A Figura (4) representa a tela de pesquisa da plataforma.

³ As sentenças extraídas continham DPs determinados por artigos definidos pré-selecionados, como explicaremos na seção (2.1.1).

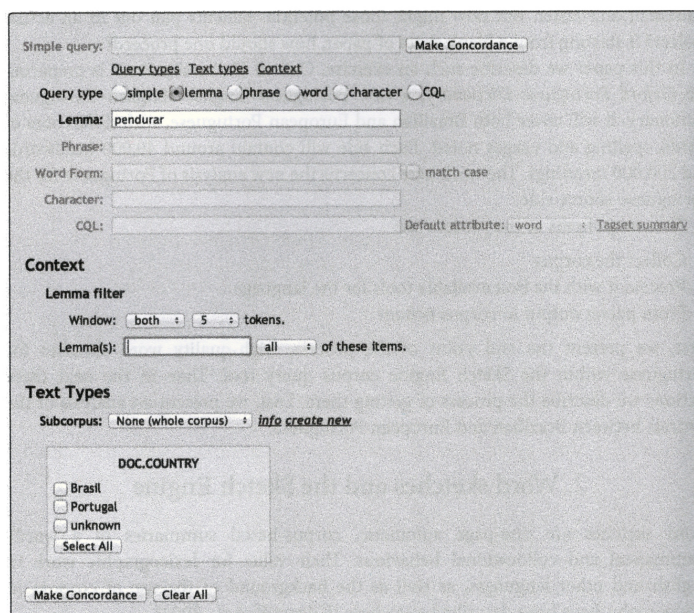


Figura 4 – Interface da plataforma *SkeetchEngine* (Kilgarriff et al., 2014:112)

O corpus usado foi o *ptTenTen* na variante português brasileiro (PB), disponível no *SkeetchEngine*, que faz parte da família de corpus *TenTen*. A família *TenTen* contém cerca de 10 bilhões de palavras de cerca de 30 línguas, como árabe, inglês e até iorubá⁴. O corpus de português apresenta um banco de dados de 2,7 milhões de palavras⁵ e também foi desenvolvido por Kilgarriff e colaboradores. Tal corpus foi preparado para um novo dicionário da Oxford (português/inglês, inglês/português), a partir um sistema de corpora eletrônico, que tem como base produções linguísticas da internet, devido à riqueza de gêneros informais e próximos à fala. Para Kilgarriff et al.(2014), o sistema eletrônico permite que o processo de coleta de dados seja mais rápido e preciso. Os autores defendem que a *web* é a melhor forma para se obter um corpus de um bilhão de palavras, que é o objetivo dos autores, e para garantir a maior diversidade de tipos de texto. Eles afirmam que existem evidências que o processo utilizado "oferece um corpora grande e diversificado que se assemelha a corpus desenhados"(p.115). Além disso, defendem que os gêneros informais e próximos da fala são melhor representados em corpora baseados em *web*, "já que apresentam materiais de blogs e similares, enquanto corpus desenhados costumam apresentar uma proporção muito alta de textos jornalísticos"(p.115).

O corpus de português do Brasil foi criado a partir de textos *online* disponíveis em domínio *.br*, por meio de download do conteúdo das páginas de textos que continham de 5 a 200KB⁶. Tal forma de construção do corpus facilitou o nosso trabalho, pois, como

⁴ Para saber mais sobre a família *TenTen* ler Jakubíček et al. (2013). Outras informações também estão disponíveis em <https://www.sketchengine.co.uk/documentation/tenten-corpora/>.

⁵ 2,7 milhões de palavras em 2013, quando nossa análise de corpus foi realizada.

⁶ Para que o corpus não possuísse palavras duplicadas e tivessem somente textos, os autores tomaram uma série de cuidados por meio de programação, que podem ser encontradas em Kilgarriff et al.(2014).

os textos estavam disponíveis na internet, em sites *.br*, quando queríamos mais contexto sobre a palavra que estávamos pesquisando, bastava procurar um trecho da sentença no *Google* e já acessávamos toda a página em que o texto estava disponível.

2.1.1 Palavras pesquisadas

Nosso primeiro passo para coleta de dados no corpus foi limitar a busca no *PtTenten* somente em português brasileiro⁷. Depois escolhemos as palavras que seriam buscadas e, como vimos na seção 1.2, nem todas as palavras podem apresentar a leitura fraca. Podemos perceber tal fato nos exemplos (40) e (41) em que o item lexical "*banheiro*", em (40), pode apresentar uma leitura fraca, enquanto o item "*auditório*" não apresenta a mesma leitura no exemplo (41), pois "*banheiro*" não necessita ter o mesmo referente em relação à segunda oração, enquanto João e Maria precisam ter ido ao mesmo "*auditório*", sendo a correferencialidade necessária.

Exemplo 40. João foi ao *banheiro* e Maria também.

Exemplo 41. João foi ao *auditório* e Maria também.

Dessa forma, 31 palavras foram selecionadas (ver apêndice A) a partir dos textos de Carlson e Sussman(2005), Carlson et al.(2006), Carlson et al.(2013) e três pessoas julgaram⁸ se tais palavras poderiam ter a leitura fraca em português⁹, com base no teste de correferência (trazido na seção 1.2).

Numa primeira tentativa, coletamos 100 ocorrências das 31 palavras selecionadas determinadas pelo artigo definido que apresentavam as leituras fraca, forte e genérica, por exemplo "*a escola*". Percebemos que tal método nos fazia perder dados, pois esses DPs poderiam ser preposicionados e se encontrar em contração, ou seja, ao buscarmos o DP "*a escola*", acabávamos perdendo ocorrências como "*na escola*", "*da escola*". A perda dessas ocorrências se mostrou um problema, pois sabemos que há funções sintáticas que sempre são ou que costumam ser preposicionadas em PB, como os objetos indiretos, os adjuntos adverbiais e adnominais, complementos nominais, entre outras.

Por observarmos que a busca pelo DP não funcionaria, extraímos as primeiras 400 ocorrências das mesmas 31 palavras selecionadas (apêndice A), sem determinantes, por exemplo, buscamos somente "*escola*". Destarte, realizamos a busca no corpus pela referida palavra e selecionamos as primeiras 400 ocorrências da palavra, independentemente de seus

⁷ Limitamos nossa busca ao português brasileiro, contudo o *PtTenten* apresenta em seus dados de português brasileiro e europeu.

⁸ Duas alunas de iniciação científica e a pesquisadora.

⁹ Nesses julgamentos, as 31 palavras selecionadas foram escolhidas por serem classificadas como possíveis de ter a leitura fraca 100% das vezes, sem discordância entre julgamentos.

determinantes (artigo definido, indefinido, números, pronomes, sem determinantes etc). Como exemplo, vemos na Figura (5) a palavra "escola" em algumas de suas ocorrências.

fx	A	B	C	D	E
1					Tipo
2	Brasil	vencedora desta primeira edição foi a da	Escola	de Engenharia São Carlos da Universidade	outros
3	Brasil	coordenado pelo professor Cleodir Moraes, da	Escola	de Aplicação da UFPA. <p><p> "O seminário	outros
4	Brasil	Diretoria de Projeto / PROEG, da Diretoria da	Escola	de Aplicação da UFPA, e do coordenador	outros
5	Brasil	esfera, etc.). <p><p> Existe ainda uma pseudo	escola	, bastante conhecida, que destaca as propriedades	outros
6	Brasil	Centenas de exemplares já foram destinados a	escolas	e instituições de apoio social. <p><p> "	outros
7	Brasil	equipamento social, talvez uma creche, ou uma	escola	, seja feito por mulheres. Desde a idealização	outros
8	Brasil	. <p><p> Visita da ELETROBRAS ao Canteiro	Escola	03.02.2010 <p><p> Na posição de gestora	outros
9	Brasil	Vicente de Carvalho e à tarde no canteiro	escola	do PAC C.Alemão, onde as alunas do curso	outros
10	Brasil	<p><p> <i>Patrimonialismo: a mais importante</i>	escola	nas Américas; corrente de pensamento contábil	outros
11	Brasil	restringindonalhe o campo. Foi chefe desta	escola	, na Itália, o Prof. Pietro Onida, Prof.	outros
12	Brasil	Antecedentes, Concomitantes e Subseqüentes. Esta	escola	serviu de base a toda doutrina contábil	outros
13	Brasil	Rossi. <p><p> Universalismo: foi a única	escola	nascida nas Américas; doutrina que apresenta	outros
14	Brasil	moro no RJ e trabalho como professor em uma	escola	numa comunidade bastante carente, então	outros
15	Brasil	particular de um filósofo célebre, de uma	escola	, de uma época: elevação do espírito, dos	outros
16	Brasil	o Liceu, que chegou a ser conhecido como	escola	peripatética. Sua filosofia se baseia na	outros
17	Brasil	estudantes no ensino superior. <p><p> A	Escola	de Artes, Ciências e Humanidades (EACH	outros
18	Brasil	visa colaborar com o ingresso de jovens de	escolas	públicas da zona leste no ensino superior	outros
19	Brasil	matriculados no terceiro ano do ensino médio de	escolas	públicas da zona leste ou que concluíram	outros
20	Brasil	comparecer, das 16h às 20h, a uma das três	escolas	da zona leste que cederão suas salas para	outros
21	Brasil		Escola	Estadual (EE) Hugo Takahashi, em São	outros
22	Brasil). Também serão afixadas listas nas três	escolas	<p><p> Calendário das aulas <p><p> As aulas	outros
23	Brasil	Educação, com a cessão das salas de aulas nas	escolas	onde o curso será realizado, e com o apoio	outros
24	Brasil	instituição. <p><p> Acredito que a velha	escola	do FMI deixou algumas cicatrizes disse	outros
25	Brasil	porém, foi realizar atividades também em	escolas	da periferia de santa Maria, o que proporcionou	outros
26	Brasil	Segundo dia de SEURS levou atividades para	escolas	da periferia de santa Maria <p><p> Nesta	outros

Figura 5 – 19 primeiras ocorrências do item *escola*

Após a coleta, colocamos as palavras em planilhas do *Google Docs* para a análise. Dentro dessa pré-seleção de 12.000 ocorrências (400 ocorrências de 31 palavras), selecionamos somente as palavras que eram determinadas pelo artigo definido, preposicionado ou não. Assim os nomes que não tinham determinantes ou eram precedidos por qualquer classe que não era um artigo definido singular, como artigos indefinidos, pronomes, numerais, foram excluídos. Também excluímos as palavras que eram utilizadas como nomes próprios, as que faziam parte de títulos, expressões idiomáticas e metáforas, além de quando tais nomes eram usados como adjetivos. Não foram incluídas palavras que não apresentavam a forma dicionarizada, apresentando possíveis erros ortográficos, ou que não estivessem em seu sentido canônico. É importante destacar que nosso objeto de estudo foi a oração (reduzida ou desenvolvida) em que o NP definido estava contido. Assim, se o NP não se apresentava em oração, o item era descartado.

Repetimos a figura com a palavra "escola" (figura 6) em alguns casos que foram excluídos¹⁰ e destacamos a título de exemplificação a linha 07 da figura, o exemplo (42) abaixo, que apresenta o nome "escola" determinado pelo artigo indefinido e, por isso, foi classificado como "outros" na coluna "tipo", não sendo incluído na análise.

¹⁰ Como podemos ver na coluna "tipo", todos os exemplos da Figura (6) foram classificados como "outros".

fx	A	B	C	D	E
1					Tipo
2	Brasil	vencedora desta primeira edição foi a da	Escola	de Engenharia São Carlos da Universidade	outros
3	Brasil	coordenado pelo professor Cleodir Moraes, da	Escola	de Aplicação da UFPA. <p><p> "O seminário	outros
4	Brasil	Diretoria de Projeto / PROEG, da Diretoria da	Escola	de Aplicação da UFPA, e do coordenador	outros
5	Brasil	esfera, etc.). <p><p> Existe ainda uma pseudo	escola	, bastante conhecida, que destaca as propriedades	outros
6	Brasil	Centenas de exemplares já foram destinados a	escolas	e instituições de apoio social. </p><p> "	outros
7	Brasil	equipamento social, talvez uma creche, ou uma	escola	, seja feito por mulheres. Desde a idealização	outros
8	Brasil	. <p><p> Visita da ELETROBRAS ao Canteiro	Escola	03.02.2010 </p><p> Na posição de gestora	outros
9	Brasil	Vicente de Carvalho e à tarde no canteiro	escola	do PAC C.Alemão, onde as alunas do curso	outros
10	Brasil	</p><p> <i>Patrimonialismo: a mais importante</i>	escola	nas Américas; corrente de pensamento contábil	outros
11	Brasil	restringindonalhe o campo. Foi chefe desta	escola	, na Itália, o Prof. Pietro Onida, Prof.	outros
12	Brasil	Antecedentes, Concomitantes e Subseqüentes. Esta	escola	serviu de base a toda doutrina contábil	outros
13	Brasil	Rossi. <p><p> Universalismo: foi a única	escola	nascida nas Américas; doutrina que apresenta	outros
14	Brasil	moro no RJ e trabalho como professor em uma	escola	numa comunidade bastante carente, então	outros
15	Brasil	particular de um filósofo célebre, de uma	escola	, de uma época: elevação do espírito, dos	outros
16	Brasil	o Liceu, que chegou a ser conhecido como	escola	peripatética. Sua filosofia se baseia na	outros
17	Brasil	estudantes no ensino superior. <p><p> A	Escola	de Artes, Ciências e Humanidades (EACH	outros
18	Brasil	visa colaborar com o ingresso de jovens de	escolas	públicas da zona leste no ensino superior	outros
19	Brasil	matriculados no terceiro ano do ensino médio de	escolas	públicas da zona leste ou que concluíram	outros
20	Brasil	comparecer, das 16h às 20h, a uma das três	escolas	da zona leste que cederão suas salas para	outros
21	Brasil		Escola	Estadual (EE) Hugo Takahashi, em São	outros
22	Brasil) Também serão afixadas listas nas três	escolas	</p><p> Calendário das aulas </p><p> As aulas	outros
23	Brasil	Educação, com a cessão das salas de aulas nas	escolas	onde o curso será realizado, e com o apoio	outros
24	Brasil	instituição. <p><p> Acredito que a velha	escola	do FMI deixou algumas cicatrizes disse	outros
25	Brasil	porém, foi realizar atividades também em	escolas	da periferia de santa Maria, o que proporcionou	outros
26	Brasil	Segundo dia de SEURS levou atividades para	escolas	da periferia de santa Maria </p><p> Nesta	outros

Figura 6 – 19 ocorrências não analisadas do item *escola*

Exemplo 42. (...) equipamento social, talvez uma creche, ou *uma escola*, seja feito por mulheres. Desde a idealização (...)

Consequentemente, focamos nossa análise somente na expressão nominal definida singular determinada por um artigo singular, o que somou **2196** itens selecionados para a análise cujos procedimentos são descritos a seguir.

2.2 Procedimentos de Análise

Todos os procedimentos e testes realizados foram decididos antes do início das análises. Cada ocorrência foi analisada por pelo menos duas juízas¹¹ e os testes, descritos nas próximas subseções (2.2.1, 2.2.2, 2.2.3), foram utilizados pelas juízas durante sua classificação. Quando ambos os julgamentos eram discordantes, o item seguia para uma terceira juíza, pesquisadora, que fazia uma terceira avaliação, o que ocorreu somente 3.4% das vezes (69 de 2196 itens).

As pesquisadoras responsáveis pelas análises receberam um treinamento presencial sobre as análises de aproximadamente 7 dias. Os treinamentos consistiram em aulas de análise sintática e classes acionais, além de contar uma apostila para a hora das análises (Apêndice B). Nossa análise foi realizada em três partes:

¹¹ Duas alunas de iniciação científica.

1. Tipo de definido: verificamos se o item lexical podia ser classificado como fraco, forte, genérico ou outros.
2. Função sintática: verificamos se o item estava na posição de sujeito, objeto, adjunto ou outros.
3. Classe acional: verificamos o aspecto lexical do verbo da oração em que o nome se encontrava, podendo ser um verbo de estado, télico (*accomplishment* e *achievement*) ou atividade.

2.2.1 Tipos de definido

Nós iniciamos nossas análises pela categorização de cada tipo de definido. Foram quatro as possibilidades de classificação dos sintagmas nominais definidos: fraco, forte, genérico e outros.

É necessário dizer que nós nos mantivemos relativamente agnósticos sobre qual era a teoria correta, se a de [Aguilar-Guevara e Zwarts \(2013\)](#), que defendem que só existiriam dois tipos de definidos (genéricos e fortes), ou de [Carlson et al. \(2006\)](#), que defendem que os fracos seriam outra categoria de definido. Entretanto, na tentativa de contribuir para o entendimento sobre o papel composicional do artigo definido, ao classificarmos nossos itens, nós utilizamos, de modo conservador, a categorização inicial dos definidos fracos proposta por [Carlson e Sussman \(2005\)](#), mas permanecemos abertos a explicações alternativas.

Para uma distinção inicial entre fracos e genéricos, categorizamos como definidos genéricos as ocorrências que se comportavam prototipicamente como tal, baseados em [Carlson \(2005\)](#), e, inicialmente, categorizamos como fracos as ocorrências que teriam uma possibilidade de leitura fraca. Assim estabelecemos o esquema de perguntas (Figura 7) para que a decisão entre fracos, fortes e genéricos, em um primeiro momento, obedecesse tais padrões.

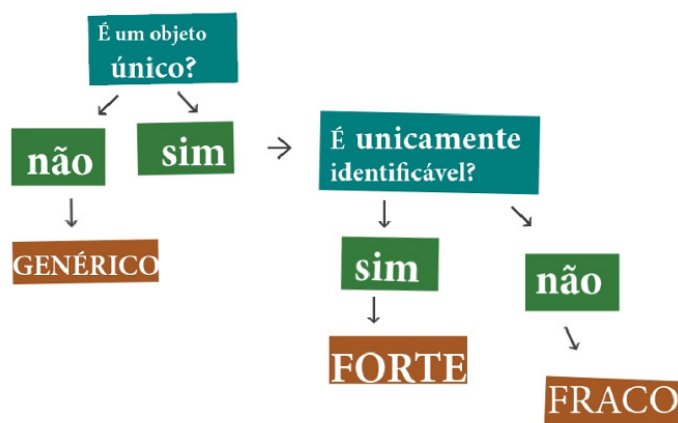


Figura 7 – Esquema de perguntas inicial para decisão entre os tipos de definidos

Os exemplos¹² (43) e (44), abaixo, retirados do corpus, ilustram nossa análise. Em um primeiro momento, analisamos "o avião", em exemplos como (43), como genéricos, pois há uma referência clara a um tipo ou a uma categoria, enquanto em situações como em (44), a expressão nominal definida foi classificada como fraca, pois há um indivíduo que não é unicamente identificável.

Exemplo 43. Em relação ao foguete espacial, *o avião* anda devagar.

Exemplo 44. No dia seguinte cedo, pegamos *o avião* de volta a Salvador.

Dessa maneira, foram classificadas como definido fraco as expressões que se referem a indivíduos, mas que não apresentam um referente unicamente identificável (exemplo 47); definidos regulares aqueles que apresentavam um referente unicamente identificável (exemplo 48) e genéricos aqueles que se referem a um tipo ou categoria (exemplo 49). Alguns testes foram aplicados a cada ocorrência para nos auxiliar com a classificação quanto ao tipo de definido, sendo o principal o teste de identidade *Sloppy*. A identidade *Sloppy* acontece em contextos em que o pronome, em uma elipse de objeto do VP, não tem referência idêntica ao objeto do VP anterior¹³ e foi aplicado para diferenciar definidos fracos e regulares. No teste, somente definidos fracos aceitam identidade *Sloppy*, como o contraste entre os exemplos (47a) e (48a).

Para contrapor fracos e genéricos, utilizamos o teste do pronome. Como vimos na seção (1.2), ao colocarmos um pronome na oração que segue a que contém o definido fraco, ele gera um referente individualizado. Sugerimos que o mesmo não acontece com o

¹² Todos os exemplos desta seção são exemplos reais da análise de corpus.

¹³ Para mais informações, leia Merchant e Simpson(2010).

definido genérico. Um pronome cujo antecedente seja um definido genérico continuará com a leitura genérica do nome, como podemos ver no exemplo (45), em que a única leitura possível para "violão" é de um tipo de instrumento.

Exemplo 45. *O violão* é o instrumento mais presente da música popular brasileira. E por isso *ele* é um dos instrumentos mais baratos.

Além disso, se tentarmos colocar o pronome com um verbo que o individualiza, a sentença acaba ficando agramatical, como no exemplo (46)

Exemplo 46. **O violão* é o instrumento mais presente da música popular brasileira e *ele* está quebrado.

Em nossa análise, em casos em que a presença do pronome gera um referente individualizado, categorizamos a expressão nominal como fraca, se não, classificamos como genérica. A comparação entre os exemplos (47b) e (49b) ilustra o teste realizado.

Exemplo 47. Maria Silva, de 56 anos, foi parar *no hospital*.

a. Maria Silva, de 56 anos, foi parar *no hospital*. João Santos, de 36 anos, também. (hospitais diferentes aceitáveis -> definido fraco)

b. Maria Silva, de 56 anos, foi parar *no hospital*. *Ele* estava muito sujo. (ele -> referente individualizado -> definido fraco)

Exemplo 48. Em Jenin, a ocupação israelense cercou *o hospital* e expulsou a imprensa.

a. Em Jenin, a ocupação israelense cercou *o hospital* e expulsou a imprensa. A ocupação síria também. (precisa ser o mesmo hospital -> definido regular)

Exemplo 49. Na segunda metade do século XIX, a morte passa a não acontecer mais em casa, ao alcance dos olhos da família, mas sim, *no hospital*.

b. *Na segunda metade do século XIX, a morte passa a não acontecer mais em casa, ao alcance dos olhos da família, mas sim, *no hospital*. *Ele* estava muito sujo. (ele -> não é possível a leitura de um referente individualizado -> definido genérico)

No próximo passo de análise, classificamos cada ocorrência de acordo com seu papel sintático, como exploramos na próxima subseção.

2.2.2 Análise sintática

Como já afirmado nesta tese, a descrição e a discussão sobre os definidos fracos consiste em um modelo de pesquisa introspectiva, que não envolve dados quantitativos,

assim não se sabe muito bem em que ambiente sintático o definido fraco pode ocorrer. Em nosso estudo, verificou-se a função sintática dos NPs definidos, sendo o NP selecionado para análise sempre parte de um período e, caso o período fosse composto, a oração examinada era a em que ele se encontrava, independentemente da hierarquia do período.

Carlson et al. (2013) defendem que o definido fraco ocorreria preferencialmente em posição de objeto e adjunto, o que condiz com a hipótese de incorporação apresentada pelos autores, enquanto Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013) acreditam que o definido fraco ocorre em posição de objeto, não discutem uma possível ocorrência em posição de adjunto e afirmam que, em posição de sujeito, o suposto fraco na verdade tem uma leitura clara de forte ou genérico. Repetimos abaixo a tabela (6) com as hipóteses dos autores em relação à posição sintática.

Tabela 6 – Hipóteses de Aguilar-Guevara e Zwarts e de Carlson et al. em relação à posição sintática dos definidos fracos

Hipóteses	Posições sintáticas possíveis
Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013)	Objeto
Carlson et al. (2013)	Objeto e Adjunto

As classificações que utilizamos foram: sujeito, objeto, adjunto (adverbial e adnominal) e outros. O primeiro passo para a análise foi colocar a oração em ordem SVO, para que, se o sujeito não estiver em posição prototípica, ele não seja confundido com um objeto, por exemplo. Foi classificado como sujeito, o definido que era sujeito da oração que fazia parte, como no exemplo (50), em que *"escola"* é o núcleo do sujeito da oração *"a escola abre mão cedo demais da força"*. O definido poderia fazer parte de um sujeito composto ou ser um sujeito simples para ser classificado como sujeito.

Exemplo 50. Na educação infantil, acreditamos que *a escola* abre mão cedo demais da força.

Como objeto classificamos os objetos diretos e indiretos. No exemplo (51), abaixo, o nome *"escola"* foi classificado como complemento objeto indireto do verbo *"voltar"*. Consideramos objetos aqueles que são um argumento do verbo, ou seja, o verbo pede tal complemento para ter seu sentido completo. Verbos como sair, chegar, ir, voltar, entre outros, apesar de serem considerados como intransitivos pela GT (cf. Cegalla, 2009), foram considerados como verbos transitivos, pois acreditamos que o lugar que acompanha esses verbos são argumentos do verbo, completando o seu sentido, assim como está em Luft (2010). Sabemos que a distinção objeto/adjunto é um problema na descrição gramatical e que há diferentes visões para tais classificações (cf. Perini, 1995; Saraiva, 1983). Para solucionar dúvidas entre objeto e adjunto, para termos consistência de análise, utilizamos o Dicionário de Regência Verbal de Luft (2010) como um guia para os julgamentos.

Exemplo 51. Quando voltou *à escola*, quase repetiu a primeira série.

Consideramos adjuntos os definidos que são adjuntos adnominais e adverbiais, como vemos no exemplo (52), em que "escola" é um adjunto adverbial de lugar.

Exemplo 52. Patty é a esposa que ele conheceu *na escola*.

Outra etiqueta possível era a "outros", que foi utilizada para quaisquer outras funções sintáticas (vocativos, agente da passiva, complementos nominais, predicativos, aposto) como podemos ver no exemplo (53), em que "escola" é um complemento nominal de "organização".

Exemplo 53. (...) por dificuldades da própria organização *da escola* e do processo ensino na aprendizagem.

2.2.3 Análise de aspecto lexical

Em nossa análise também verificamos, a partir do verbo, a semântica da oração em que o NP definido está contido. Consideramos a apreciação de classes acionais importante porque, como afirmamos, não há dados quantitativos sobre o ambiente semântico em que os definidos fracos ocorrem, dessa forma, a análise do aspecto lexical nos permitiu entender um pouco mais sobre a semântica dos definidos fracos, fortes e genéricos, permitindo que observássemos se há uma relação entre aspecto e tipo de definido.

A escolha de classes acionais é baseada na hipótese de incorporação de Carlson et al. (2013) que afirma que os fracos são incorporados em verbos de evento ou atividade, o que se distancia dos genéricos que são tradicionalmente descritos como participantes de orações que contêm verbos estativos (Carlson e Pelletier, 1995), como vemos na tabela (7), repetida abaixo.

Tabela 7 – Hipótese sobre a classe acional mais frequente em Definidos Fracos e em Definidos Genéricos

Tipos de definido	Aspecto Lexical
Genérico	Estado
Fraço	Atividade, Télico

Para realizarmos a análise de aspecto lexical, utilizamos *Aktionsarten*, as classes acionais vendlerianas (Vendler, 1957): estado, *accomplishment* e *achievement*, atividade. Segundo Vendler (1957), as classes acionais são um conjunto de classificações que se

relacionam a propriedades do item lexical em composição com outros itens lexicais. Os verbos de *estado* são verbos que não apresentam uma ação. Um exemplo é o verbo "ter", que como podemos ver no exemplo (54), não apresenta um processo que se desenvolve no tempo, não apresenta uma ação e não apresenta um sujeito que tenha o papel temático agente¹⁴. Os verbos de *atividade* são verbos que apresentam ação sem necessidade de um ponto final para serem realizadas, como o verbo "nadar", que no exemplo (55), se desenvolve no tempo sem um ponto de conclusão. Os verbos de *accomplishment* são aqueles que se desenvolvem no tempo, mas que precisam de um ponto final para se concretizarem. O verbo "quebrar", no exemplo (56), seria um *accomplishment*, pois a ação se desenvolve no tempo, mas só se concretiza quando a escola está quebrada, no ponto final da ação. Os de *achievement* apresentam as mesmas características de *accomplishment*, só que são pontuais, se realizam em um momento único, como o verbo *chegar*, em que no exemplo (57), seria algo pontual. Como Vendler (1957) afirma, as classes não são estáticas e um mesmo verbo pode ser analisado em diferentes classes acionais de acordo com o contexto em que está inserido.

Exemplo 54. Além do atendimento pedagógico, a escola **tem** responsabilidades sociais que(...).

Exemplo 55. Os alunos **nadavam** todo dia na escola (...)

Exemplo 56. Os vândalos **quebraram** a escola durante a festa.

Exemplo 57. O que levou Wellington a **chegar** tarde na escola (...)

Para fazer distinção entre uma classe e outra, utilizamos as propriedades propostas por Dowty (1979), contudo em versão já traduzida para o português por Wachowicz e Foltran (2006). Além dos testes traduzidos por Wachowicz e Foltran (2006), utilizamos também um material desenvolvido pela professora Márcia Cançado (2011) sobre a noção de aspecto, feito para sala de aula. Detalhamos abaixo os testes de Wachowicz e Foltran (2006:214-220)¹⁵:

¹⁴ Para sabem mais sobre papel temático, ler Cançado (2005).

¹⁵ Todos os exemplos foram retirados de Wachowicz e Foltran (2006:214-220).

Testes que diferenciam *accomplishment* e *atividade*:

- Verbos de *accomplishment* tomam sintagmas adverbiais do tipo *em X tempo* e excepcionalmente *por X tempo*; atividades permitem advérbios *por X tempo*:

Exemplo 58. a. ?Meu amigo pintou o quadro por uma hora.

b. Meu amigo pintou o quadro em uma hora.

A sentença aceitaria melhor a expressão *em uma hora*, o que a faria ser classe de *accomplishment*.

Exemplo 59. a. A Fernanda andou por uma hora.

b. *A Fernanda andou em uma hora.

A sentença só seria gramatical com a expressão adverbial *por uma hora*, o que a faria ser da classe de *atividade*.

- Acarretamentos distintos aparecem entre *accomplishment* e *atividade* quando usados como complemento de *parar de*:

Exemplo 60. a. Meu amigo parou de pintar o quadro.

b. Fernanda parou de andar.

Segundo as autoras, em (b) poderíamos concluir que Fernanda andou, já em (a) não conseguimos saber se o quadro foi pintado ou não, somente que meu amigo estava pintando, podendo ou não ter terminado.

- O advérbio *quase* tem efeitos diferentes:

Exemplo 61. a. Meu amigo quase pintou um quadro.

b. Fernanda quase andou.

A leitura sugerida pelas autoras é que em (b), Fernanda não andou, enquanto (a) é ambígua, podendo ter as seguintes leituras: 1. meu amigo tinha a intenção de pintar um quadro, mas mudou de ideia e não fez; 2. meu amigo começou a trabalhar na pintura e quase a terminou.

Testes que caracterizam verbos de *achievement*:

- Construções com sintagmas adverbiais com *por* soam estranhas:

Exemplo 62. ? O Murilo ganhou o jogo em poucos minutos.

A sentença soaria estranha por *ganhar* ser verbo da classe *achievement*.

- Diferentemente de verbos de *accomplishment* e verbos de *atividade*, verbos de *achievement* são geralmente inaceitáveis como complemento de *parar*:

Exemplo 63. *O Murilo parou de ganhar o jogo.

Para as autoras a sentença seria agramatical.

- *Quase* não produz com *achievement* a ambiguidade que produz com *accomplishment*:

Exemplo 64. O Murilo quase ganhou o jogo.

A sentença só teria a leitura de que Murilo não ganhou o jogo de fato.

Ao iniciarmos o treinamento com as juízas, percebemos grande dificuldade em se aplicar os testes de classes acionais que distinguem *accomplishment* e *achievement*. Como se pode ver nos testes descritos acima, é recorrente o uso de advérbios que modalizam a resposta de um verbo ao teste, como no teste com o *parar*, que diferenciaria verbos de *accomplishment*, de *atividade* e de *achievement*, que usa a palavra *geralmente* para marcar que o uso verbo *parar* seria inaceitável para *achievement*. Alguns exemplos, como o (63) e o (62), têm um julgamento de gramaticalidade/aceitabilidade discutível, com uma interpretação que pode ser objeto de debate. Acreditamos que a dificuldade em aplicar os testes é fruto do problema que uma análise introspectiva, baseada somente no julgamento metalinguístico dos pesquisadores, causa nas teorias da área de semântica formal, que questionamos neste trabalho.

Todavia, mais uma vez na tentativa de padronizarmos nossas classificações, devido às dificuldades de distinção encontradas na aplicação dos testes, optamos por não realizar distinções entre *accomplishment* e *achievement*. Por partilharem da propriedade télica¹⁶, resolvemos utilizar três classificações: estado, atividade e télico. Acreditamos que a definição dessas três categorias foi mais simples para o julgamento metalinguístico, além de estarem mais bem definidos nos materiais utilizados no treinamento.

¹⁶ As próprias autoras, Wachowicz e Foltran, entre outros autores, afirmam que *accomplishment* e *achievement* podem ser agrupadas como as classes acionais que possuem o traço + télico, sendo que atividade e estado não possuem a propriedade da telicidade.

Desse modo, a categoria *télica* se apresentou mais operacional do que a distinção entre *accomplishment* e *achievement*. Télicos são os verbos que contêm uma ação com a necessidade de um ponto final, como Wachowicz e Foltran afirmam (2006:217):

Eventualidades [+télicas] se encaminham em direção a um ponto final, cujas propriedades são determinadas pela descrição do evento. (...) O ponto de culminação (ponto télico) será o momento em que o quadro estiver pronto (...). Antes disso, não se pode dizer que elas se realizaram.

Ademais, as definições de verbos de *estado* como um verbo que não apresenta uma ação e de verbos de *atividade* como os que não precisam de um ponto final também se mostraram classificações consistentes.

Como ilustração de nossas categorizações, trazemos os exemplos (65, 66, 67) abaixo, em que no exemplo (65), temos o NP "*escola*" em uma oração que apresenta um verbo télico, pois "*voltar*" é uma ação com necessidade de um ponto final para que seja verdadeiro. Já no exemplo (66), o mesmo NP se encontra em uma oração com um verbo de atividade, dado que "*ir*" é um evento que se desenvolve no tempo, sem ter um determinado ponto de conclusão. No exemplo (67), "*escola*" faz parte de uma oração em que o verbo foi classificado como estado, em razão de o "*haver*" não apresentar um processo que se desenvolve no tempo, denotando somente uma relação entre *crianças* e *fora da escola*.

Exemplo 65. Quando *voltou* à escola, quase repetiu a primeira série. Mudou

Exemplo 66. Teve poucas oportunidades de *ir* para a escola

Exemplo 67. É inaceitável que ainda *haja* crianças fora da escola.

2.3 Resultados e discussões por tipo de análise

Após a análise qualitativa de nossos dados extraídos do corpus, realizamos uma análise quantitativa em que relacionamos tipos de definidos e posição sintática (subseção 2.3.1) e tipos de definidos e aspecto lexical (subseção 2.2.3). O teste estatístico utilizado nos dados foi o Chi-quadrado.

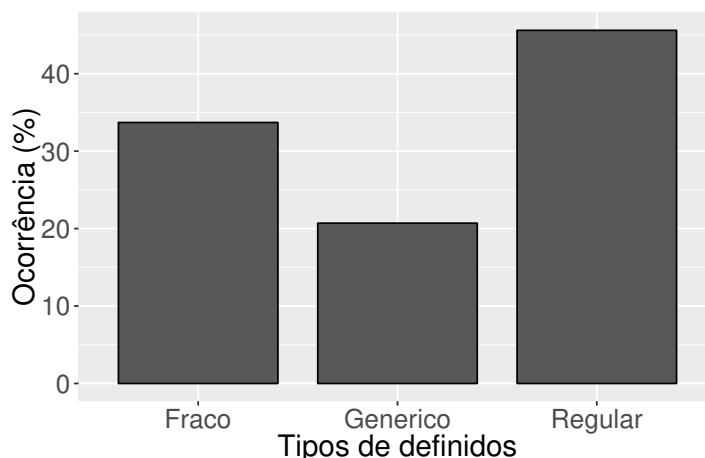


Figura 8 – Proporção de definidos por tipo em nossos dados

Ao observarmos a distribuição dos definidos em relação ao tipo (fraco, regular e genérico) presente na Figura (8), percebemos que a leitura regular ou forte é significativamente mais frequente do que as outras leituras, 45,6% ($\chi^2 = 205.2568$, $df = 2$, $p < 0.001$). A maior frequência de definidos regulares em relação aos fracos e genéricos era esperada por ser o uso mais recorrente do DP determinado por um artigo definido. Um fato interessante é que, de acordo com a nossa classificação, DPs fracos ocorrem significativamente mais, 33,7%, do que os genéricos, 20,7%.

2.3.1 Posição sintática e tipos de definido

Após uma análise geral sobre a distribuição dos tipos de definidos, nós observamos a relação entre função sintática e os tipos de definidos (Figura 9).

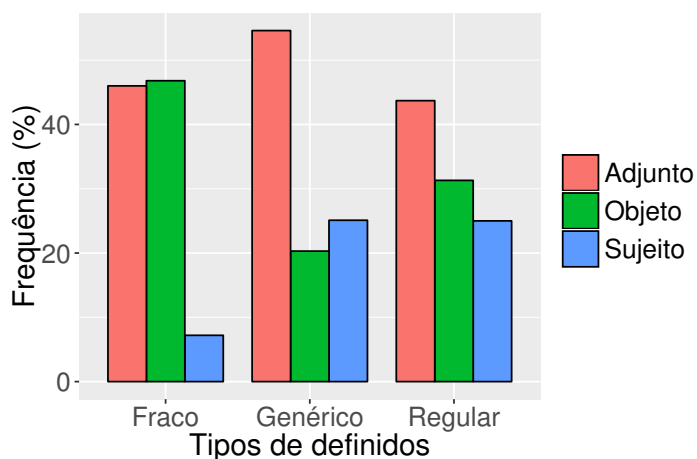


Figura 9 – Proporção de definidos por tipo e posição sintática

Não é surpresa que a função sintática mais produtiva encontrada seja adjunto, pois uma oração pode ter no máximo um sujeito (simples ou composto) e dois objetos, mas o número de adjuntos é aberto, ainda mais quando nossa análise considerou adjuntos adverbiais e adnominais. Acreditamos que esta é uma das razões pela qual a categoria adjunto é a mais frequente nos definidos regulares e genéricos. Entretanto, é interessante que os definidos fracos (Figura 9) apareçam tanto em posição de adjuntos (45,7%) quanto de objetos (46,6%).

Observando a tabela (8) com as hipóteses de Aguilar-Guevara e Zwarts e Carlson et al. e nossos dados obtidos em corpus, podemos observar que, ao contrário da previsão dos autores, o definido fraco aparece em posição de sujeito ¹⁷ em 7,2% das ocorrências, que é significativamente mais baixa do que nas outras funções sintáticas ($\chi^2 = 212.5607$, $df = 2$, $p < 0.001$).

Tabela 8 – Ocorrência dos definidos fracos em relação à posição sintática segundo as teorias investigadas e os dados obtidos em corpus

Posição sintática	Aguilar-Guevara e Zwarts (2013)	Carlson et al. (2013)	Distribuição em corpus
Sujeito	Não	Não	Sim, (7,2%)
Objeto	Sim	Sim	Sim (46,6%)
Adjunto	Não	Sim	Sim (45,7%)

Dessa forma, encontramos 45 definidos fracos que apresentam a função sintática de sujeito, sendo que 42 (93%) apresentavam uma estrutura similar ao exemplo (68) abaixo. Nesses casos, é questionável se estaríamos lidando com definidos fracos ou genéricos. Para sanar a dúvida no momento de classificação, utilizamos o teste de individualização com pronome (Exemplo 68b, em que "avião" pode receber uma leitura individualizada), que nos apontou como uma leitura fraca e não genérica.

Exemplo 68. a. Se o radar mostrar que *o avião* se desviou mais de alguns quilômetros, ou graus, do plano de voo, a primeira resposta é um controlador da FAA tentar o contato via rádio.

b. Se o radar mostrar que *o avião* se desviou mais de alguns quilômetros, *ele foi sequestrado*.

¹⁷ Lembramos que Carlson e Sussman (2005) estavam corretos em afirmar que os definidos fracos raramente aparecem como sujeito da oração, contudo, em sua teoria atualizada sobre os definidos fracos serem incorporados, os autores só preveem ocorrência nas posições de objeto e adjunto.

Nos outros 7% dos casos em que os definidos fracos se encontraram em posição de sujeito, é mais difícil acreditar que tais ocorrências não sejam de uma leitura fraca e sim de uma genérica, como percebemos no exemplo (69). Nesse caso, o contexto deixa claro que não há uma referência a um avião único e específico, mas que há pelo menos um avião que não necessita ser identificado para atribuímos sentido à sentença.

Exemplo 69. *O avião* partia do Rio às 17h.

Genéricos (Figura 9) são mais uniformemente distribuídos entre sujeito (25,1%) e objeto (20,3%), sendo adjunto a categoria significativamente mais produtiva, 54,6% das ocorrências ($\chi^2 = 85.6232$, $df = 2$, $p < 0,001$). A mesma distribuição é observada entre os definidos regulares (Figura 9), que apresentam significativamente mais adjuntos (43,7%) ($\chi^2 = 52.7934$, $df = 2$, $p < 0,001$), seguidos por objetos (31,3%), e sujeitos (25%).

2.3.2 Aspecto lexical e tipos de definido

A última análise realizada em corpus foi sobre os definidos fracos, regulares e genéricos e o aspecto lexical do verbo das orações que os contêm. Definidos fracos, definidos genéricos e definidos regulares apresentaram distribuições diferentes de *Aktionsarten*, como podemos ver na figura (10) e na tabela (9).

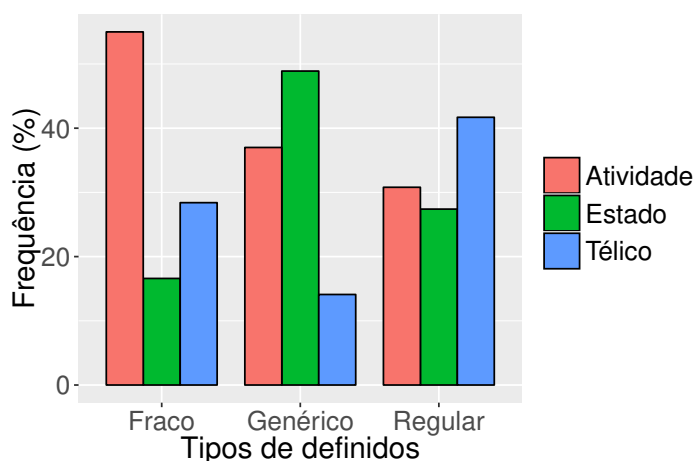


Figura 10 – Proporção de definidos por tipo e aspecto lexical

Tabela 9 – Tipos de definidos, as classes acionais esperadas como mais frequentes e a distribuição encontrada

Tipo de definido	Aspecto lexical esperado	Distribuição em corpus
Genérico	Estado	Estado (48.9%) Atividade (37%) Télico (14.1%)
Fraco	Atividade Télico	Estado (16,6%) Atividade (55%) Télico (28.4%)

Como podemos observar na tabela (9) e no gráfico (Figura 10), os definidos fracos apresentaram uma diferença significativa de ocorrência ($\chi^2 = 171.6676$, $df = 2$, $p < 0,001$) entre estado, 16,6%, atividade, 55%, e télicos, 28,4%, sendo a classe *atividade* a mais frequente. Tal preferência por eventos (atividades + télicos) era prevista pela teoria da incorporação. Todavia, a mesma teoria não cita o que aconteceria com os casos em que o verbo fosse de estado.

Definidos genéricos também demonstraram uma diferença significativa ($\chi^2 = 85.2335$, $df = 2$, $p < 0,001$) entre estado, 48,9%, télico, 14,1%, e atividade, 37%. Dessa forma, em relação ao aspecto lexical, os definidos fracos se mostram mais propícios a ocorrer em atividades, enquanto os genéricos a estados, o que poderia demonstrar uma tendência a uma semântica diferente para tais leituras.

Os definidos regulares (figura 10) também apresentaram diferenças significativas ($\chi^2 = 33.4192$, $df = 2$, $p < 0,001$) entre as categorias de classe acional, tendo uma preferência por télico, 41,7%. Já em relação às classes estado, 27,4% e atividade, 30,8% não houve diferenças significativas na distribuição.

2.4 Discussão

Em nossos resultados, fez-se clara a necessidade de dados quantitativos na descrição dos ambientes sintáticos e semânticos em que o definido fraco ocorre. Ao pensarmos na distribuição dos definidos em relação ao tipo (fraco, regular e genérico) percebemos que a leitura regular ou forte é significativamente mais frequente do que as outras leituras, o que era esperado por ser o uso mais recorrente do DP determinado por um artigo definido. Um fato interessante, que não é previsto pela literatura, é que, de acordo com a nossa classificação, DPs fracos ocorrem significativamente mais do que os genéricos.

A função sintática mais produtiva encontrada nos fortes e nos genéricos foi o adjunto, o que é justificável pelo número aberto de adjuntos que uma oração pode conter, contudo, acreditamos que esse número pode ter sido um pouco superior pelo fato de considerarmos adjuntos adnominais e adverbiais. Como estávamos interessados na distribuição, não acreditamos que a soma desses dois tipos de adjuntos tenha tido grande peso no quadro geral da distribuição sintática de fracos, forte e genéricos.

Apesar do grande número de adjuntos nos definidos fortes e genéricos, é interessante que os definidos fracos apareçam predominantemente tanto em posição de adjuntos quanto de objetos, o que condiz com a hipótese de incorporação de Carlson et al. (2013). Contudo, a ocorrência de sujeitos definidos fracos apresenta um problema para ambas as teorias, pois sujeitos não podem ser incorporados no sintagma verbal, como defendem Carlson et al., e nem os fracos estariam somente em posição de objeto, como defendem Aguilar-Guevara e Zwarts (2013). Sabemos que nossa caracterização da maioria das ocorrências de fracos em posição de sujeito, exemplos similares a (68), é baseada em um teste que apresenta limitações, como seu caráter introspectivo, fazendo com que mais investigações sejam necessárias, entretanto, ainda há casos que não nos parecem caber outra classificação além de definido fraco, como no exemplo (69). A simples existência desses fracos já levanta questionamentos em relação às teorias propostas.

Em relação ao aspecto lexical, os definidos fracos se mostram mais propícios a ocorrer em atividades, enquanto os genéricos a estados, o que poderia demonstrar uma tendência a uma semântica diferente para tais leituras, o que iria contra à teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013). Também é interessante observar que, apesar de a classe atividade ser a mais frequente (tal preferência por eventos, atividades + télicos) ser prevista pela teoria da incorporação, a mesma teoria não cita o que aconteceria com os casos em que o verbo fosse de estado. Ainda em relação à nossa análise de aspecto lexical, há a dúvida de como é a relação entre classe acional e adjuntos. Como a classe acional é do verbo e o adjunto não faz parte da grade argumental do verbo, não sabemos o quanto a classe acional pode ajudar nesses casos. Também acreditamos que uma análise mais refinada, que faça distinção entre adjuntos adverbiais e adnominais pode ajudar a entender melhor a questão das classes acionais, parece-nos que a relação com um adjunto adnominal é ainda mais distante do verbo em sua oração do que o adjunto adverbial. Dessa maneira, acreditamos que uma observação mais refinada possa dar mais contribuições para o estudo

da relação classe acional e tipo de definido.

A investigação de corpus trazida aqui se mostra relevante, pois traz dados reais da língua para a discussão entre definidos fracos, fortes e genéricos e cria um ponto de partida para uma investigação mais profunda. Acreditamos que um trabalho que foque nas ocorrências do definido fraco como sujeito seja importante. Se há o sujeito fraco, como poderíamos afirmar que fracos e genéricos estão em distribuição contrastiva? E em um contexto de incorporação, como poderíamos lidar com tal sujeito? Qual seria o papel de algo que é dispensável, como adjuntos, em uma oração quando incorporado a um VP? Existem tipos específicos de adjuntos que permitem tal incorporação e trazem algum tipo de característica especial ao VP?

Nossos dados trouxeram suporte para uma hipótese que considera fracos e genéricos como diferentes tipos de definidos e levantaram importantes questões. Todavia, mais investigações se mostram necessárias, especialmente as de caráter experimental. Por isso, neste trabalho daremos continuidade na investigação sobre a possibilidade do definido fraco ser na verdade um definido genérico.

Seguimos a linha empírica, contudo agora com um enfoque experimental, para tentar compreender se o definido fraco poderia conter uma unicidade de tipo, sendo um definido genérico. Para distinguir de maneira satisfatória diferentes interpretações das expressões definidas, precisamos de medidas mais objetivas e dados coletados a partir de um ambiente experimentalmente controlado. Por isso, partimos para métodos que têm como avaliação a interpretação dos sujeitos e sua produção. Para tal, realizamos 4 experimentos a partir de um ambiente experimentalmente controlado em sentenças eventivas com a palavra alvo em posição sintática de objeto, como será exposto no próximo capítulo (3).

3 Experimentos

Após a análise de corpus, partimos para uma investigação experimental no intuito de continuar averiguando se os definidos fracos e genéricos seriam a mesma categoria de definitude ou se seriam distintas categorias. Para tal, nossos experimentos avaliaram o comportamento dos sujeitos, sua interpretação e sua produção, perante tarefas que envolviam as condições fraca, forte e genérica. Realizamos 4 experimentos *off-line*, 2 de compreensão e 2 de produção. Todos os experimentos apresentaram os mesmos materiais, descritos na próxima seção (3.1).

Todos os experimentos foram feitos em inglês americano (IA), sendo alguns re- aplicados em português brasileiro (PB). Os experimentos foram implementados em inglês por uma série de motivos, sendo o primeiro deles a oportunidade de rodá-los nos EUA, por meio da plataforma *Mechanical Turk* (*MTurk*)¹. O *Amazon Mechanical Turk* é uma plataforma de trabalhos *on-line* em que os trabalhadores (*MTurkers*) escolhem quais atividades querem realizar em troca de pagamentos em dinheiro. O site atualmente só funciona nos EUA e a maior parte de seus usuários têm o IA como língua dominante. Assim como [Mason e Suri \(2012\)](#) afirmam, as vantagens de se realizar um experimento na plataforma são o fácil e o rápido acesso a participantes com a possibilidade de escolher os mais diversos perfis, em que se pode sair do perfil de sujeitos que se limitam a alunos de graduação, o baixo custo para os pesquisadores² e a rapidez com que se executa os experimentos e se obtêm os dados. Os autores também trazem uma série de estudos que demonstra que não há diferenças nos dados de experimentos implementados no *MTurk* em relação a outros contextos fora da *internet*, como no laboratório. Como exemplo desses estudos, temos os experimentos de [Paolacci et al. \(2010\)](#), que reaplicaram uma série de estudos clássicos de julgamentos e de tomada de decisão (*decision-making*) e obtiveram resultados iguais aos obtidos em laboratório.

Outro fator para que nossos experimentos fossem rodados em IA foi o fato de que a língua quase não apresenta elipse de sujeito e complementos verbais, o que facilita a análise

¹ Os experimentos foram financiados pelo projeto "Fine-grained Lexical and Discourse Effects in Sentence Comprehension", aprovado pelo "Research Subjects Review Board" da Universidade de Rochester, que tem como investigador principal o professor Michael K. Tanenhaus.

² Lembramos que nos EUA as pesquisas são pagas.

de dados em experimentos de produção, garantindo uma descrição mais confiável dos resultados obtidos. A morfologia simplificada da língua também é um fator pela escolha do IA, uma vez não há contrações com o artigo definido, que é invariável em gênero e número, facilitando a construção de itens experimentais e, mais uma vez, a análise de dados.

Apesar do PB não ter a mesma morfologia do inglês e ser uma língua com frequente elipse de sujeito e objeto, tentamos reaplicar os experimentos na língua porque acreditamos que seria importante para validar nossos experimentos, em busca de uma maior confiabilidade em relação aos nossos dados e, conseqüentemente, às nossas afirmações. Segundo Nosek (2015), a reaplicabilidade é essencial para a ciência³. O autor conduziu cem reaplicações e a maioria dos resultados não equivaleram aos obtidos anteriormente, demonstrando que a falta de tais dados comprometem as descobertas científicas. Acreditamos que a reaplicação confere maior confiabilidade para as descobertas, aumenta seu poder e ajuda a promover as inovações encontradas.

Os experimentos em inglês americano foram programados em *JavaScript* e rodados na plataforma *Mechanical Turk*⁴, por meio do software *Psiturk*⁵. Os experimentos em português foram realizados no *Google Forms*⁶ e no *SONA*⁷. Os sujeitos em IA consentiram o uso dos dados por meio do termo de consentimento de pesquisas em *MTurk* (Anexo A). Os participantes dos experimentos em português foram voluntários e consentiram o uso dos dados por meio do termo de consentimento livre e esclarecido do laboratório de psicolinguística da UFMG (Anexo B).

Na próxima seção (seção 3.1), falaremos sobre a criação e a tradução para o PB dos itens experimentais e distratores, que foram os mesmos para todos os experimentos. Após a construção dos materiais entraremos nos experimentos em si, sendo o primeiro um Julgamento de palavras (seção 3.2), em que os sujeitos julgaram os itens experimentais com base em sua unicidade de indivíduo ou de tipo. Em seqüência, uma tarefa de Decisão forçada (seção 3.3), em que os participantes escolheram entre expressões nominais anafóricas ou um novo referente como continuação das sentenças. Uma tarefa de Completação livre (seção 3.4) é descrita a seguir, em que os sujeitos criaram continuações para os itens experimentais. O último experimento é uma tarefa de Completação forçada (seção 3.5), em

³ Ver também Ioannidis (2005).

⁴ Acesso em <https://www.mturk.com/>

⁵ Acesso em <https://psiturk.org/>

⁶ Acesso em: <https://www.google.com/forms/about/>

⁷ Acesso em: <https://unr.sona-systems.com/>

que ao criar uma continuação para os itens experimentais, os participantes eram obrigados a fazer uso do NP alvo (em condição fraca, forte ou genérica).

3.1 Materiais

Construímos 54 sentenças em inglês americano (Apêndice C), como nos exemplos (70), (71) e (72), para os 4 experimentos e as traduzimos para português brasileiro (Apêndice D) para as reaplicações.

Exemplo 70. Henry Ford created *the bus* in his early years.⁸ (*leitura prototipicamente genérica*)

Exemplo 71. James crashed *the bus* during the night.⁹ (*leitura prototipicamente regular ou forte*)

Exemplo 72. Linda took *the bus* to go to college.¹⁰ (*leitura possivelmente fraca*)

As sentenças sempre continham um nome singular (palavra alvo) determinado por um artigo definido que sempre aparecia em posição de objeto de um verbo de classe télica, ou de atividade - nos nossos exemplos acima a palavra alvo é "bus"/"ônibus", sempre determinada por um artigo definido "the bus"/"o ônibus", em posição de objeto de verbos télicos. O exemplo (70) representa as sentenças que continham o DP alvo com uma leitura claramente genérica, em que "the bus" é classicamente visto como um definido que apresenta unicidade de tipo (cf. Carlson, 2005; Carlson e Pelletier, 1995), por isso chamamos tais sentenças de prototipicamente genéricas. O exemplo (71) representa as sentenças que continham um DP alvo com uma leitura claramente regular ou forte, em que "the bus" apresenta unicidade de indivíduo, como proposta por Russell (1905). Já o exemplo (72) representa as sentenças com o DP definido fraco proposto Carlson, as quais testamos para observar se são distintas do genérico. Como é o foco saber se há distinções entre fracos e genéricos, partimos mais uma vez da hipótese de que existe tal diferença, construindo as sentenças de acordo com os exemplos de Carlson e Sussman (2005), Carlson et al. (2013), Carlson et al. (2006) e Klein et al. (2006)¹¹.

⁸ Em PB: Henry Ford criou *o ônibus* em 1881.

⁹ Em PB: Carlos bateu *o ônibus* durante a noite.

¹⁰ Em PB: Ana pegou *o ônibus* para ir à faculdade.

¹¹ Além dos textos, tivemos a participação de Greg Carlson na construção dos itens das três condições em IA.

As 54 sentenças foram divididas em três grupos (18 sentenças de cada condição), sendo 03 scripts (18 sentenças cada), de maneira que cada participante dos experimentos tinha acesso a somente um script, com 06 sentenças em cada condição, não vindo a expressão nominal em mais de uma condição. As sentenças experimentais (Apêndice C e Apêndice D) foram utilizadas em todos os experimentos, descritos nas próximas seções. Além das sentenças experimentais, foram criadas 36 sentenças distratoras (Apêndice E) que se repetiam em todos os scripts dos experimentos que tiveram distratores ¹².

Na próxima seção, descreveremos o primeiro experimento realizado, um julgamento de palavras.

3.2 Experimento 1: Julgamento de palavras

O primeiro experimento foi uma tarefa de julgamento em que examinamos o julgamento dos participantes sobre as expressões nominais definidas com leituras classificadas como regular, fraca ou genérica nas sentenças construídas. Dessa forma, o sujeito lia uma sentença de cada vez e deveria julgar se a palavra em negrito (palavra alvo que teria a leitura fraca, regular ou genérica) seria um *indivíduo* ou uma *categoria*, por meio de uma escala contínua sem números que apresentava esses termos em seus extremos (Figura 11).


Linda took the **bus** to go to college.
individual —————  ————— *category*

Figura 11 – Julgamento de palavras - Tela da tarefa com a sentença contendo a palavra "ônibus" a ser julgada e a escala.

No exemplo da Figura (11), a palavra a ser avaliada pelos participantes é "*bus*" (em PB: ônibus). O sujeito lia a sentença e julgava a palavra movendo a seta para qualquer parte da escala até seus extremos. A seta a ser movida sempre iniciava no meio da escala.

¹² Nem todos os experimentos tiveram sentenças distratoras, a presença ou não de tais sentenças dependeu do objetivo do experimento.

50% dos sujeitos fizeram o experimento com uma escala que apresentava como extremos INDIVÍDUO/CATEGORIA, enquanto a outra metade teve em sua tarefa uma escala com extremos CATEGORIA/INDIVÍDUO.

Para os sujeitos entenderem o que chamamos de individual e o que chamamos de categoria, explicamos que quando a palavra em negrito na sentença remetesse a um indivíduo particular no mundo, ela deveria ser julgada como "indivíduo". Já em casos em que a palavra na sentença remetesse a uma categoria, sem indivíduos particulares, ela deveria ser classificada como "categoria", exemplos dos dois casos foram dados. O participante foi instruído que poderiam acontecer casos em que não seria tão fácil realizar o julgamento e que o sujeito era livre para mover a seta para qualquer lugar da escala que refletisse seu julgamento (todas as instruções dadas para os sujeitos estão no Apêndice F).

O objetivo do experimento consistia no julgamento consciente ¹³ do participante, a partir da leitura da sentença. Nossa hipótese era de que se a teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts fosse verdadeira, fracos e genéricos apresentariam julgamentos semelhantes, próximos ao eixo "categoria", como vemos na tabela (10).

Tabela 10 – Julgamento de palavras - Hipótese segundo a teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013)

Tipo de definido	Fracos = Genéricos
Genérico	Julgamentos mais próximos de "categoria" (unicidade de tipo)
Fraço	Julgamentos mais próximos de "indivíduo" (unicidade de indivíduo)
Forte	Julgamentos mais próximos de "categoria" (unicidade de tipo)

Em relação ao nome com leitura regular, como ele apresenta um único referente identificável no mundo, era esperado que seria classificado como "indivíduo" pelos sujeitos. Já a expressão nominal definida com leitura genérica, por apresentar um único tipo, uma categoria no mundo, seria marcada como "categoria" na escala. Assim, nossa hipótese é de que se o nome fraco apresentasse um julgamento semelhante ao dos outros tipos de definido, tal julgamento indicaria que as categorias seriam semelhantes. Se o fraco realmente for equivalente ao genérico, seria provável que ambos os definidos apresentassem um julgamento semelhante, tendendo para o eixo "categoria". Além disso, se o definido

¹³ Por objetivarmos observar o julgamento consciente do participante sobre a leitura da palavra alvo na sentença que a contém, não utilizamos sentenças distratoras neste experimento.

fraco aparecesse com um julgamento diferente de forte e genérico, ele apontaria para um terceiro tipo de distribuição em nossos dados, sendo uma indicação de um outro tipo de definido.

3.2.1 Participantes

Como este experimento só foi rodado em inglês no MTurk, 90 sujeitos (40 mulheres), americanos, falantes nativos de inglês, realizaram a tarefa pelo pagamento de US\$0.30 ¹⁴. Todos os sujeitos tinham ensino médio completo e idade média de 40 anos.

3.2.2 Resultados

Neste experimento, apesar da tradição em analisar dados obtidos por meio de escalas com a ANOVA, nós optamos por usar um Modelo Linear Misto¹⁵. Tal opção se justifica por dois fatores, sendo o primeiro a controvérsia sobre dados obtidos por meio de escalas, se são contínuos ou não. Ao contrário da ANOVA que só pode ser utilizada em dados contínuos, o modelo utilizado permite que nossos dados sejam tratados como contínuos (Cohen et al., 2003). O segundo fator é relacionado à possibilidade de se levar em consideração na análise efeitos como itens e sujeitos (Jaeger, 2008). A ANOVA só permite que seja testado um efeito aleatório por vez, fazendo com que sejam necessários um teste específico para item e um para sujeito. Como nossas sentenças apresentam semânticas diferentes e não queremos que nossas conclusões sejam afetadas por efeito de item, preferimos que tal efeito fosse levado em consideração pelo modelo. Além disso, ao realizarmos nosso experimento na *internet*, também consideramos que dado à probabilidade de diferentes pessoas, com diferentes comprometimentos façam a tarefa, também se fez importante a inclusão do efeito de sujeito¹⁶. Nossos modelos foram rodados no R, por meio do pacote *lme4*¹⁷

Na programação do experimento, foram atribuídos números de 0 a 100 à escala, de forma contínua, sendo 0, indivíduo, e 100, categoria.

A primeira medida analisada foram as médias de julgamento por tipo de defi-

¹⁴ Os pagamentos foram realizados por meio de recursos da Universidade de Rochester.

¹⁵ Para mais informações sobre Modelos Mistos, ler Cohen et al. (2003) e Gelman e Hill (2007).

¹⁶ Há uma discussão se em nossos modelos devemos colocar o máximo de efeitos possíveis, ideia defendida por Barr et al. (2013) ou se devemos ter cuidado ao colocarmos muitos efeitos Bates et al. (2015a).

¹⁷ Para saber mais sobre o pacote, ler a documentação disponível no R e Bates et al. (2015b).

nido (Figura 12). Como esperado, a média dos julgamentos dos nomes genéricos é mais próxima do eixo categoria, 80,63, enquanto a média dos nomes com leitura regular se manteve próxima ao eixo do indivíduo, 19,82. O definido fraco apresentou uma média mais próxima da média dos definidos regulares do que dos definidos genéricos, 34,56, mas é significativamente diferente dos dois outros tipos de definidos (Tabela 11).

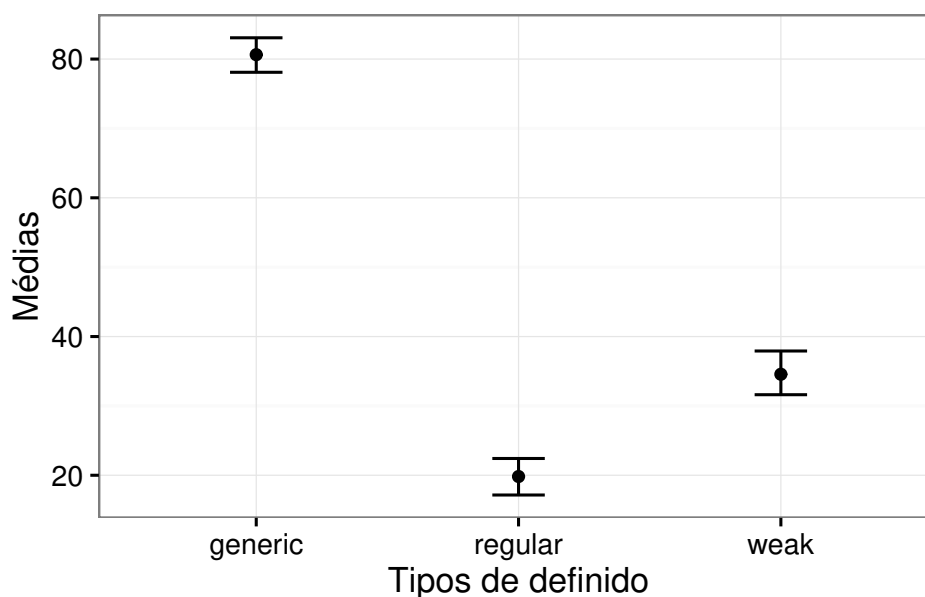


Figura 12 – Julgamento de palavras - Médias dos julgamentos (de indivíduo para categoria) por condição.

Tabela 11 – Julgamento de palavras - Estatística das médias - Modelo Misto Linear

Linear mixed model fit by REML [<code>lmerMod</code>]			
Formula: ScaledResponse ~ condition + (1 + condition subject) + (1 ,item),Data: data			
Control: lmerControl(optimizer = "bobyqa")			
-	Estimate	Std. Error	t-value
(Intercept)	80.561	2.756	29.24
condição regular	-60.719	4.501	-13.49
condição fraca	-46.133	4.134	-11.16

A distribuição dos julgamentos dos três tipos de definidos está nos histogramas a seguir. Nos julgamentos de palavras com leitura genérica (Figura 13), os de maior frequência se encontram próximos ao eixo "categoria", enquanto nos julgamentos das expressões nominais com leitura forte (Figura 14) aconteceu o oposto.

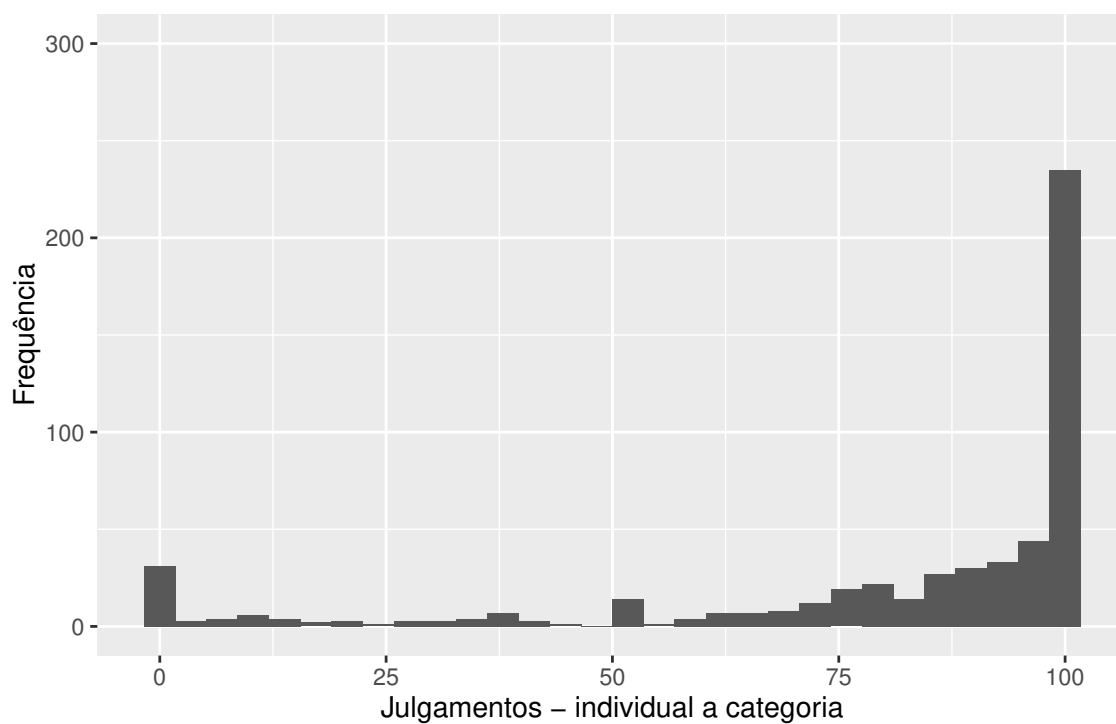


Figura 13 – Julgamento de palavras - Histograma de julgamentos na condição genérica

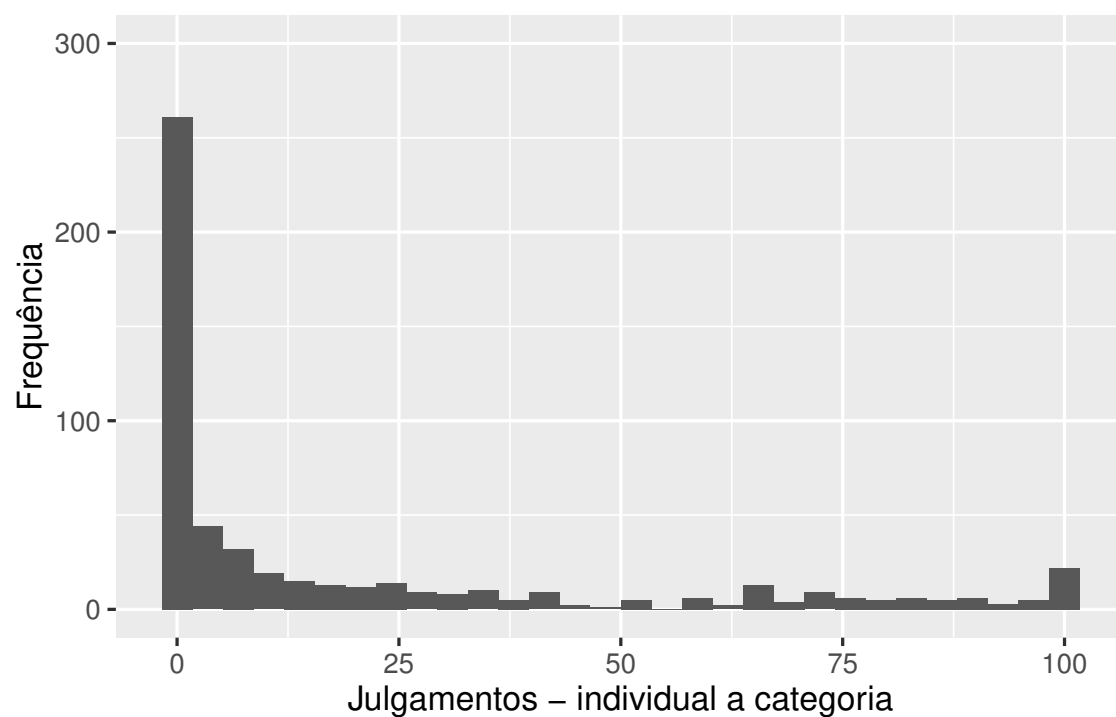


Figura 14 – Julgamento de palavras - Histograma de julgamentos na condição regular ou forte

A distribuição dos definidos fracos (Figura 15) se aproxima à dos definidos fortes,

tendo apenas uma cauda menor no extremo "individual" e um pouco maior no extremo "categoria" do que a distribuição dos definidos regulares.

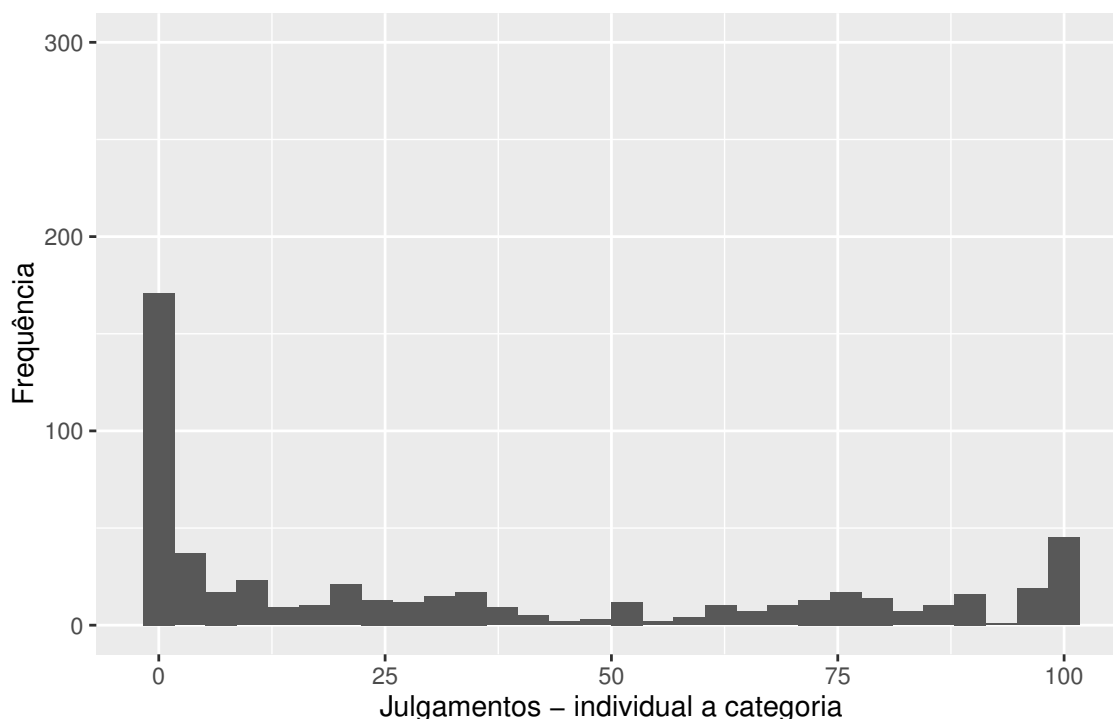


Figura 15 – Julgamento de palavras - Histograma de julgamentos na condição fraca

3.2.3 Discussão

As médias dos julgamentos revelam três diferentes avaliações para os três tipos de definidos. Os definidos regulares são interpretados como referentes a uma entidade individual, como é esperado por possuírem a propriedade da unicidade de indivíduo, em que sempre denotam um único objeto no mundo, como é proposto por Russell (1905). Os definidos genéricos apresentaram julgamentos que se encontravam no eixo oposto ao dos fortes, assim como também era esperado. Por apresentarem unicidade de tipo, tais expressões nominais sempre denotam um tipo de indivíduo no mundo, ou, como estava em nosso eixo, uma categoria. Em relação ao definido fraco, notamos uma média significativamente diferente das outras duas, sendo mais próxima da do definido regular. Desse modo, temos fortes indícios de que fracos e genéricos possuem diferentes distribuições, o que não condiz com a tese Aguilar-Guevara e Zwarts (2013).

Contudo, ainda pode-se argumentar que, em nossos dados, a distribuição do fraco, na verdade, seria um reflexo de um misto de genéricos e fortes, em que vários julgamentos

se assimilariam ao forte, e alguns poucos ao genérico, o que teria alterado nossa média de modo que ela seja significativamente diferente das outras duas condições. Tal mistura entre julgamentos de indivíduo e categoria não comporia um terceiro tipo de distribuição e sim uma mistura das duas. Não encontramos efeitos de itens ou sujeitos que poderiam justificar tal defesa, contudo, acreditamos que ao rodarmos outros experimentos, poderíamos entender melhor as diferenças semânticas refletidas nas médias encontradas.

Outrossim, nossa tarefa dependia de uma avaliação metalinguística dos participantes, em que havia a necessidade de se entender o conceito de categoria e indivíduo. Também não sabemos exatamente o que significa para o sujeito sua avaliação na escala, que apesar de ser tratada como contínua, apresenta dois valores categóricos em seus extremos.

Todavia, as três diferentes distribuições nos serviram como um fator de normalização de nossos materiais para os próximos experimentos, em que buscamos investigar a interpretação dos sujeitos em seus julgamentos a partir de diferentes situações, para termos certeza de que existem três possíveis leituras para a expressão nominal definida. Na tentativa de elaborar um experimento menos metalinguístico, realizamos um experimento de decisão forçada, descrito na próxima seção.

3.3 Experimento 2: Decisão Forçada

Dois experimentos de decisão forçada foram rodados, um em IA e uma re replicação em PB. Nesta tarefa, pedíamos ao sujeito para escolher uma entre duas possíveis continuções para as sentenças (Figura 16). As escolhas sempre eram feitas entre um referente novo (A X./Um X...) , como na Figura (16) "*A telephone...*", ou uma expressão anafórica, que seria correferencial à expressão nominal da primeira sentença (That X.../Esse X...), como na Figura (16) "*That telephone...*".

Frank answers the telephone promptly.

A telephone...	That telephone...
----------------	-------------------

Figura 16 – Decisão Forçada - Tela da tarefa

A ideia do experimento é que os definidos regulares, como são vistos como individuais, apresentariam uma preferência para a retomada de referentes, sendo a escolha anafórica a mais frequente (That X.../Esse X...). Acreditamos que essa preferência se deva ao fato de que, como a expressão definida com leitura forte representa um objeto único no discurso, seja mais fácil retomar um objeto que já está no discurso do que introduzir um novo (cf. Almor, 1999). Os definidos genéricos não apresentam unicidade de indivíduo, mas sim de tipo, o que faz com que nenhum indivíduo tenha sido introduzido no discurso. A falta do referente no discurso propiciaria a escolha de um referente novo (A X.../ Um X...). Em relação à escolha do "That X..." / "Esse X..." para marcarem o que seria a escolha anafórica e à escolha do "A X..." / "Um X..." para marcar o que seria a escolha de um novo referente, Gundel, Hedberg e Zacharski (1993) propuseram uma escala de "familiaridade" (*givenness*), em que ao determinarmos um nome com o pronome demonstrativo "That" ou "Esse(a)" marcaríamos que aquele nome seria familiar no discurso, enquanto o artigo indefinido "A" ou "Um(a)" marcaria que o nome é novo, acabou de ser introduzido no discurso.

Se os definidos fracos são um tipo de genérico, como propõem Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013), nossa hipótese é de que os participantes escolheriam com maior frequência um referente novo do que uma anáfora, se comportando como os definidos genéricos, como podemos ver na Tabela (12) abaixo.

Tabela 12 – Decisão Forçada - Hipótese segundo a teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013)

Tipo de definido	Fracos = Genéricos
Genérico	A X.../Um(a) X...
Fraco	A X.../Um(a) X...
Forte	That X.../Esse(a) X...

Os experimentos de decisão forçada também não apresentaram distratores por objetivarem uma decisão consciente entre um referente novo ou um velho.

3.3.1 Participantes

O experimento em IA contou com a participação de 90 participantes (34 mulheres), que receberam o pagamento de US\$0.30. Todos os sujeitos eram falantes nativos de inglês e com o ensino médio completo. A média de idade dos sujeitos é de 34 anos. Na reeplicação

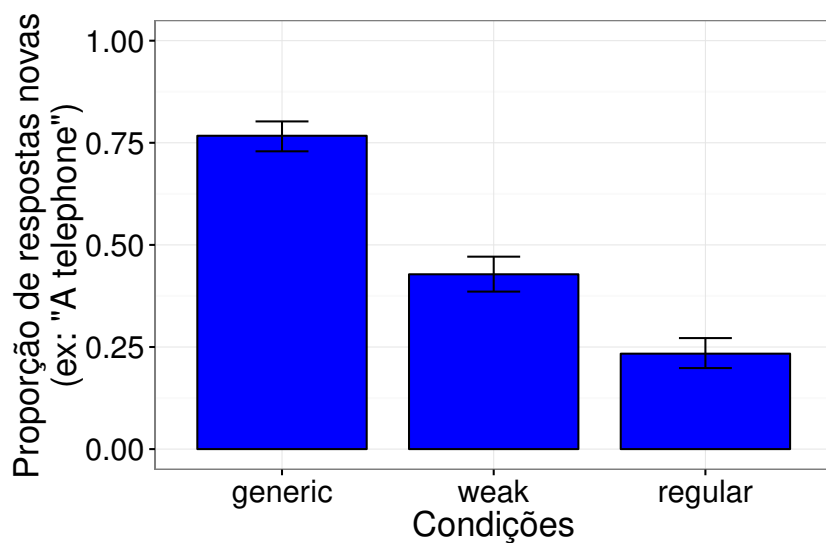
em PB, 90 pessoas com ensino médio completo (52 mulheres) e idade média de 22 anos realizaram o experimento como voluntários.

3.3.2 Resultados

Da mesma forma que, no experimento anterior, preferimos o uso de modelos mistos para a análise de dados. Optamos por analisar nossos dados por meio de um Modelo Misto de Regressão Logística Binomial neste e nos próximos experimentos descritos neste capítulo. Tal escolha se justifica porque este e os próximos experimentos apresentam dados nominais e, normalmente, em dados desse tipo, realiza-se um teste de Chi-quadrado, como fizemos na análise de corpus, que não permite que efeitos sejam incluídos. Dessa maneira, como no experimento anterior, acreditamos que a análise de itens se faz importante, pela natureza semântica dos nossos itens, assim como a de sujeitos, pelo uso do MTurk para a realização dos experimentos, por isso utilizamos um modelo que incluía os efeitos de item e de sujeito. Os dados obtidos neste e nos próximos experimentos foram analisados no software estatístico R, por meio do pacote *lme4*.

Na Figura (3.3.2) e na Tabela (13), em IA, nas sentenças que continham definidos genéricos, os sujeitos tiveram uma preferência por um novo referente, 76,7% das vezes, enquanto com a leitura forte a preferência pelo novo foi de somente 23,4%, como era esperado. Já o definido fraco se mostrou diferente do genérico, pois a decisão por um novo referente foi significativamente menor, 42,9% (Tabela 14). Levamos em consideração no nosso modelo itens e sujeitos e ambos os fatores não aparecem como artefatos de nossos dados.

Figura 17 – Decisão Forçada - Proporção de novos referentes por condição em inglês americano



Decisão Forçada -

Proporção de novos referentes por condição em inglês americano

Tabela 13 – Decisão Forçada - Proporção de escolhas entre o novo e o anafórico por tipo de definido - IA

Condições	Novo (A X.../Um X...)	Anafórico (That X.../Esse X...)
Genérica	0.767	0.233
Regular	0.234	0.767
Fraca	0.429	0.571

Tabela 14 – Decisão Forçada - Regressão Logística Binomial - dados IA

Generalized linear mixed model fit by maximum likelihood (Laplace Approximation) [<code>glmerMod</code>], Family: binomial, (logit)				
Formula: choice == "New" ~ condition + (1 + condition subject) + (1 item), Control: glmerControl(optimizer = "bobyqa")				
	Estimate	Std. Error	z-value	Pr(> z)
(Intercept)	1.4719	0.2118	6.949	3.67e-12 ***
condição regular	-3.3248	0.3485	-9.540	<2e-16 ***
condição fraca	-1.9284	0.3130	-6.162	7.18e-10 ***

Em PB, Figura (18) e Tabela (15), o esperado em relação ao definido regular e ao genérico também ocorre, sendo as sentenças com o definido regular as que menos são completadas com o novo, 16,9%, e as com o definido genérico as que têm como maior continuação um novo referente, 71,3%. Em, PB, o fraco aparece de novo significativamente diferente do genérico, pois a decisão por um novo referente foi de 30,6% (Tabela 16).

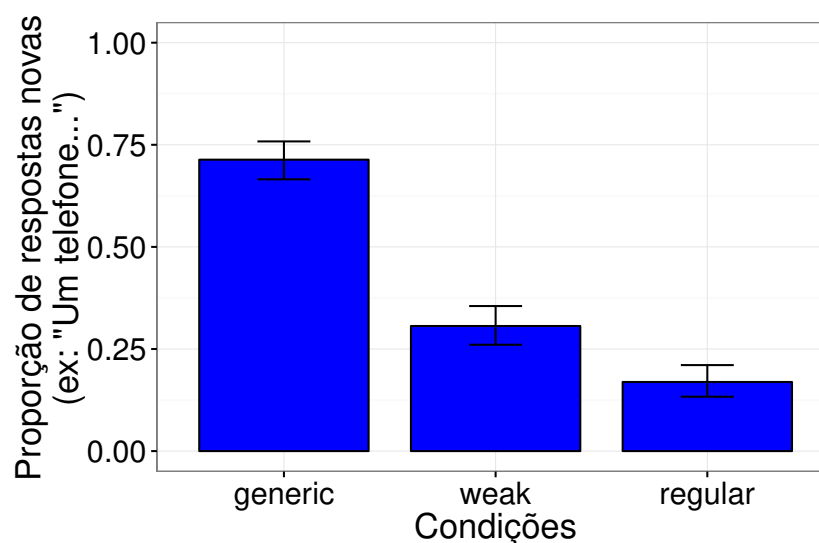


Figura 18 – Decisão Forçada - Proporção de novos referentes por condição em português brasileiro

Tabela 15 – Decisão Forçada - Proporção de escolhas entre o novo e o anafórico por tipo de definido - PB

Condições	Novo (A X.../Um X...)	Anafórico (That X.../Esse X...)
Genérica	0.713	0.287
Regular	0.169	0.831
Fraca	0.306	0.694

Tabela 16 – Decisão Forçada - Regressão Logística Binomial: dados PB

Generalized linear mixed model fit by maximum likelihood (Laplace Approximation) [glmerMod], Family: binomial, (logit)				
Formula: choice == "New" ~ condition + (1 + condition subject) + (1 item), Control: glmerControl(optimizer = "bobyqa")				
	Estimate	Std. Error	z-value	Pr(> z)
(Intercept)	1.2506	0.2372	5.272	1.35e-07 ***
condição regular	-3.4783	0.3950	-8.806	« 2e-16 ***
condição fraca	-2.3165	0.3160	-7.331	2.28e-13 ***

3.3.3 Discussão

Os resultados esperados para os definidos regulares e os genéricos foram confirmados em IA e em PB, sendo a preferência pelo novo em sentenças que continham o DP com leitura genérica e a preferência pela anáfora em sentenças que continham o DP com leitura regular. Os definidos fracos apresentaram um padrão diferente dos genéricos, mesmo em IA, em que houve uma pequena, mas significativa tendência para uma preferência por uma continuação anafórica. Assim, mais uma vez nossos dados apontam para a diferença entre fracos e fortes, contrariando a hipótese de Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013).

Ainda que nossos dados apontem para o distanciamento entre definidos fracos e genéricos, pode-se afirmar que a nossa categoria fracos seria reflexo de uma mistura entre

fortes e genéricos, em que o novo teria sido escolhido quando a leitura foi genérica e o anafórico quando a leitura foi regular, apesar de nosso modelo considerar itens e sujeitos e não demonstrar que tais fatores possam ter influenciado nos dados. Por conseguinte, partiremos para dois experimentos de produção, que visam buscar características que ajudem nesse problema. Nesses experimentos, não fizemos uso de nenhum tipo de julgamento metalinguístico, sem categoria de classificação dos dados que possam levá-los a se comportarem como regulares ou genéricos. Além disso, os sujeitos o fizeram de maneira ingênua, sem decisões conscientes sobre o que foi experimentado.

3.4 Experimento 3: Completação livre

O experimento de completção livre foi o primeiro experimento de produção. A tarefa do experimento consistia em os sujeitos lerem uma sentença e escreverem uma continuação para ela¹⁸. O participante era livre para criar a segunda sentença¹⁹, mas ela deveria ser uma continuação da primeira. Um exemplo da tarefa está na Figura (19).

The great German composer, Wagner, changed the opera
for good.

Figura 19 – Completação livre - Tela da tarefa

Nesse experimento, além de observarmos se os dados da condição fraca apresentam semelhanças aos da condição genérica, verificando a teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts sobre os definidos fracos, também investigamos a teoria da incorporação de Carlson et al. (2013). O experimento de completção livre foi criado no intuito de analisar as continuações propostas pelos sujeitos, tendo como foco de análise a repetição da palavra alvo, como "opera", na Figura (19). Nossa hipótese era de que se o definido fraco faz parte de um processo de incorporação, como proposto por Carlson et al. (2013), é menos provável que ele seja repetido na completção, pois o evento do VP é mais saliente do que o nome em si. Logo, seria mais fácil para os sujeitos repetirem a expressão nominal nas condições forte e genérica, como vemos na Tabela (17).

¹⁸ As instruções do experimento estão no Apêndice (H)

¹⁹ Usamos a palavra livre no intuito de que eles podem criar qualquer continuação, começando como quiserem a sentença, usando as palavras que quiserem. Tal ideia se opõe ao próximo experimento, em que a completção é forçada, no sentido que os sujeitos terão que usar palavras pré-determinadas em sua completção.

Tabela 17 – Completação livre - Hipótese segundo a teoria da incorporação de Carlson et al.(2013)

Tipo de definido	Repetição da palavra alvo
Genérico	Mais repetições que o fraco
Fraco	Menor número de repetições
Forte	Mais repetições que o fraco

3.4.1 Participantes

A tarefa só foi realizada em inglês, assim 90 falantes nativos de inglês (55 homens) participaram pelo pagamento de US\$3.00. A média de idade dos sujeitos foi de 32 anos e todos tinham o ensino médio completo.

3.4.2 Resultados

Em nossa análise avaliamos a frequência de repetição da palavra alvo (por exemplo, "opera") por condição. Um exemplo de dado em que não houve repetição da palavra alvo é o exemplo (73) abaixo, em que sentença experimental continha como palavra alvo "opera", que não foi repetida na continuação.

Exemplo 73. Sentença experimental: The great German composer, Wagner, changed the opera for good.²⁰

Continuação do participante: *He was a beautiful person.*²¹

Foram quantificadas como repetição as ocorrências em que houve a repetição da palavra alvo por pronome, DP (qualquer tipo de determinante + palavra alvo) e nome no plural ou singular (palavra alvo sem determinate). No exemplo (77), podemos observar a repetição da palavra alvo "opera" pelo pronome "it". Já o exemplo (78) traz uma situação em que a repetição se deu pelo uso do nome determinado pelo artigo definido, "the opera". O último exemplo, (79), apresenta uma repetição com o nome no plural, "operas".

Exemplo 74. Sentença experimental: The great German composer Wagner changed the opera for good.²²

Continuação do participante: *It is now much better then before.*²³

²⁰ "O grande compositor alemão, Wagner, mudou a ópera para sempre".

²¹ "Ele era uma pessoa bonita".

²² "O grande compositor alemão, Wagner, mudou a ópera para sempre".

²³ "Ela agora é muito melhor do que antes".

Exemplo 75. Sentença experimental: The great German composer Wagner changed the opera for good.

Continuação do participante: *The opera is still a noble entertainment today.* ²⁴

Exemplo 76. Sentença experimental: The great German composer Wagner changed the opera for good.

Continuação do participante: *Many later operas incorporated his changes.* ²⁵

Como podemos observar na Tabela (18) e na Figura (20), nossa hipótese se confirmou e o nome fraco foi significativamente (Tabela 19) menos repetido, 11,9% do que os outros dois tipos de definidos. O definido genérico foi o que apresentou maior frequência de repetição, 42,4%, e a palavra alvo com leitura forte foi repetida 25,5% das vezes.

Tabela 18 – Completação livre - Proporção de não repetição e repetição por tipo de definido

condição	não há repetição	há repetição
genérico	0.576	0.424
regular	0.750	0.250
weak	0.881	0.119

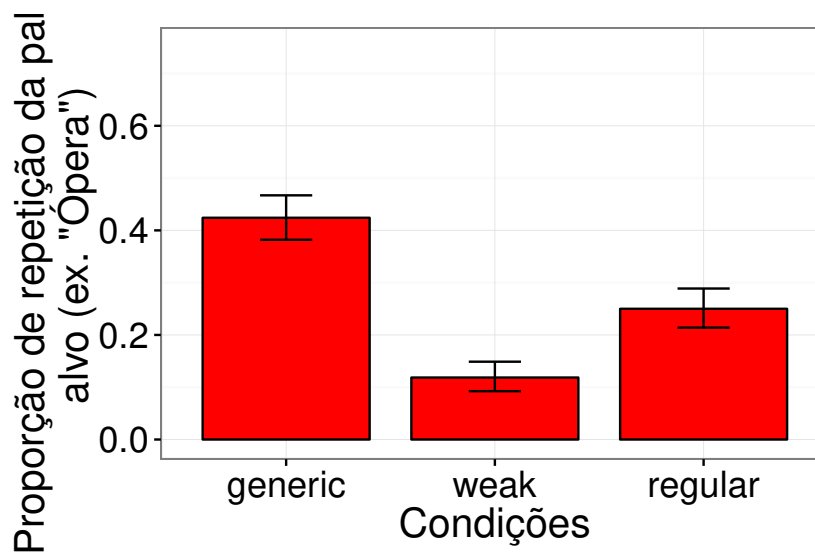


Figura 20 – Completação livre - Proporção de repetição por condição

²⁴ "Hoje, a opera ainda é um entretenimento nobre".

²⁵ "Muitos anos depois, operas incorporaram suas mudanças".

Tabela 19 – Completação Livre - Regressão Logística Binomial

Generalized linear mixed model fit by maximum likelihood (Laplace Approximation) [<code>glmerMod</code>], Family: binomial, (logit)				
Formula: <code>twr == 'y' ~ condition + (1 subject) + (1 item)</code> , Data: <code>datac</code>				
Control: <code>glmerControl(optimizer = "bobyqa")</code>				
	Estimate	Std. Error	z-value	Pr(> z)
(Intercept)	-2.3662	0.2654	-8.915	<2e-16 ***
condição fraca	1.9978	0.3454	5.785	7.27e-09 ***
condição regular	1.0323	0.3487	2.960	0.00308 **

3.4.3 Discussão

A hipótese de que se incorporado o nome fraco apresentaria uma menor chance de ser repetido foi confirmada, o que corrobora a hipótese de incorporação de Carlson et al. (2013). Além disso, o definido fraco apresentou um comportamento diferente do genérico, o que mais uma vez invalida a teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts (2013).

É importante ressaltar que, nos últimos dois experimentos, o definido fraco parece estar em algum lugar entre o definido regular e o genérico, aqui isso não procede. Percebemos claramente que os definidos fracos apresentam dados diferentes dos outros dois tipos de definidos.

Após analisarmos os dados, ficamos nos perguntando sobre a morfossintaxe e a semântica das repetições ocorridas nesse experimento. Como vemos nos exemplos trazidos em resultados e repetidos abaixo (77, 78, 79), a sentença experimental apresenta a palavra alvo na condição genérica, em que "ópera" representa um tipo. Ao repetir "ópera", os sujeitos o fizeram com três diferentes tipos de morfossintaxe, mas mantiveram uma leitura genérica na sentença de continuação, em que "ópera" ainda representa um tipo.

Exemplo 77. Sentença experimental: The great German composer Wagner changed the opera for good.²⁶

Continuação do participante: *It is now much better then before.*²⁷

Exemplo 78. Sentença experimental: The great German composer Wagner changed the opera for good.

Continuação do participante: *The opera is still a noble entertainment today.*²⁸

Exemplo 79. Sentença experimental: The great German composer Wagner changed the opera for good.

Continuação do participante: *Many later operas incorporated his changes.*²⁹

²⁶ "O grande compositor alemão, Wagner, mudou a ópera para sempre".

²⁷ "Ela agora é muito melhor do que antes".

²⁸ "Hoje, a ópera ainda é um entretenimento nobre".

²⁹ "Muitos anos depois, óperas incorporaram suas mudanças".

A morfossintaxe das repetições nos interessou, pois o aparecimento de um nome no plural, por exemplo, pode ser uma marca de uma leitura genérica. Como o número de repetições foi muito baixo na condição fraca, não possibilitando uma análise quantitativa, decidimos criar um experimento de Completação Forçada, descrito a seguir, com o intuito de observar a morfossintaxe das repetições.

3.5 Experimento 4: Completação Forçada

O quarto experimento também tem como base de análise a produção dos sujeitos de uma segunda sentença a partir de uma primeira, como afirmamos no fim da seção anterior. A diferença aqui é que o participante não é livre para realizar sua produção, ele deve repetir a palavra marcada em negrito, como "hospital" na Figura(21). Com o objetivo de manter o sujeito inocente, e não limitá-lo a somente repetir palavras em posição de objeto e determinadas por artigo definido, neste experimento incluímos distratores.

In the XVIII century, hygiene rules were introduced
into the **hospital** in the western world.

Figura 21 – Completação forçada - Tela da tarefa

Os sujeitos foram instruídos a repetir a palavra em negrito e nada foi dito sobre o uso específico de um determinante (ver instruções em Apêndice I). A escolha do determinante (nu, artigo indefinido, definido) foi analisada, assim como uma repetição por pronome. Esperava-se que se a primeira sentença tivesse uma expressão nominal definida genérica, haveria uma maior chance que a repetição fosse realizada com formas que são mais comuns ao nome genérico, como o nu plural³⁰ (*bare plural*), o que não aconteceria com o definido regular, que apresentaria preferencialmente formas de retomada anafórica, como o pronome, o artigo singular, o pronome como determinante (cf. [Gundel, Hedberg e Zacharski, 1993](#)).

Nosso objetivo neste experimento era mais uma vez diferenciar definidos fracos e genéricos, a partir da forma morfossintática que apareceria no nome repetido.

³⁰ Ver [Carlson e Pelletier \(1995\)](#).

3.5.1 Participantes

30 participantes (16 homens), com idade média de 36 anos, realizaram a tarefa pelo pagamento de US\$3.00. Todos os sujeitos tinham o ensino médio completo e o inglês como língua nativa.

3.5.2 Resultados

Em todas as condições, o nome determinado pelo artigo definido (que chamamos de *dp* no eixo *y* da Figura 22) foi a forma mais frequente de retomada. Isso é esperado pois tal forma morfosintática foi facilitada devido à sua presença na primeira oração. O exemplo (80) apresenta uma completção que contém a repetição do DP alvo "*the hospital*".

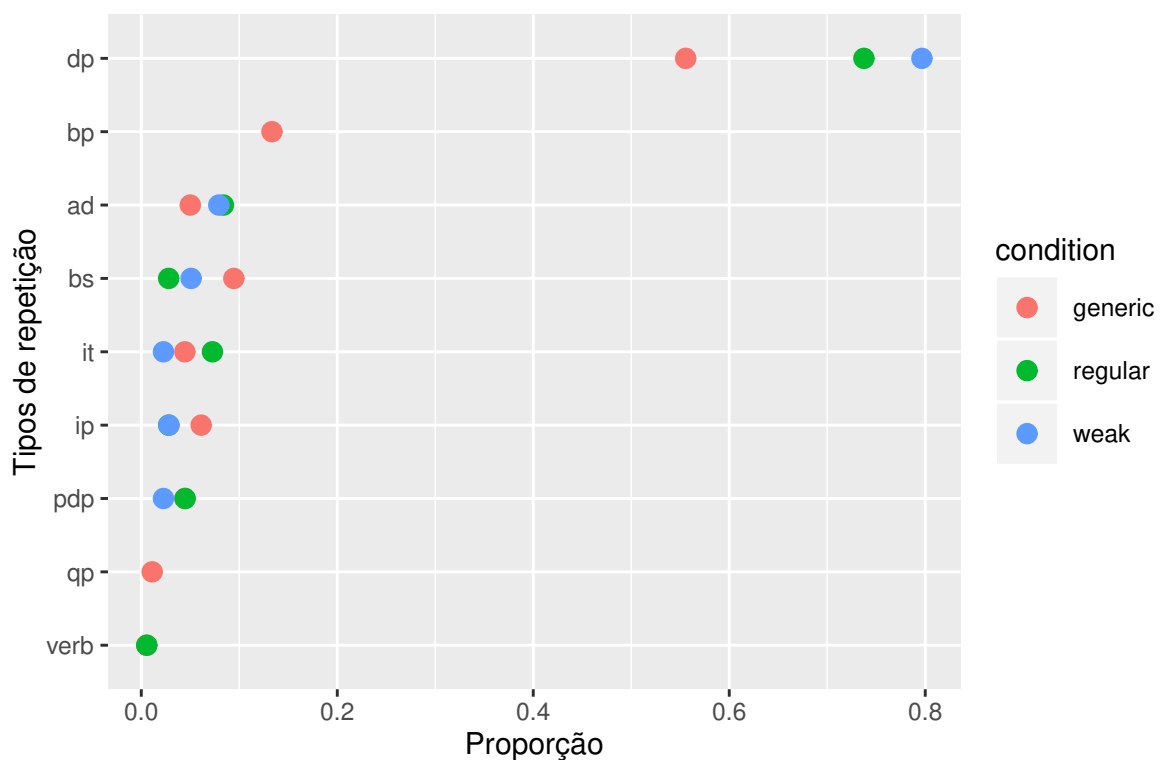


Figura 22 – Completção forçada - Como as repetições foram realizadas por condição e suas proporções

Exemplo 80. Sentença experimental: In the XVIII century hygiene rules were introduced into the hospital in the western world.³¹

Continuação do participante: *The hospital was now a clean place.*³²

³¹ "No final século XIX, as regras de higiene foram introduzidas no hospital."

³² "Agora o hospital é um lugar limpo".

Contudo, a condição genérica apresenta um número menor de *dp*, e, como segunda forma de repetição do nome, o nome nu plural (que chamamos de *bp* - bare plural - na Figura 22), sendo a única condição que apresenta esse tipo de retomada. O exemplo (81) contém a repetição da palavra alvo "*hospital*" como nome nu plural.

Exemplo 81. Sentença experimental: In the XVIII century hygiene rules were introduced into the hospital in the western world.³³

Continuação do participante: *Hospitals had never understood the importance of cleanliness.*³⁴

Ainda temos como retomada a transformação do nome em adjetivos (*ad*), como no exemplo (82), em que o substantivo "*hospital*" é transformado em adjetivo, e a transformação em verbos, como em (83), em que o substantivo "*bank*" é transformado em verbo.

Exemplo 82. Sentença experimental: In the XVIII century hygiene rules were introduced into the hospital in the western world.³⁵

Continuação do participante: *The hospital industry is now one of the largest in the world.*³⁶

Exemplo 83. Sentença experimental: In Medieval times merchants used the bank to deposit their credit.³⁷

Continuação do participante: *Merchants did a lot of banking and made money.*³⁸

O nome nu singular (*bs*), exemplo (84), o pronome (*it*), exemplo (85), e o sintagma nominal determinado pelo artigo indefinido (*ip*), exemplo (86), também foram usados para repetir a palavra alvo "*guitar*", como vemos abaixo.

Exemplo 84. Sentença experimental: Most songwriters use the guitar when writing songs.³⁹

Continuação do participante: *Guitar is the perfect instrument to work out music.*⁴⁰

³³ "No final século XIX, as regras de higiene foram introduzidas no hospital."

³⁴ "Hospitais nunca entenderam a importância da limpeza".

³⁵ "No final século XIX, as regras de higiene foram introduzidas no hospital."

³⁶ "A indústria hospitalar é uma das maiores do mundo".

³⁷ "Nos tempos medievais, os comerciantes usavam o banco para depositar seus créditos".

³⁸ "Comerciantes *banquearam* muito e ganharam dinheiro".

³⁹ "Muitos compositores usam a guitarra quando estão compondo".

⁴⁰ "Guitarra é o instrumento perfeito para se compor música".

Exemplo 85. Sentença experimental: Samuel sold the guitar last year.⁴¹

Continuação do participante: *He didn't want to sell **it** because it was his favorite guitar but he needed the money.*⁴²

Exemplo 86. Sentença experimental: Jimi Hendrix played the guitar better than anyone else.⁴³

Continuação do participante: *Nowadays **a guitar** that was played by him is worth very much.*⁴⁴

Também houve repetições pelo pronome determinando um nome (*pdp*), exemplo (87), e o nome acompanhado de um quantificador (*qp*), exemplo (88), que só apareceu na condição genérica, mas em quantidade muito baixa, como observamos na Figura (22).

Exemplo 87. Sentença experimental: Zack listens to the radio while he drives.⁴⁵

Continuação do participante: *His car **radio** is an aftermarket system.*⁴⁶

Exemplo 88. Sentença experimental: In the XVIII century hygiene rules were introduced into the hospital in the western world.⁴⁷

Continuação do participante: ***Every hospital** since then uses the same rules.*⁴⁸

3.5.3 Discussão

De acordo com os dados encontrados, a morfossintaxe da repetição se mostrou um interessante achado na distinção entre fracos e genéricos, com dados que se opõe mais uma vez à teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts. O uso do nome no plural separa o definido genérico dos outros dois tipos de definidos. Sendo o nome no plural a forma prototípica dos genéricos em inglês (cf. Carlson e Pelletier, 1995), o fato de que ele não ocorreu na condição fraca é mais um sinal de que fraco e genérico não se comportam do mesmo jeito, não sendo o mesmo tipo de categoria de definitude.

⁴¹ "Samuel vendeu a guitarra no ano passado".

⁴² "Ele não queria vendê-la porque ela é sua guitarra favorita, mas ele precisava de dinheiro".

⁴³ "Jimi Hendrix tocava a guitarra melhor que qualquer um".

⁴⁴ "Hoje em dia uma guitarra que foi tocada por ele vale muito dinheiro".

⁴⁵ "Zach ouve o rádio enquanto dirige".

⁴⁶ "O rádio do seu carro é um sistema de segunda mão".

⁴⁷ "No final século XIX, as regras de higiene foram introduzidas no hospital".

⁴⁸ "Hoje em dia uma guitarra que foi tocada por ele vale muito dinheiro".

3.6 Conclusões

Os dados obtidos nos experimentos se opõem à teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts (2011 e 2013) de que fracos e genéricos seriam a mesma categoria de definitude. Assim, mais uma vez de maneira empírica, os definidos fracos se sustentam como uma categoria de definitude. Para avaliarmos os dados obtidos ao longo deste trabalho de acordo com as teorias aqui trazidas, trazemos uma discussão geral no próximo capítulo.

4 Discussão Geral

Aguilar-Guevara e Zwarts(2011, 2013) afirmam que o definido fraco seria na verdade um definido genérico. A defesa de tal teoria pelos autores se faz principalmente de modo axiomático e por meio de exemplos criados de maneira introspectiva. Carlson et al (2005, 2006, 2013) defendem que o fraco seria uma categoria de definitude, distinta dos definidos fortes, com comprovação por dados quantitativos, e provavelmente distinta de genéricos, contudo sem dados sobre essa possível distinção. Neste trabalho, tentamos verificar se há tal distinção entre fracos e genéricos, por meio de dados quantitativos. Assim, para a análise de corpus, partimos de uma perspectiva agnóstica no intuito de verificar que, se tal distinção existisse, como seria a distribuição das três categorias. Em nossos experimentos, partimos da hipótese que teríamos três distintas categorias de definitude, visando observar a interpretação/produção de sujeitos a partir dessas três leituras. Acreditamos que nossos dados de corpus e nossos dados experimentais trouxeram importantes evidências de que há três distintas categorias de definitude, ligadas ao artigo definido: o definido fraco, o definido regular ou forte e o definido genérico. Além disso, nossos dados trouxeram à tona algumas características relevantes do definido fraco.

A primeira parte de nossa análise qualitativa foi feita por meio de um estudo de corpus em que objetivamos analisar a ocorrência do definido fraco em oração, observando sua função sintática e a classe acional do verbo de sua oração. Ao verificarmos a distribuição dos definidos em relação ao tipo (fraco, regular e genérico) em corpus, descobrimos que definidos fracos ocorrem significativamente mais do que os genéricos, o que sinaliza que os fracos são mais comuns no uso do que se aparentava pelas descrições realizadas por Carlson et al (2005, 2006, 2013) e Aguilar-Guevara e Zwarts (2011,2013). Além disso, os fracos ocorrem sim em posição de sujeito, o que não é previsto pelas teorias. A teoria da incorporação semântica de Carlson et al. (2013) só explica as ocorrências de fraco nas posições de objeto e adjunto. A teoria de que o fraco seria um genérico de Aguilar-Guevara e Zwarts (2011,2013) também encontra problemas com a ocorrência de fracos em posição de sujeito, que para os autores não ocorreria com a leitura fraca, e com a ocorrência de adjuntos, pois a posição sintática de objeto é tão frequente quanto a adjunto no definido fraco. O último fato pode ser levantado como um indício de um processo de incorporação, enquanto o primeiro, da ocorrência em posição de sujeito, não cabe em ambas as teorias.

Os dados de aspecto lexical também se mostraram interessantes pelo fato de a teoria de incorporação prever que os fracos ocorreriam preferencialmente em atividades e eventos, o que se mostrou verdadeiro. Ademais, foram encontradas ocorrências de fraco em orações estativas, o que se mostra interessante para futuras investigações, pois não é explicado pela teoria da incorporação. O fato de que os definidos fracos se mostram mais

propícios a ocorrer em atividades também fortalecem a hipótese de que genéricos e fracos seriam diferentes categorias com diferentes características semânticas, o que é contrário à teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013). Ainda em relação à nossa análise de aspecto lexical, há a dúvida de como é a relação entre classe acional e adjuntos. Como a classe acional é do verbo e o adjunto não faz parte da grade argumental do verbo, não sabemos o quanto a classe acional pode ajudar nesses casos.

Além do mais, os dados dos experimentos também se mostraram produtivos, principalmente no distanciamento entre a expressão nominal com leitura fraca e a com leitura genérica. O grupo de resultados apontou mais uma vez para três diferentes tipos de definidos. O primeiro experimento realizado foi um Julgamento de palavras em que os sujeitos classificavam os definidos entre dois extremos de uma escala que ia de *indivíduo* até *categoria*. A condição definido fraco apresentou um julgamento diferente dos outros tipos definidos, apresentando uma classificação mais próxima a indivíduos, ou seja, à classificação dos definidos regulares, mas ainda com diferença significativa entre fracos e fortes. Desse modo, temos fortes indícios de que fracos e genéricos possuem diferentes distribuições, o que não condiz com a tese Aguilar-Guevara e Zwarts (2013).

O segundo experimento apresentou uma tarefa de Decisão forçada, em que os participantes deveriam escolher entre uma continuação que apresentava uma anáfora da expressão definida ou pela expressão definida com um novo referente. Os resultados esperados para os definidos regulares e os genéricos foram confirmados em IA e em PB, sendo a preferência pelo novo em sentenças que continham o DP com leitura genérica e a preferência pela anáfora em sentenças que continham o DP com leitura regular. Os definidos fracos apresentaram um padrão diferente dos genéricos, mesmo em IA, em que houve uma pequena, mas significativa tendência para uma preferência por uma continuação anafórica. Assim, mais uma vez nossos dados apontam para a diferença entre fracos e fortes, contrariando a hipótese de Aguilar-Guevara e Zwarts (2011, 2013).

O experimento seguinte era uma Completação livre em que os sujeitos criavam uma continuação para sentença. Aqui a hipótese levava em consideração a teoria da incorporação, pois, se incorporado, o nome fraco apresentaria uma menor chance de ser repetido, o que foi confirmado. Tais dados corroboram a hipótese de incorporação de Carlson et al. (2013). Além disso, o definido fraco apresentou um comportamento diferente do genérico, o que mais uma vez invalida a teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts (2013).

O quarto e último experimento realizado era uma Completação forçada, em que os participantes deveriam criar uma sequência contendo a palavra alvo, que apresentava uma leitura fraca, forte ou genérica. Nossa intenção era observar a morfossintaxe que seria utilizada pelos sujeitos para fazer tal repetição e, de acordo com os dados encontrados, a morfossintaxe da repetição se mostrou um interessante achado na distinção entre fracos e genéricos, com dados que se opõe mais uma vez à teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts. O

uso do nome no plural separa o definido genérico dos outros dois tipos de definidos, sendo que o nome no plural é a forma prototípica dos genéricos em inglês (cf. Carlson e Pelletier, 1995). Ademais, o fato de que ele não ocorreu na condição fraca é mais um sinal de que fraco e genérico não se comportam do mesmo jeito, não sendo o mesmo tipo de categoria de definitude.

A perspectiva empírica se demonstrou útil na pesquisa sobre definidos fracos, trazendo importantes evidências sobre a teoria de que o fraco é uma categoria de definitude. Assim acreditamos que a hipótese de que fracos não são genéricos foi comprovada, contudo estudos adicionais se fazem necessários para particularidades encontradas. Um problema que pode ser apontado em nosso trabalho é a circularidade intrínseca à nossa análise, pois, para compararmos definidos fracos e genéricos, partimos de estímulos que eram classificados como fracos e genéricos. Acreditamos que a circularidade não é um problema em nossa análise, pois se as categorias fossem iguais, esperaríamos que os dados se comportassem de maneira igual.

Outrossim é importante que, a partir desses dados, o processamento seja levado para o foco da pesquisa. A busca por realidade psicológica pode nos ajudar a responder: o que é um nome determinado por um artigo definido? Quando o nome está determinado há ou não o acesso ao nível individual do referente? Como se dá o processamento dos definidos? Ademais, há ainda várias perguntas sobre o que seria um nome genérico. O que seria o genérico em relação ao processamento? Segundo Krifka et al. (1995: 4), com a referência de tipo, nós nos abstrairíamos de objetos particulares, mas o que seria abstrair um referente pensando no nível processual? Há o acesso ou não há o acesso ao referente objeto quando recebemos como *input* um referente tipo? Isto posto, acreditamos que mais investigações empíricas, com um enfoque processual podem ser de grande relevância no estudo da definitude.

Referências Bibliográficas

- ABBOT, B. Definiteness and indefiniteness. In: WARD., L. R. (Ed.). *Handbook of Pragmatics*. Oxford: Blackwell, 2004. p. 122–149.
- ABBOT, B. *Reference*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- AGUILAR-GUEVARA, A.; ZWARTS, J. Weak definites and reference to kinds. *Proceedings of SALT*, Ithaca, v. 20, p. 179–196, 2011.
- AGUILAR-GUEVARA, A.; ZWARTS, J. Weak definites refer to kinds. *Weak definites across Languages*, Recherches Linguistiques de Vincennes, v. 42, p. 33–60, 2013.
- ALMOR, A. Noun-phrase anaphora and focus: The informational load hypothesis. *Psychological Review*, v. 106, p. 748–765, 1999.
- BARR, D. J. et al. Random effects structure for confirmatory hypothesis testing: Keep it maximal. *Journal of Memory and Language*, v. 68, n. 3, p. 255 – 278, 2013. ISSN 0749-596X. Disponível em: <[//www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0749596X12001180](http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0749596X12001180)>.
- BATES, D. et al. Parsimonious mixed models. *Journal of Memory and Language*, 2015.
- BATES, D. et al. Fitting linear mixed-effects models using *lme4*. *Journal of Statistical Software*, v. 67, n. 1, p. 1–48, 2015.
- BEYSSADE, C. Weak definites: between indefiniteness and genericity. *Déterminants et Inférences*, 2012.
- BEYSSADE, C.; OLIVEIRA, R. de. *Weak definites across Languages*. [S.l.]: Recherches linguistiques de Vincennes, 2013. v. 42.
- CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- CANÇADO, M. A noção de aspecto. Material desenvolvido para a disciplina *Semântica Lexical*. 2011.
- CARLSON, G. Generic reference. In: BROWN, K. (Ed.). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Amsterdam: Elsevier, 2005.
- CARLSON, G. et al. Weak definites as a form of definiteness: Experimental investigations. *Weak definites across Languages*, Recherches Linguistiques de Vincennes, v. 42, p. 11–32, 2013.
- CARLSON, G.; PELLETIER, F. J. *The Generic Book*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- CARLSON, G. et al. Weak definites noun phrases. *Proceedings of NELS*, Amherst, v. 36, p. 179–196, 2006.
- CARLSON, G.; SUSSMAN, R. S. Seemingly indefinite definites. In: KEPSAR, . M. R. S. (Ed.). *Linguistic Evidence*. Berlin: de Gruyter, 2005.

CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa - Novo Acordo Ortográfico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

CHOMSKY, N. *Cartesian Linguistics: A Chapter in the History of Rationalist Thought*. New York: Cambridge University Press, 1966.

COHEN, J. et al. *Applied Multiple Regression/Correlation Analysis for the Behavioral Sciences*. Mahwah: LAWRENCE ERLBAUM ASSOCIATES, PUBLISHERS, 2003.

CULICOVER, P. W.; JACKENDOFF, R. Quantitative methods alone are not enough: Response to gibson and fedorenko. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 14, p. 234–235, 2010.

CUNHA-LIMA, M. L. *Indefinido, Anáfora e Construção Textual da Referência*. Tese (Doutorado) — Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2004.

DOWTY, D. R. *Word Meaning and Montague Grammar: The Semantics of Verbs and Times in Generative Semantics and in Montague's Ptq*. [S.l.]: Springer, 1979.

FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

GELMAN, A.; HILL, J. *Data analysis using regression and multilevel/hierarchical models*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. (Analytical methods for social research). ISBN 0-521-68689-X. Disponível em: <<http://opac.inria.fr/record=b1128406>>.

GIBSON, E.; FEDORENKO, E. Weak quantitative standards in linguistics research. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 14, p. 233–234, 2010.

GIBSON, E.; FEDORENKO, E. The need for quantitative methods in syntax and semantics research. *Language and Cognitive Processes*, v. 28, p. 88–124, 2013.

GIBSON, E.; PIANTADOSI, S. T.; FEDORENKO, E. Quantitative methods in syntax/semantics research: A response to sprouse and almeida (2012). *Language and Cognitive Processes*, p. 1–12, 2012.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. [S.l.]: The University of Chicago Press, 1995.

GUNDEL, J. K.; HEDBERG, N.; ZACHARSKI, R. Cognitive status and the form of referring expressions in discourse. *Language*, v. 69, n. 2, p. 274–307, June 1993.

HEIM, I. The semantics of definite and indefinite noun phrases. In: HANKAMER, J. (Ed.). *Outstanding dissertations in Linguistics*. New York: Garland Publishing Inc., 1982.

ILARI, R. Os reflexivos e a interpretação dos prossintagmas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, p. 56–156, 1981.

IOANNIDIS, J. P. A. Why most published research findings are false. *PLoS Med*, Public Library of Science, v. 2, n. 8, p. e124, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1371%2Fjournal.pmed.0020124>>.

JAEGER, F. Categorical data analysis: Away from anovas (transformation or not) and towards logit mixed models. *Journal of Memory and Language*, v. 59, n. 4, p. 434–446, 2008.

JAKUBÍČEK, M. et al. The tenten corpus family. *Proceedings of the V International Conference on Corpus Linguistics*, 2013.

KEITH, D. Reference and definite descriptions. In: STEINBERG, D. D. (Ed.). *In Semantics: An Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology*. [S.l.]: Cambridge University Press, 1966. p. 100–114.

KENNEDY, G. *An introduction to corpus linguistics*. [S.l.]: Longman, 1998.

KILGARRIFF, A. et al. Pttenten: A corpus for portuguese lexicography. In: SARDINHA, T. B.; FERREIRA, T. (Ed.). *Working with Portugues Corpora*. New York: Bloomsbury Publishing, 2014. p. 111–127.

KLEIN, N. et al. weak definites as a form of definiteness: Experimental investigations. *Cognition*, v. 128, p. 187–213, 2006.

KRIFKA, M. et al. Genericity: an introduction. In: CARLSON, G.; PELLETIER, F. J. (Ed.). *The Generic Book*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ed. Ática, 2010.

MASON, W.; SURI, S. Conducting behavioral research on amazon's mechanical turk. *Behav Res*, v. 44, p. 1–23, 2012.

MERCHANT, J.; SIMPSON, A. *Sluicing: Cross-Linguistic Perspectives*. [S.l.]: Oxford, 2010.

NOSEK, B. A. Estimating the reproducibility of psychological science. *Science*, v. 349, n. 6251, p. aac4716–aac4716, 2015.

OLIVEIRA, R. P. de. *Semântica Formal: Uma breve introdução*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

PAOLACCI, G.; CHANDLER, J.; IPEIROTIS, P. G. Running experiments on amazon mechanical turk. *Judgment and Decision Making*, v. 5, n. 5, p. 411–419, 2010. Disponível em: <<http://EconPapers.repec.org/RePEc:jdm:journl:v:5:y:2010:i:5:p:411-419>>.

PERINI, M. A. *Gramática Descritiva do Português Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1995.

POESIO, M. Weak definites. In: HARVEY, M.; SANTELMANN, L. (Ed.). *Proceedings of the Fourth Conference on Semantics and Linguistic Theory*. Ithaca: CLC, 1994. p. 282–299.

ROBERTS, C. Uniqueness in definite noun phrases. *Linguistics and Philosophy*, Netherlands, 2003.

RUSSELL, B. On denoting. *Mind, New Series*, Oxford University Press, v. 14, p. 479–493, 1905.

- SA, T. M. M. de. *DEFINIDOS FORTES E FRACOS: UM ESTUDO SOBRE LIBRAS*. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, 2013.
- SA, T. M. M. de et al. Definiteness in brazilian sign language: a study on weak and strong definites. *ReVEL*, v. 10, p. 21–38, 2012.
- SARAIVA, M. E. F. Verbo "transitivo adverbial": uma mera questão de rótulo? *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, v. 2, p. 177–124, 1983.
- SARDINHA, T. B. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole, 2004.
- STRAWSON, P. On referring. *Mind, New Series*, v. 59, p. 320–344, 1950.
- TANENHAUS, M. K. et al. Integration of visual and linguistic information in spoken language comprehension. *Science*, v. 268, p. 1632–1634, 1995.
- VENDLER, Z. Verbs and times. *The Philosophical Review*, v. 66, p. 143–160, 1957.
- WACHOWICZ, T. C.; FOLTRAN, M. J. Sobre a noção de aspecto. *CADERNOS DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS*, Campinas, v. 48, p. 211–232, 2006.

ANEXO A – Termo de consentimento dos experimentos rodados nos EUA

DEPARTMENT OF
BRAIN AND COGNITIVE SCIENCES

Consent Form

Study Title: Fine-grained Lexical and Discourse Effects in Sentence Comprehension

Principal Investigator: Michael K. Tanenhaus (University of Rochester)

Co-Investigators:

Whitney Gegg-Harrison (University of Rochester)

Daniel Pontillo (University of Rochester)

Sarah Bibyk (University of Rochester)

Chigusa Kurumada (University of Rochester)

Amanda Pogue (University of Rochester)

Alyssa Ibarra (University of Rochester)

Thaís de Sá (Universidade Federal de Minas Gerais)

Study Coordinator:

Chelsea Marsh (University of Rochester)

This consent form describes a research study, what you may expect if you decide to take part and important information to help you make your decision. Please read this form carefully.

The study staff will explain this study to you. Please ask questions about anything that is not clear before you agree to participate or at any time. You may take this consent form home to think about and discuss with family or friends.

➤ Being in this study is voluntary – it is your choice.

Meliora Hall
University of Rochester
Rochester NY 14627-0268

RSRB# 31967

RSRB-University of Rochester-Approval
RSRB No. 31967
Expires April 11, 2016
- jsl 11/25/15 -

1 of 3

Version Date: 11/23/2015

- If you join this study, you can change your mind and stop at any time.
- There are risks from participating and you should understand what these mean to you.

Introduction

You are being asked to participate in this study because you can provide information about how normal adults understand language. To participate you must be 18 years of age and you must be a fluent native speaker of English. We consider you a native speaker of a language if you have grown up or spent most of your childhood speaking that language.

This study is being conducted by Michael K. Tanenhaus of the University of Rochester's Department of Brain and Cognitive Sciences.

Purpose of Study

The purpose of the study is to improve our understanding of human communication.

Description of Study Procedures

If you decide to participate in this study, you will be asked to read or listen to sentences, or view pictures, and answer questions related to these sentences or pictures. Doing one item on the Mechanical Turk web site does not commit you to doing any additional items, and you will not be penalized if you choose not to do so.

Number of Subjects

Approximately 1,000 to 3,000 individuals are expected to participate yearly.

Risks of Participation

There are no known risks associated with participation in this study. You are free not to participate or stop participation at any time for any reason.

Benefits of Participation

There is no direct benefit to you that you can expect to receive as a result of participating in this study.

Payments

Participants in the Mechanical Turk experiments will be paid \$0.08 to \$3.00 per HIT (Human Intelligence Task) via the Mechanical Turk interface, with possible bonuses based on choices made during the HIT. Each HIT will have different sentences and/or pictures, and will ask questions about those sentences and/or pictures. The payment is estimated based on an hourly rate of \$10. No direct payments will be sent from the lab or the University of Rochester.

Confidentiality of Records

The University of Rochester makes every effort to keep the information collected from you private. As Mechanical Turk provides no personal information to the University of Rochester, we will not have access to any such information during any part of your participation. The results of this research study may be presented at meetings or in publications.

Contact Persons

For more information concerning this research or if you feel that your participation has resulted in any emotional or physical discomfort please contact: Michael Tanenhaus at (585) 275-5491 or Chelsea Marsh (lab manager) at (585) 275-0514, or email Chelsea Marsh at cmarsh@bcs.rochester.edu. Please provide the experiment ID given at the top of the experiment page (starting with ID-).

Please contact the University of Rochester Research Subjects Review Board at 265 Crittenden Blvd., CPU 420315, Rochester, NY 14642, Telephone (585) 276-0005 or (877) 449-4441 for the following reasons:

- You wish to talk to someone other than the research staff about your rights as a research subject;
- To voice concerns about the research;
- To provide input concerning the research process;
- In the event the study staff could not be reached.

Voluntary Participation

Participation in this study is voluntary. You are free not to participate or to withdraw at any time, for whatever reason, without risking to be jeopardized for any current, past, or potential future relationships with any members of the department. In the event that you do withdraw from this study, the information you have already provided will be kept in a confidential manner.

ANEXO B – Termo de consentimento livre e
esclarecido dos experimentos rodados no
Brasil

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS PARTICIPANTES

Você está sendo convidado a participar da minha pesquisa relacionada ao meu doutorado, sob orientação da Profa. Dra. Maria Luiza Cunha Lima. O projeto de pesquisa que desenvolvemos trata da compreensão da linguagem de falantes nativos do português brasileiro. A realização desta pesquisa contribuirá para entendermos com mais clareza o modo como o falante do português realiza o processo de compreensão.

Se você se interessar em participar, sua tarefa consistirá em ler algumas orações e completá-las. A seção dura aproximadamente 15 minutos, podendo ser um pouco mais ou menos demorada de acordo com sua velocidade individual.

Não prevemos nenhum risco ou desconforto relacionados à coleta descrita aqui. Você não estará sendo avaliado nem julgado. Interessa-nos apenas investigar as habilidades que todos os falantes adultos da língua possuem. Durante a coleta não será perguntado nada sobre a sua vida pessoal nem serão tratados assuntos controversos ou delicados.

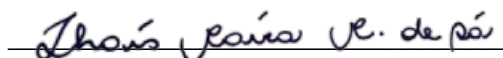
A participação no estudo é voluntária, e você tem toda a liberdade de se recusar a participar ou interromper a coleta de dados, ou ainda retirar seu consentimento em qualquer momento, sem que isso lhe cause qualquer tipo de prejuízo. Esclarecemos ainda que sua participação não implica em nenhum gasto da sua parte ou pagamento da nossa.

Sua identidade será mantida em sigilo durante todo o procedimento de coleta, transcrição e análise dos dados, de forma a garantir-lhe total privacidade. Os dados coletados serão apresentados em artigos científicos, congressos, relatórios e outros textos científicos do gênero.

Coloco-me à disposição para prestar esclarecimentos sobre qualquer dúvida que você possa ter com relação à metodologia empregada neste estudo, tanto antes quanto depois da sua execução. Abaixo¹, deixo as minhas informações de contato.

Caso você deseje colaborar, solicito que assine o presente termo externando o seu consentimento em duas vias, uma das quais ficará com você e a outra ficará comigo.

Agradecemos pela sua participação



Thaís Maíra Machado de Sá

Maria Luiza Cunha Lima

Nome do voluntário: _____

Idade: _____ Sexo: Feminino () Masculino ()

Telefone e/ou e-mail: _____

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2016.

Assinatura

1

APÊNDICE A – Lista de palavras analisadas em corpus

anestesista
armário
aspirador
avião
azulejo
banheiro
braço
cabeleireiro
cachoeira
cama
caminhão
celular
cinema
computador
dedo
elevador
escola
espelho
farmacêutico
flauta
guitarra
hospital
janela
manicure
ônibus
parede
pé
porta
quarto
rádio
seio

APÊNDICE B – Apostila de treinamento para a análise em corpus

Análise em corpora - Instruções

INTRODUÇÃO

O corpus analisado constitui "uma coletânea de textos falados e escritos coletados criteriosamente para serem uma amostra de uma língua ou variedade linguística" (Sardinha, 2004). Está disponível no site SketchEngine com o nome *ptTenTen11* e apresenta 2,757,635,105 palavras.

O objetivo da nossa análise é investigar se o definido fraco (sintagma nominal determinado por um artigo definido) seria uma categoria no estudo da referência, uma realidade semântica, ou se seria uma forma de genérico. Para distinguir as categorias fraco e genérico, precisamos observar se as duas categorias estão em distribuição complementar (suj X obj, adj) e perceber se apresentam as mesmas características semânticas. Para verificarmos se o fraco seria um tipo de incorporação do VP, precisamos observar as posições sintáticas em que ocorrem e analisar se as classes acionais são eventos (atividade, *accomplishment*, *achievement*, estado).

Com tal intuito, nossa análise é realizada em três partes:

1. Tipo de definido: fraco, forte, genérico e outros.
2. Função sintática: sujeito, objeto, adjunto adverbial e predicativo do sujeito.
3. Classe acional: estado, télico (acc e ach), atividade.

Para realizarmos tal análise, é importante destacar que nosso objeto de estudo é a oração (reduzida ou desenvolvida) em que o NP definido está contido. Assim, caso o NP definido faça parte de um período composto, a oração a ser analisada é a que ele se encontra, independentemente da hierarquia do período. Além disso, se ele não se apresentar em oração, a análise não é de nosso interesse e, por isso, em *tipo* deve-se marcar *outros*¹.

Antes de iniciarmos a análise, é importante que a oração seja separada e colocada em ordem SVO (sujeito-verbo-objeto). Quanto ao verbo da oração, em orações em que exista uma locução verbal, o verbo principal é o que deve ser analisado (classe acional).

Coletando e preparando os dados

Como já dissemos, nossos dados serão coletados no corpus *ptTenTen11*, disponível no site <https://the.sketchengine.co.uk/>. O login e a senha estão disponíveis

¹ Mais informações a seguir na seção 1, em *outros*.

no seu email. Após logar, basta selecionar o corpus e colocar a palavra que buscamos em *simple query* e clicar em *Make concordance* e selecionar português brasileiro.

Buscaremos as palavras contidas na lista *brain*. Quando você começar a análise de uma palavra, você deve marcá-la com sua cor em *brain* e ir completando o documento de acordo com sua análise.

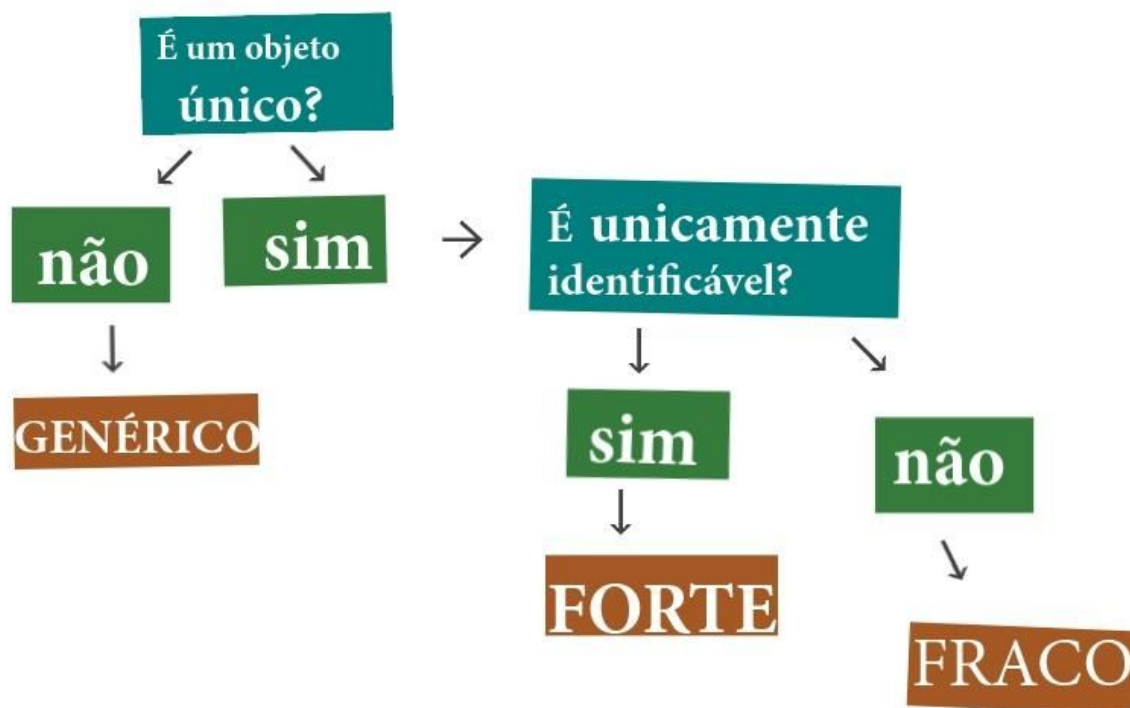
Suponhamos que escolhemos a palavra *agenda*. Primeiro criamos um arquivo do tipo excel (*Spreadsheet*) dentro da pasta *palavras*. Editamos o nome do arquivo com o nome da palavra a ser coletada e analisada, no nosso caso *agenda*. Copiamos e colamos em nossa tabela a formatação de um arquivo que já esteja pronto. Colocamos a palavra *agenda* na busca do SketchEngine e copiamos para o nosso documento as 400 primeiras ocorrências (20 primeiras páginas). Depois da cópia, ajustamos a formatação e iniciamos a análise.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K
1					Tipo	Função sintática	Verbo	Dúvidas			
2	Brasil	descobrir o seu conhecimento e faz a sua	agenda	de aula. Ontem fiquei duas horas em curso	outros	-	-		Fraco	Forte	
3	Brasil	dedicado tempo a lhe responder apesar de sua	agenda	extremamente carregada, com uma crise econômica	outros	-	-		0	2	
4	Brasil	confiáveis por natureza e de que tinham	agendas	prejudiciais para o povo alemão e a crença	outros	-	-				
5	Brasil	liderar um debate com a sociedade sobre uma	agenda	estratégica para gestão da cultura", acrescentou	outros	-	-		Suj	Obj	
6	Brasil	equipes do G-20 trabalhando para desenvolver a	agenda	de assuntos, questões e propostas que serão	forte	obj	ati		0	2	
7	Brasil	Em 2004, o presidente Bush escondeu sua	agenda	"Ele se apresentou como o defensor do país	outros	-	-				
8	Brasil	argumento de que a crise econômica torna a	agenda	progressista inviável? Não há dúvida de	forte	obj	est		Est	Acc	
9	Brasil	é, ela mesma, uma chance de começar uma	agenda	progressista. Seria justo o novo governo	outros	-	-		1	0	
10	Brasil	do colapso da economia. </p><p> Assim, uma	agenda	progressista séria não é apenas economicamente	outros	-	-				
11	Brasil	do Sul. </p><p> O interessante sobre essa	agenda	é em que medida grande parte dela poderia	outros	-	-		Fraco X Suj	Fraco X Obj	Fraco
12	Brasil	errado. Espero que a cúpula do G-20 defina a	agenda	para uma reforma séria, mediante a criação					0	0	
13	Brasil	referência, se forem parte fundamental das	agendas	políticas e, se diversos tipos de pessoas							
14	Brasil	país", tem muitas outras questões em sua	agenda	</p><p> Em segundo lugar, a Alemanha está	outros	-	-		Fraco X Est	Fraco X Acc	Fraco
15	Brasil	Foto: Bruno Kelly) </p><p> Na contramão da	agenda	do presidente Luiz Inácio Lula da Silva	outros	-	-		0	0	
16	Brasil	tucanos. </p><p> Concorde que o PT e o PSDB têm	agendas	parecidas mas não idênticas. Todos os dois	outros	-	-				
17	Brasil	pior com Dilma, como alguns acreditam. A	agenda	apenas avançará. As "liberdades" não					Fraco X Acc X Obj	Fraco X Acc X Adj	Fraco
18	Brasil	democraticamente eleitas mas para seguir a	agendas	dos "movimentos sociais". E como esconder	outros	-	-		0	0	
19	Brasil	internacional inserido completamente na	agenda	de inovação tecnológica, sendo este tema							
20	Brasil	no Congresso. Elas não ocorrem porque sua	agenda	legislativa é incapaz de produzir divisões	outros	-	-		Generico X Acc X Obj	Generico X Acc X Adj	Generico
21	Brasil	base governista." Houve apoio porque as	agendas	se cruzaram, em questões como a da Previdência	outros	-	-		0		

1. Tipo de definido (Coluna E)

São quatro possibilidades de classificação dos sintagmas nominais definidos: fraco, forte, genérico e outros. Ao completarmos a coluna E, usaremos os códigos: fraco; forte; generico; outros.

Perguntas básicas:



Detalhando os tipos:

a) Fracos:

São objetos únicos, mas não unicamente identificáveis, ou seja, não é necessário identificá-los para se entender a sentença.

Testes:

→ Correferencialidade (é importante ressaltar que pode ou não ser o mesmo objeto)

aonde seu piano ficará, deve se colocar	o piano	em locais que tenham a temperatura e a	fraco
---	---------	--	-------

João deve colocar o *piano* em locais que tenham a temperatura... Mara também. (diferentes pianos = aceitável = fraco)

→ Enriquecimento semântico (várias leituras possíveis = fraco)

João deve colocar o *piano* (de cauda, Siemens, clássico, que ganhou) em locais que tenham a temperatura.

João deve colocar o *piano* de cauda...

Mara deve colocar o *piano* clássico...

b) Forte: são objetos únicos que são **unicamente identificáveis**, ou seja, sei qual é o objeto e atinjo o significado da sentença.

sinto, não tenho mais as referências) e	a guitarra	ficou com este que vos escreve. </p><p> Então	forte
---	-------------------	---	--------------

Teste:

→ Correferencialidade (há a necessidade de ser o mesmo objeto):

A *guitarra* ficou com Mara. E também com João. (precisa ser a mesma guitarra = forte)

→ Não há enriquecimento semântico.

A *guitarra acústica (elétrica, espanhola, baiana)* ficou com Mara. E também com João. (precisa ser a mesma guitarra = forte)

c) Genérico: Não são objetos únicos. Representam um tipo.

com os demais instrumentos desse naipe.	A flauta	não possui palheta. Os sons são reproduzidos	generico
---	-----------------	--	-----------------

Teste:

→ Introdução de um objeto único:

A flauta não possui palheta. Os sons são reproduzidos...

? Ela quebrou. (Esta sentença é estranha pois não é possível fazer correferência de objeto quando o referente é tipo)

→ Pergunte se é um tipo. Pode ser substituído por outros tipos e o sentido se mantém.

O trompete não possui palheta. (a predicação é a mesma, só troquei o tipo do instrumento.)

Mara na guitarra. Mara no baixo. Mara na bateria. (todos referem a tipos de instrumentos, não há um objeto único)

d) outros:

NPs que não são determinados por um artigo definido:

- são determinados por um artigo indefinido

liderar um debate com a sociedade sobre uma	agenda	estratégica para gestão da cultura ", acrescentou	na	-	-
---	---------------	---	----	---	---

- são determinados por pronomes (demonstrativos, possessivos etc)

descobrir o seu conhecimento e faz a sua	agenda	de aula. Ontem fiquei duas horas em curso	na	-	-
--	---------------	---	----	---	---

- não apresentam determinante

situações, como por exemplo : na elaboração de	agenda	e a definição de recursos necessários para	na	-	-
--	---------------	--	----	---	---

Por convenção, colocamos como outros os NPs definidos que:

- fazem parte de títulos, "nomes próprios", como adjetivos (só nos interessam os nomes comuns) ou frases não-oracionais²

<p> (Super número 12, ano 3) </p><p> Mozart, </p>	a flauta	mágica </p><p> (Super número6, ano 5) </p>	outros	-	-
--	-----------------	---	--------	---	---

remédios para abaixar o colesterol ", conta o	farmacêutico	Edson Luiz da Silva , que liderou a pesquisa	outros	-	-
---	---------------------	--	--------	---	---

² Tomar cuidado com orações com verbos elípticos, elas devem ser analisadas. Ex:

2008, visitamos a Serra do Cipó . Fomos na	cachoeira	Véu da Noiva , Parque Nacional , Monumento	outros
--	------------------	--	--------

- plural

para o cão não ladrar mais, façam silêncio	os pianos	e o tambor sancione o féretro que sai com	outros
--	------------------	---	--------

- sem a forma esperada (no exemplo abaixo, a grafia está incorreta, deveria ser *piano*)

Órgão aplicador da medida; </p><p> Concluído	o piano	de atuação e articulação, serão adotados	outros
--	----------------	--	--------

- sem o significado esperado (para o baixo, esperávamos encontrar o instrumento e não o adjetivo)

Problemas como a alta carga tributária e	a baixa	capacitação em idioma inglês dos profissionais	outros
--	----------------	--	--------

- expressões idiomáticas e metáforas

trabalho de equipe. () todo mundo carrega	o piano	e sabe tocar-lo. É claro que há necessidade	outros
---	----------------	---	--------

2. Função sintática (Coluna F)

Em nosso estudo, faz-se importante verificar a função sintática dos NPs definidos. As classificações são: sujeito, objeto, adjunto (entram aqui complementos nominais e predicativos de objeto) e predicativo do sujeito. As codificações para a coluna F são: suj; obj; adj; pred e na.

Detalhando as funções:

a) Sujeito (suj)

É o sujeito da sentença. O definido pode fazer parte de um sujeito composto, ser um sujeito simples. Como dissemos no início, é importante que a frase seja colocada em

ordem SVO, para que se o sujeito não estiver em posição prototípica, ele não seja confundido com um objeto.

Ex:

4-Depois veja que tipo de madeira é feita	a guitarra	. Muitas guitarras são fabricadas com o	fraco	sujeito
---	------------	---	-------	---------

SVO: Depois veja que a guitarra é feita de que tipo de madeira

b) Objeto (obj)

São os objetos diretos e indiretos. Consideramos objetos aqueles que são um argumento do verbo, ou seja, o verbo pede tal complemento para ter seu sentido completo. Verbos como *sair, chegar, ir, voltar*, entre outros, apesar de serem considerados como intransitivos pela GT, consideramos como verbos transitivos, pois acreditamos que o lugar que acompanha esses verbos são argumentos do verbo, completando o seu sentido (Sempre consulte Luft, 2010, não use a GT para olhar transitividade).

c) Adjunto (adj)

Consideramos adjuntos os definidos que são adjuntos adverbiais e adnominais.

d) Predicativos de sujeito (pred)

São somente os predicativos de sujeito.

e) Não se aplica(na)

Vocativos, agente da passiva, complementos nominais, aposto, predicativo de objeto. Quando o sintagma é classificado como fraco e apresenta função sintática outros, analisamos qual função é, para melhor detalhamento do fenômeno.

3. Classes acionais (Coluna G)

Na nossa análise, verificaremos, a partir do verbo, a semântica da oração em que o NP definido está contido. Para isso, utilizaremos as classes acionais vendlerianas (Vendler, 1967). Tais classes são: estado, accomplishment e achievement, atividade. As codificações para a coluna G são: **est; ati; ach.**

Pela dificuldade encontrada no treinamento para se realizar a distinção entre acc e ach, optamos por não realizar tal distinção. Por partilharem da propriedade télica, resolvemos distinguir verbos de: estado, atividade e télico.

As classes acionais são um conjunto de classificações que se relacionam a propriedades do item lexical em composição com outros itens lexicais.

Os verbos de estado são verbos que não apresentam uma ação, como: saber, ser, amar, ver.

Os verbos de atividade são verbos que apresentam ação sem necessidade de um ponto final para serem realizadas: nadar, correr, ler, ir.

Os verbos télicos apresentam ação com necessidade de um ponto final pra ser acabada: quebrar, guardar, chegar.

Como Vendler (1967) afirma, as classes não são estáticas e um mesmo verbo pode ser analisado em diferentes classes acionais de acordo com o contexto em que está inserido.

Por isso, utilize os teste propostos por Dowty traduzidos pro português no texto de Wachowicz e Foltran(2006).

APÊNDICE C – Lista de sentenças experimentais em inglês americano

Tabela 20 – Materiais em inglês americano - Script 1

Condition	Item	context	target word	context
weak	101	On Tuesday, we took the	subway	to Brooklyn.
weak	102	John went to the	bathroom	when he arrived.
weak	103	Amanda stopped at the	supermarket	to buy some vegetables.
weak	104	Frank answers the	telephone	promptly.
weak	105	Jimi Hendrix played the	guitar	better than anyone else.
weak	106	Linda took the	bus	to go to college.
generic	207	In the XVIII century, hygiene rules were introduced into the	hospital	in the western world.
generic	208	First responders rely on the	radio	in case of an emergency.
generic	209	The Romans established the	gym	to provide people with a distraction.
generic	210	The ancient Egyptians printed the	newspaper	on papyrus.
generic	211	The great German composer, Wagner, changed the	opera	for good.
generic	212	The Greeks invented the	mirror	a long time ago.
regular	313	Chris worked at the	bank	for 10 years.
regular	314	Richard marked the	calendar	with next semester's class times.
regular	315	Daniel's company built the	mall	by itself.
regular	316	Oliver forged the	sword	from a single piece of steel.
regular	317	Ben cut the	basketball	with a big knife.
regular	318	The trainer packed up the	discus	after the meet was over.

Tabela 21 – Materiais em inglês americano - Script 2

Condition	Item	Context	Target word	Context
generic	201	New York City was the first to conceive of the	subway	in 1869.
generic	202	Builders first included the	bathroom	inside the house in 1854.
generic	203	Local markets were replaced by the	supermarket	in the 1980s.
generic	204	Lots of people rely on the	telephone	in USA.
generic	205	Most songwriters use the	guitar	when writing songs.
generic	206	Henry Ford created the	bus	in his early years.
regular	307	Workers picketed the	hospital	to protest layoffs.
regular	308	Zack broke the	radio	last night.
regular	309	Sarah got rid of the	gym	because of the recession.
regular	310	Arthur tore the	newspaper	because he was angry.
regular	311	Mike practiced the	opera	early last night.
regular	312	Jessica cracked the	mirror	that night.
weak	113	Chris stopped by the	bank	on Monday.
weak	114	Richard checked the	calendar	for the holidays.
weak	115	Daniel shopped at the	mall	for Christmas gifts.
weak	116	Oliver handles the	sword	with perfection.
weak	117	Ben shoots the	basketball	really well.
weak	118	Carol threw the	discus	in the track meet.

Tabela 22 – Materiais em inglês americano - Script 3

Condition	code	context	target word	context
regular	301	The police barricaded the	subway	yesterday.
regular	302	John cleaned the	bathroom	when he arrived.
regular	303	Amanda parked at the	supermarket	to avoid paying for parking.
regular	304	Liam borrowed the	telephone	from Sophia.
regular	305	Samuel sold the	guitar	last year.
regular	306	James crashed the	bus	during the night.
weak	107	Mary went to the	hospital	this morning.
weak	108	Zack listens to the	radio	while he drives.
weak	109	Sarah goes to the	gym	in order to exercise.
weak	110	Arthur reads the	newspaper	at home.
weak	111	Mike went to the	opera	with his friends.
weak	112	When Jessica's husband arrived, she looked in the	mirror	to check herself.
generic	213	In Medieval times, merchants used the	bank	to deposit their credit.
generic	214	The Mayans developed the	calendar	a long time ago.
generic	215	The Americans introduced the	mall	to provide shopping to all citizens.
generic	216	Europeans wore the	sword	as a weapon.
generic	217	The American Basketball Association adopted the	basketball	in the late 1880's.
generic	218	Modern Olympics standardized the	discus	to weight 2 kilograms.

APÊNDICE D – Lista de sentenças experimentais em português brasileiro

Tabela 23 – Materiais em português brasileiro - Script 1

condition	item	context	target word	context
weak	101	Na terça-feira, pegamos	o metrô	para a estação Vilarinho.
weak	102	João correu para	o banheiro	quando ele chegou.
weak	103	Amanda foi	ao supermercado	para comprar alguns vegetais.
weak	104	Matheus foi	à ópera	com seus amigos.
weak	105	Jimi Hendrix tocava	a guitarra	melhor que qualquer um.
weak	106	Ana pegou	o ônibus	para ir à faculdade.
generic	207	No final século XIX, Louis Pasteur introduziu	no hospital	as regras de higiene.
generic	208	Os socorristas dependem	do rádio	em caso de emergência.
generic	209	Os romanos implantaram	a academia	para fornecer distração às pessoas.
generic	210	As Olimpíadas modernas padronizaram	o disco	para pesar 2 kg.
generic	211	Muitas pessoas dependem	do telefone	no Brasil.
generic	212	Os gregos inventaram	o espelho	há muito tempo.
regular	313	Cris fechou	o banco	no lugar do gerente.
regular	314	Ricardo marcou	no calendário	os horários das aulas do próximo semestre.
regular	315	A empresa de Daniel construiu	o shopping	sem incentivos fiscais.
regular	316	André forjou	a espada	a partir de uma única peça de aço.
regular	317	Bruno cortou	a bola	com uma faca grande.
regular	318	Arthur rasgou	o jornal	porque ele estava com raiva.

Tabela 24 – Materiais em português brasileiro - Script 2

condition	item	context	target word	context
generic	201	Nova Iorque foi a primeira cidade a implantar	o metrô	em 1869.
generic	202	Em 1854, os empreiteiros incluíram	o banheiro	dentro das casas pela primeira vez.
generic	203	Sites de compra substituirão	o supermercado	nos próximos cinco anos.
generic	204	O grande compositor alemão, Wagner, mudou	a ópera	para sempre.
generic	205	Muitos compositores usam	a guitarra	quando estão compondo.
generic	206	Henry Ford criou	o ônibus	em 1881.
regular	307	Trabalhadores bloquearam	o hospital	para protestar contra as demissões.
regular	308	Lucas quebrou	o rádio	ontem à noite.
regular	309	Sara vendeu	a academia	por causa da crise.
regular	310	O treinador guardou	o disco	após a competição.
regular	311	João pegou	o telefone	emprestado com a Maria.
regular	312	Jéssica quebrou	o espelho	aquela noite.
weak	113	Cris foi	ao banco	na segunda-feira passada.
weak	114	Ricardo checou	o calendário	para ver os feriados.
weak	115	Daniel foi	ao shopping	para comprar os presentes de Natal.
weak	116	André segura	a espada	com perfeição.
weak	117	Bruno arremessa	a bola	muito bem.
weak	118	Arthur lê	o jornal	todas as manhãs.

Tabela 25 – Materiais em português brasileiro - Script 3

condition	item	context	target word	context
regular	301	A polícia bloqueou	o metrô	ontem.
regular	302	João lavou	o banheiro	quando ele chegou.
regular	303	Os bandidos roubaram	o supermercado	na semana passada.
regular	304	Lucas praticou	a ópera	ontem à noite.
regular	305	Samuel vendeu	a guitarra	ano passado.
regular	306	Carlos bateu	o ônibus	durante a noite.
weak	107	Maria foi	ao hospital	nesta manhã.
weak	108	Lucas ouviu	o rádio	enquanto dirige.
weak	109	Sara vai	à academia	a fim de exercitar-se.
weak	110	Carol joga	o disco	no campo de arremesso.
weak	111	Carlos atende	o telefone	rapidamente.
weak	112	Quando a esposa do André chegou, ele checou	o espelho	para ver se o cabelo estava em ordem.
generic	213	Nos tempos medievais, os comerciantes usavam	o banco	para depositar seus créditos.
generic	214	Os maias criaram	o calendário	1000 a.C.
generic	215	Os americanos introduziram	o shopping	para proporcionar compra a todos os cidadãos.
generic	216	Os europeus usavam	a espada	como arma.
generic	217	Os chineses inventaram	a bola	para jogar tênis de mesa.
generic	218	Antigamente, os egípcios imprimiam	o jornal	no papiro.

APÊNDICE E – Lista de sentenças distratoras

Tabela 26 – Sentenças distratoras em inglês americano

condition	item	sentence	sentence with target word
filler	801	Claudia doesn't like to let her hair grow.	Claudia doesn't like to let her 'hair' grow.
filler	802	Today, Maya wants to buy a dress.	Today, 'Maya' wants to buy a dress.
filler	803	Every year, Daniela goes to the beach.	Every year, 'Daniela' goes to the beach.
filler	804	Diego is a teacher in a public school.	Diego is a teacher in a 'public' school.
filler	805	Some students liked the new course.	Some 'students' liked the new course.
filler	806	That chair was broken.	That 'chair' was broken.
filler	807	This coffee machine wasn't working.	This 'coffee machine' wasn't working.
filler	808	Maryam swam more than 10 miles this morning.	Maryam swam more than 10 'miles' this morning.
filler	809	Rick likes to have lunch with his parents on the weekends.	Rick likes to have lunch with his 'parents' on the weekends.
filler	810	The company bought dictionaries to the employees.	The 'company' bought dictionaries to the employees.
filler	811	Ross decided tell Igor that he was in love.	Ross decided tell Igor that 'he' was in love.
filler	812	That dog barked all night long.	That 'dog' barked all night long.
filler	813	The wind was too strong and overturned everything in the room.	The wind was too 'strong' and overturned everything in the room.
filler	814	It rained for four days , non-stop.	It rained for four 'days' , non-stop.
filler	815	Isabella didn't like the cake from that new place in the city.	Isabella didn't like the cake from that new 'place' in the city.
filler	816	The Christmas decoration was too expensive.	The Christmas 'decoration' was too expensive.
filler	817	The dog played with a plastic bottle.	The dog played with a 'plastic' bottle.
filler	818	The housewife who will move the vase isn't keen on cleaning in general.	The housewife who will move the vase isn't keen on 'cleaning' in general.
filler	819	The book tells a story about an old guy who fought in the civil war.	The book tells a story about an old guy who fought in the 'civil' war.
filler	820	Knitting is a very usual craft in that community for may years.	Knitting is a very usual craft in that 'community' for may years.
filler	821	The computer breaks all the time.	The 'computer' breaks all the time.
filler	822	Drinking tea in the winter is better than drinking coffee.	Drinking tea in the 'winter' is better than drinking coffee.
filler	823	The lab meeting started later than usual yesterday morning.	The lab meeting started later than usual 'yesterday' morning.
filler	824	In 1907, Frida Kahlo , a famous Mexican painter, was born.	In 1907, 'Frida Kahlo' , a famous Mexican painter, was born.
filler	825	A boy fell from the window.	A 'boy' fell from the window.
filler	826	The girl cut the steak with her knife quickly.	The girl cut the steak with her 'knife' quickly.
filler	827	Today, Richard woke up quite early.	Today, 'Richard' woke up quite early.
filler	828	Ashley told Greg that June is pregnant.	Ashley told Greg that 'June' is pregnant.
filler	829	Annalise is a very successful professional in the finance industry.	Annalise is a very successful professional in the 'finance' industry.
filler	830	That club was closed last night.	That 'club' was closed last night.
filler	831	Last night, Wes made an important decision.	Last night, 'Wes' made an important decision.
filler	832	Bonnie's brothers, Sam and Mike are in trouble.	Bonnie's brothers, 'Sam and Mike' are in trouble.
filler	833	Asher has been to Paris several times during last five years.	Asher has been to Paris several times during last 'five' years.
filler	834	Patricia was considered the most bright student in her school this year.	Patricia was considered the most bright student in her 'school' this year.
filler	835	The jar was full of the most delicious strawberry jelly.	The jar was full of the most delicious 'strawberry' jelly.
filler	836	The girl who will hung the shirt in the clothesline is called Melany.	The girl who will hung the shirt in the 'clothesline' is called Melany.

Tabela 27 – Sentenças distratoras em português brasileiro

condition	item	sentence	sentence with target word
filler	801	Cláudia não gosta de deixar o cabelo crescer.	Cláudia não gosta de deixar o 'cabelo' crescer.
filler	802	Hoje, Beatriz quer comprar um vestido.	Hoje, 'Beatriz' quer comprar um vestido.
filler	803	Todo ano, Daniela vai para a praia.	Todo ano, 'Daniela' vai para a praia.
filler	804	Diego é professor na escola pública.	Diego é professor na 'escola' pública.
filler	805	Alguns alunos gostaram do novo curso.	Alguns 'alunos' gostaram do novo curso.
filler	806	Aquela cadeira está quebrada.	Aquela 'cadeira' está quebrada.
filler	807	Esta máquina de café não está funcionando.	Esta 'máquina de café' não está funcionando.
filler	808	Maria nadou mais de 10 quilômetros essa manhã.	Maria nadou mais de 10 'quilômetros' essa manhã.
filler	809	Antonio gosta de almoçar com os pais nos finais de semana.	Antonio gosta de almoçar com os 'pais' nos finais de semana.
filler	810	A companhia comprou dicionários para os empregados.	A 'companhia' comprou dicionários para os empregados.
filler	811	Julio decidiu contar a Igor que ele está apaixonado.	Julio decidiu contar a Igor que 'ele' está apaixonado.
filler	812	Aquele cachorro latiu a noite toda.	Aquele 'cachorro' latiu a noite toda.
filler	813	O vento estava tão forte e bagunçou tudo no quarto.	O vento estava tão 'forte' e bagunçou tudo no quarto.
filler	814	Choveu por quatro dias sem parar.	Choveu por quatro 'dias' sem parar.
filler	815	Isabella não gostou do bolo da nova loja da cidade.	Isabella não gostou do bolo da nova 'loja' da cidade.
filler	816	A decoração de Natal foi muito cara.	A decoração de 'Natal' foi muito cara.
filler	817	O cachorro brincou com a garrafa de plástico.	O cachorro brincou com a 'garrafa' de plástico.
filler	818	A dona de casa que irá mover o vaso não é perspicaz em limpar no geral.	A dona de casa que irá mover o vaso não é perspicaz em 'limpar' no geral.
filler	819	O livro conta a estória de um velho soldado que lutou na guerra civil.	O livro conta a estória de um velho soldado que lutou na 'guerra' civil.
filler	820	Costurar é muito comum no artesanato na comunidade por muitos anos.	Costurar é muito comum no artesanato na 'comunidade' por muitos anos.
filler	821	O computador estraga o tempo todo.	O 'computador' estraga o tempo todo.
filler	822	Beber chá no inverno é melhor que tomar café.	Beber chá no 'inverno' é melhor que tomar café.
filler	823	O encontro do laboratório começou mais tarde que o usual ontem de manhã.	O encontro do laboratório começou mais tarde que o usual 'ontem' de manhã.
filler	824	Em 1907, Frida Kahlo, a famosa pintora mexicana, nasceu.	Em 1907, 'Frida Kahlo', a famosa pintora mexicana, nasceu.
filler	825	O menino caiu da janela.	O 'menino' caiu da janela.
filler	826	A menina cortou o bife com a sua faca rapidamente.	A menina cortou o bife com a sua 'faca' rapidamente.
filler	827	Hoje, Roberto acordou um pouco tarde.	Hoje, 'Roberto' acordou um pouco tarde.
filler	828	Alice contou para o Guilherme que Julia está grávida.	Alice contou para o Guilherme que 'Julia' está grávida.
filler	829	Aline é uma profissional muito sucedida na indústria financeira.	Aline é uma profissional muito sucedida na 'indústria' financeira.
filler	830	Aquela boate estava fechada ontem à noite.	Aquela 'boate' estava fechada ontem à noite.
filler	831	Ontem à noite, Marcos tomou uma decisão importante.	Ontem à noite, 'Marcos' tomou uma decisão importante.
filler	832	Os irmãos de Gabriela, Lucas e Leonardo estão em apuros.	Os irmãos de Gabriela, 'Lucas e Leonardo' estão em apuros.
filler	833	Carol esteve em Paris várias vezes durante os últimos cinco anos.	Carol esteve em Paris várias vezes durante os últimos 'cinco' anos.
filler	834	Patricia foi considerada a estudante mais brilhante da sua escola esse ano.	Patricia foi considerada a estudante mais brilhante da sua 'escola' esse ano.
filler	835	O pote estava cheio da melhor geléia de morango.	O pote estava cheio da melhor 'geléia' de morango.
filler	836	A garota que irá pendurar a camisa no varal de roupas se chama Marcela.	A garota que irá pendurar a camisa no 'varal de roupas' se chama Marcela.

APÊNDICE F – Julgamento de Palavras - Instruções

Instructions

Hi! In this experiment, you are going to read some sentences, always containing a word which is **bolded**.

As you can see in the example below, you will always see one sentence with a bolded word with a scale below that ranges from individual to category. Your task is to rate the degree to which you think the bolded word refers to a specific or individual referent or a category.

Example: The gangster broke into the **office** last night.

individual —————  *category*

To continue, press Next.

Next →

Figura 23 – Julgamento de sentenças - Tela de instruções 01

Instructions

Here is how to use the scale. In the example below, the bolded word **office** refers to a particular or individual office, so you put the arrow close to *individual* in the scale.

Example: The gangster broke into the **office** last night.

individual —————  *category*

To continue, press Next.

← Previous

Next →

Figura 24 – Julgamento de sentenças - Tela de instruções 02

Instructions

In the next example, **office** still is the bolded word but it is being used more generally to refer to a category, there is no particular office being referred to, so you put the arrow close to *category* in the scale.

Example: Baby boomers preferred to work at the **office** than at home.

individual —————  ————— *category*

To continue, press Next.

← Previous

Next →

Figura 25 – Julgamento de sentenças - Tela de instruções 03

Instructions

These are clear examples but there may be some that are less clear or where you think it could be both. Where you place the arrow on the scale reflects the degree to which you think the bolded word refers to an individual or a category. You can place the arrow anywhere on the scale to reflect your judgment. During the experiment, after you rate the word, you should press ENTER to go to the next sentence.

To continue, press Next.

← Previous

Next →

Figura 26 – Julgamento de sentenças - Tela de instruções 04

Instructions

Let's start the experiment!

Please move the arrow to indicate the degree to which you interpret the bolded word as referring to an individual or to a category. After rating the word, don't forget to press ENTER to go to the next sentence.

← Previous

Begin the experiment →

Figura 27 – Julgamento de sentenças - Tela de instruções 05

Instructions

Let's start the experiment!
Please decide which is the best continuation for the following sentences.

← Previous

Begin experiment →

Figura 30 – Decisão Forçada - Tela de instruções 03

APÊNDICE H – Completação livre - Instruções

Instructions

Hi! In this experiment, you are going to read some sentences and write the best continuation for them.

As you can see in the example below, you will always see one sentence and a box to write the best follow up sentence for it.

Example: The office was broken into last night.

To continue and practice this, press Next.

Figura 31 – Completação livre - Tela de instruções 01

Instructions

Let's practice! Read the sentence below and write a follow up continuation for it. When you are done, press the button Submit.

The office was broken into last night.

Figura 32 – Completação livre - Tela de instruções 02

Instructions

Let's start the experiment!

Please write a sentence which is the best follow up for the sentence you read.

Figura 33 – Completação livre - Tela de instruções 03

APÊNDICE I – Completação Forçada - Instruções

Instructions

Hi! In this experiment, you are going to read some sentences and write the best continuation for them, always containing the word which is **bolded**.

As you can see in the example below, you will always see one sentence with one word in bold followed by a box in which to write the best follow up sentence.

Example: The office was broken into last **night**.

To continue, press Next.

[Next →](#)

Figura 34 – Completação Forçada - Tela de instruções 01

Instructions

In the example, the word in bold is night, so the follow-up sentence must have the word night in its content, like the continuations in the example.

You can include articles or use a variant (e.g. plural) of the word.

The office was broken into last **night**.

Example of continuation 1: On that **night** other crimes happened.

The office was broken into last **night**.

Example of continuation 2: This happened many **nights** in a row.

[← Previous](#)

[Next →](#)

Figura 35 – Completação Forçada - Tela de instruções 02

Instructions

Let's practice! Read the sentence below and write a follow up continuation for it with the word that is in **bold**. When you are done, press the Submit button.

The office was broken into last **night**.

Figura 36 – Completação Forçada - Tela de instruções 03

Instructions

Let's start the experiment!

Please write a sentence which is the best follow up for the sentence you read with the word that is in **bold**.

Figura 37 – Completação Forçada - Tela de instruções 04